

ANEXO C – Entrevistas com professores, diretores e coordenadores pedagógicos

ROTEIRO DE ENTREVISTA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO/ FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PARTE I

1 - Caracterização da Pré-escola

1.1 Dados Gerais

- a) Localização, bairro, região, características gerais
- b) Tipo de clientela: nível socioeconômico
- c) Períodos e número de salas

1.2. Estrutura Administrativa e de Apoio

- a) Corpo técnico-administrativo (diretor, coordenador, funcionários etc.).
- b) Situação funcional dos professores e tempo de serviço na escola.
- c) Instalações e infraestrutura disponível (biblioteca, quadras, sala de informática etc.)
- d) Recursos didáticos e de apoio (vídeo, computador, máquina fotocopadora etc.)
- e) Parcerias

2. Estrutura Pedagógica

- a) Proposta Pedagógica/ Regimento Escolar/ Plano de Gestão
- b) Relação escola/família/comunidade circundante/cidade.

3. Acompanhamento do processo de ensino e aprendizagem

- a) Registros, portfólios, relatórios etc.
- b) Observação e registro da presença da cultura escrita na escola (tipos de materiais expostos: impressos, produzidos por professores e crianças).

PARTE II

1. Entrevista com Coordenadora Pedagógica e Diretora

a) Formação, tempo de experiência no magistério e nesta pré-escola

b) Como planeja o seu trabalho anual?

1. *Sobre reuniões* na escola:

. Tipo de reunião (pedagógica, de pais, APM, Conselho de Escola, Conselho de classe) e frequência com que ocorrem?

. Que temas são normalmente tratados?

. Que dinâmicas são utilizadas? Como é o “clima geral” das reuniões? No geral, como são os resultados e os encaminhamentos?

2. *Sobre a função que desempenha*

. Dificuldades e satisfações da coordenação pedagógica de modo geral e nesta escola

. Em que medida sente que interfere efetivamente na vida da escola (estrutura, organização, relacionamento, clima etc.)?

. Se tivesse que passar um “segredo do sucesso” para uma futura coordenadora pedagógica, qual seria?

3. *Sobre o trabalho pedagógico e a formação de professores*

- Existência de projetos institucionais: descrição dos mesmos em sua vinculação com a leitura e a escrita.

- Relação da equipe gestora com a formação em serviço (horário de trabalho coletivo, pautas e temas da formação continuada etc.)

- Percepção do trabalho da professora.

2. Entrevista com Professora

- Tempo na função e tempo de trabalho na Educação Infantil

- Tempo no cargo nessa instituição

- Outros cargos coexistentes

- Percepção pessoal acerca de seu próprio desempenho no papel. Já se considera formada ou busca aperfeiçoamento? No segundo caso, como busca complementar sua formação? Cursos? Formação em serviço? Leitura bibliográfica?

- Como planeja seu trabalho? O que já trabalhou relacionado à leitura e à escrita? O que ainda pensa em trabalhar?

- Como descreveria o grupo de crianças com o qual trabalha?

- Pedido de seleção de 15 crianças que integrarão a amostra a partir dos critérios apresentados:

a) Cinco crianças que pedem pouco apoio nas atividades de leitura e escrita. Cinco crianças das que necessitam muita ajuda para realizar as atividades de leitura e escrita e cinco crianças que, às vezes, requerem ajuda e, outras vezes, realizam as atividades com mais autonomia.

b) 70% de frequência em sala.

c) Não ter tido nenhuma experiência ou problema recente, nem ter características específicas que afetem seu processo de aprendizagem.

3. Sobre as propostas de leitura e escrita

a) Análise de documentos, planejamentos e cadernos de classe (uso, tipo de atividades: o que a professora solicita que a criança faça em seu caderno, escritas presentes, marcas do docente etc.) e pastas com produções das crianças.

b) Observação não participante e registro gravado em vídeo de uma atividade de leitura ou escrita escolhida pela professora.

c) Observação do ambiente da classe: disposição das carteiras, biblioteca de sala, materiais à disposição das crianças, materiais produzidos pelas crianças expostos na classe ou na escola.

4. Sobre o contexto familiar

- Análise de documentos:

a) País, estado e cidade de origem.

b) Nível de instrução dos pais.

c) Ocupação dos pais.

d) Tipo de moradia no entorno da escola (casa, cortiço, favela etc.).

ANEXO C - ENTREVISTAS

Transcrição da gravação em áudio de entrevista com a Diretora e Coordenador Pedagógico da Escola X1

Data: 15.06.2011

Entrevistadora – P: Conta um pouquinho do seu percurso profissional, o que você estudou, a sua formação, onde você trabalhou...

Entrevistada – Diretora - R1: bom, comecei primeiro fazendo curso superior, primeiro fui fazer matemática.

P: Você também?

Entrevistado – Coordenador - R2: também sou de matemática.

R1: mas aí depois eu tive um problema de saúde, tive até que parar a faculdade no caminho, no meio do caminho. Na época tive que trabalhar para pagar a faculdade também, né, e eu tive que optar entre uma coisa ou outra e tive que continuar trabalhando. Aí no meio do caminho, mesmo tendo feito o ensino médio, que a gente falava colegial, eu resolvi fazer o magistério. Aí fui fazer o magistério, gostei. Aí saí da firma que eu trabalhava e comecei já a dar aula... quando estava no último ano do magistério, que tive que fazer dois anos, que era o terceiro e quarto para ter a complementação, e aí eu comecei a dar aula particular, em casa. Comecei a dar aula particular em casa, dei mais ou menos uns 2 anos, aí eu fui trabalhar em uma escola de reforço, trabalhei praticamente uns 2 anos nessa linha...

P: com matemática...

R1: não, aí já não mais com matemática. Até dava aula, mas mais para as áreas do Fundamental I. E aí tentava, na época, me lembro, no Estado, vaga para eventual, todo aquele sufoco que a gente tem no início, foi bastante difícil. Aí depois de dois anos de formada eu consegui começar no Estado. Aí comecei no Estado como eventual, depois logo já fui substituindo as professoras. Me lembro que peguei uma licença maternidade, que na época eram só 3 meses. Era o que na época chamavam de pré-escola, né, que tinha pré-escola no Estado, lembro que peguei uma classe de pré-escola. E fui assim me identificando muito com educação infantil. Aí fiquei 2 anos no Estado. Mas naquela coisa de uma hora tem aula, outra hora não tem aula... né... a gente precisando trabalhar, aí eu consegui entrar em uma escola particular no Tucuruvi, eu tinha estudado nessa escola, meus irmãos também. Aí eu fui trabalhar lá, trabalhei 2 anos com educação infantil lá. Depois foram 2 anos com a segunda série. Aí depois surgiu uma oportunidade entre os familiares e eu quis abrir uma escolinha infantil. Aí abri uma escolinha infantil. Fiquei 8 anos com a escolinha infantil. Muito difícil, muito complicado. A escola infantil é difícil você... os pais tiram a criança da escola por motivos diversos, então você não tem uma estabilidade, você não pode contar. Muito interessante eu achava, que chegava novembro... eles tiravam as crianças da escola para não ter que pagar dezembro e janeiro. Aí quando chegava fevereiro eles voltavam e punham as crianças de novo, e a gente tinha toda aquela dificuldade de final de ano com as despesas maiores. Mas eu tentei durante 8 anos. Aí teve aqueles problemas... o sistema financeiro do Brasil, todos aqueles problemas, né... e resolvi fechar. Aí fechei a escola e resolvi fazer pedagogia. E aí eu voltei a fazer... voltei para a faculdade para fazer pedagogia...

P: onde você fez pedagogia?

R1: na UNG. Universidade de Guarulhos. Aí fiz o curso, tive um curso com professores muito bons lá. E... voltei, comecei tudo de novo. Aí voltei para o Estado, comecei tudo de novo, como eventual, toda aquela vida novamente, aquela confusão. Aí eu tentava emprego em escola particular, não conseguia, porque eles

diziam que eu era velha para trabalhar com crianças. Que existe esse preconceito na escola particular. E tinha... acho que 37 anos na época. Aí voltei tudo de novo, comecei tudo de novo no Estado como eventual, comecei a prestar concurso... aí estava tendo concurso da Prefeitura para professor... aí não fui tão bem colocada. Aí fiz o de Guarulhos, passei no concurso de Guarulhos, fui a vigésima colocada, prestei o concurso em maio e em agosto me chamaram.

P: professora de que segmento?

R1: educação infantil, porque eu sempre gostei muito da educação infantil. Aí fui para a educação infantil em Guarulhos. Apesar que lá eles não tem uma divisão, mas graças a Deus eu tinha sorte e sempre pegava classes de educação infantil. Fui para Guarulhos, fiquei 4 anos em Guarulhos, como professora lá, concursada. Aí fui chamada em São Paulo, nisso eu prestava concurso pelo interior, prestei para vários lugares... Aí, prestava tanto para professora como para diretora, porque tinha feito administração... junto fiz supervisão, aí depois eu fiz um curso assim de especialização. E... fui chamada em São Paulo. Aí saí de Guarulhos e vim para São Paulo.

P: aí já como...

R1: como professora, em 2006 eu iniciei aqui em São Paulo, também com educação infantil, no Jardim Tremembé. Aí depois em agosto de 2008, eu tinha prestado concurso para diretora e aí eu fui chamada para diretora também aqui em São Paulo. Aí primeiro fiquei no Mazzei, em Itaquera, 6 meses de 2008. Aí em 2009 eu vim para aqui, no Teotônio Vilela, fiquei 2009 e 2010 e agora em 2011 estou aqui na EMEI Alexandre Gama.

P: e aí quando que você começou a trabalhar na direção?

R1: agosto de 2008.

P: e foi concurso?

R1: foi.

P: e aqui, conta um pouco como é a comunidade, as características do bairro, a relação das famílias com a escola...

R1: bom, nós estamos na periferia, uma comunidade carente onde nós temos aqui pessoas que a maioria está no trabalho informal ou trabalhos assim mais braçais, empregados domésticos. Agora... fiquei sabendo agora que também tem uma área de invasão muito próxima aqui, que está crescendo também.

P: essa favela aqui chama D.?

R1: chama J. D. Só que aqui nós temos uma parte que é... não é invasão, é uma parte legalizada, que as pessoas tem a propriedade. E a outra parte nós temos a área de invasão, agora estamos com uma área de invasão bem grande, de favela mesmo de... de barracos, né, aqui próximo também. Então, nós temos uma parte da comunidade trabalhadora, teoricamente formal, e uma parte bem... mais carente, né. Bastante carente. Mas eles são participativos, eu considero a comunidade participativa. Eles vem à escola, participam, mas são pessoas assim simples, são pessoas... eh... humildes. E uma característica que eu vejo aqui, muito interessante, é que eles procuram muito também a escola assim, por exemplo, para usar no final de semana...

P: ah, pode usar a escola...

R1: pode...

P: então a gente deixa, não a escola em si, mas a parte externa, né. Eles usam o pátio de fora, o parque, eles procuram bastante a escola para isso. Também às vezes eles querem... procuram a escola também para algumas associações que nós temos, algumas... ONGs que existem aqui na região... tem um grupo de terceira idade, que inclusive no ano passado nós tivemos doação de brinquedos para as crianças da escola e para a comunidade. Então eles às vezes solicitam o espaço, o prédio... Nós não temos grandes problemas, grandes dificuldades, pelo menos eu não tive até agora. A gente tem um bom relacionamento com a comunidade...

P: aqui, você já está há um ano...

R1: não, entrei agora em janeiro.

P: e você sabe se algumas famílias participam, são beneficiárias de algum programa do governo, Bolsa Escola...

R1: Bolsa Família eu achei interessante aqui, tem poucos... até semana passada nós tivemos que fazer o levantamento, uma criança só que recebe o Bolsa Família, pelo menos que veio para nós. Uma criança só que nós percebemos. Durante o ano nós tivemos alguns... houve uma época que teve uma frequência de pais pedindo declarações, que eles falam que é para poder participar do Bolsa Família. Eu acredito que mais para frente a gente tenha outros alunos participando desse tipo de programa.

P: e você tem algum dado sobre o nível de alfabetização dos pais?, se tem pais analfabetos?

R1: olha, tem, porque na reunião de pais a gente conversa com as professoras e às vezes quando tem que assinar lista às vezes elas não comentam, mas – ah, esqueci o óculos... ah... não consigo assinar -, coisas do tipo. Não são muitos, mas tem alguns.

P: e aqui você tem quantas salas?

R1: manhã e tarde. Dois períodos, são 4 salas... 8 classes, 280 alunos...

P: ao todo. Quatro salas de espaço físico e 8 turmas, porque 4 de manhã e 4 à tarde.

P: Quatro em cada período... tem por volta de quantos alunos em cada turma?

R1: 35 fechado. [ri]

P: tem alunos de inclusão?

R1: temos, duas.

P: e quando tem alunos de inclusão há uma diminuição...

R1: aqui não, aqui não houve essa diminuição, devido à demanda. Nós estamos com uma demanda muito grande ainda de espera. Na região, né.

P: e aqui vocês atendem 4 e 5, né?

R1: isso.

P: e quantas salas são, duas e duas?

R1: duas e duas. Duas de quinto infantil e duas de sexto. Nos dois períodos.

P: e além de você e do CP, quais são os outros profissionais ou técnicos, administrativos, da equipe de apoio?

R1: então, na parte de gestor sou eu, a diretora. Assistente de direção é a Simone... e um coordenador pedagógico. Na parte gestora. Na equipe administrativa eu tenho uma AT de secretaria e dois ATs de inspeção.

P: e de apoio à merenda...

R1: apoio nós temos só a parte da cozinha, a merenda, porque a limpeza é terceirizada. Então no quadro de apoio nós temos 5 que trabalham na cozinha.

P: e a equipe de limpeza é terceirizada...

R1: terceirizada. São quatro.

P: aqui além das 4 salas, há outros espaços físicos?

R1: temos a sala de informática...

P: funcionando?

R1: funcionando, graças ao nosso coordenador, que resolveu ajudar [ri]... ele acumula função, então ele ajuda, junto com as professoras... tem todo um esquema para poder usar a sala...

R2: é o nosso plano de metas, inclusive...

R1: é, para esse ano... é a utilização da sala de informática.

P: Biblioteca?

R1: não, não temos.

P: e quadras?

R1: quadras também não. Tem o parque externo.

P: refeitório?

R1: No refeitório temos uma área coberta onde a gente tem a piscina de bolinhas e uma casinha de bonecas.

P: quantos computadores tem na sala de informática?

R2: em funcionamento? Em funcionamento 10.

P: tem datashow, vídeo, tv...

R1: uma tv, um DVD e um aparelho de som em cada sala de aula. E um datashow.

P: você estava falando dessa parceria com uma ONG que trabalha com a terceira idade...

R1: é, eles nos procuram...

P: tem outras parcerias a escola?

R1: nós temos... agora teve um pai de aluno, da APM, que nos procurou, que ele vai ter, provavelmente, se der tudo certo... ele gostaria de solicitar o espaço de fora, para escola de samba, para ensinar os ritmos, os instrumentos, para as crianças do bairro. Mas isso ainda não está formalizado...

P: ele é de uma escola de samba do bairro?

R1: ele é do bairro, da região...

P: você sabe como chama a escola de samba?

R1: não... ele é daquela de Taipas... eh... é uma escola pequena.

P: você tem um projeto político pedagógico da escola, tem regimento escolar... quais são os documentos?

R1: regimento temos. O projeto político pedagógico está em construção... o novo projeto...

P: você já tem a parte de histórico da escola... e...

R1: temos alguma coisa. O prédio é tombado...

P: ah, é?, por que?

R1: olha não sei... falar... Fiquei sabendo porque como nós solicitamos reformas, algumas coisas, aí o pessoal que informou que o prédio é tombado. Eu não sei se é porque é uma das primeiras escolas aqui da região, né, porque é bem antiga...

P: é bem antiga? Tem quantos anos mais ou menos?

R2: 81...

R1: 30 anos...

P: você tem digitalizado?, pode me mandar por e-mail esse histórico da escola?

R2: vou providenciar...

P: tá, obrigada. E como é trabalhado esse projeto político pedagógico, você falou que está em construção... como é?

R1: nós estamos começando porque... acho que isso elr vai saber esclarecer melhor, porque nós estamos em um processo inicial. Começamos por essa parte histórica...

R2: O projeto já tinha iniciado no ano passado, mas como a escola tinha 3 turnos e agora passou para 2, precisa rever toda a questão do que a gente vai oferecer para os alunos e tudo mais. Então a gente já está olhando por esse lado. Estamos tendo o cuidado de construir uma coisa que realmente... a criança ficando 6 horas aqui, possa aproveitar bem.

P: e quem que participa da elaboração do PPP?

R1: são todos da escola, os professores, os profissionais, os pais também, porque já foi até levantado uma pesquisa com os pais, sobre a questão da região, as famílias mesmo, o tipo de família, de moradores que nós temos aqui na escola.

P: e a maioria das crianças elas... vem à pé para a escola ou elas tem aquele transporte escolar?

R1: nós temos duas peruas de transporte escolar gratuito, porque aqui a região... é uma região difícil, porque nós temos muitas ruas sem calçada, então... né, existe o perigo da criança ir pela rua. Nós temos uma avenida de muito movimento para ser atravessada, porque nós temos crianças que moram lá, que vem para cá. Então nós temos 2 peruas de transporte gratuito, de manhã e à tarde. E fora isso tem peruas particulares que às vezes os pais contratam, para facilitar por causa da subida aqui... que é muito íngreme as subidas e às vezes são as avós que olham, então fica mais difícil de trazer para a escola, buscar, levar. Então tem também a perua particular que aí os pais contratam, né.

E tem as crianças que vem à pé, que moram bem próximas mesmo, mas as que moram a mais de 2 km., são poucas. O transporte é mesmo pelas condições geográficas do lugar.

P: quais são as reuniões pedagógicas, ou as reuniões que tem no calendário escolar?

R1: nós temos 4 reuniões pedagógicas no ano, 2 em cada semestre, que já foram realizadas. Fora as reuniões pedagógicas nós tivemos a jornada pedagógica, tivemos uma no início do ano e a próxima será no segundo semestre. Quatro reuniões de pais também. Nós tivemos 2 no primeiro, são 2 em cada semestre.

P: e tem aqui a chamada HTPC?

R1: não. aqui é JEIF e PEA... PEA é o projeto especial de ação, que é a formação dos professores, que o coordenador faz com os professores.

P: O JEIF...

R1: o JEIF é a Jornada Especial Integral de Formação.

P: qual é a diferença entre PEA e JEIF?

R1: PEA é o projeto. JEIF é a jornada.

P: PEI é o que acontece no JEIF.

R1: isso mesmo. Porque o PEA é o projeto, a JEIF é a jornada. Nessas jornadas nós temos 8 horas aulas de horário coletivo. E dentro dessas 8 horas aula de horário coletivo nós temos o PEA... e o PEA pode ser de 4, de 6, de 8... 2 de 4... depende da escola. No nosso caso nós temos um PEI com 4 horas aula.

P: quantos professores têm na escola?

R1: professores no total?

P: são 8 salas...

R1: 8 salas...

P: tem quantas eventuais...

R2: E., R., M., M., G., de manhã. Depois R., V., M. de novo e E.

R1: isso.

R2: Aí à tarde tem...V.

R1: a R. já foi... e a L. 10. Ah, e tem uma licença maternidade... a E.

R2: 11.

R1: teríamos 12, mas um foi acomodado em uma outra sala.

P: é 12 por causa dessa passagem de 4 para 6 horas... né?

R1: isso, isso. Nós temos 8, mas teoricamente teríamos que ter 12, porque o professor ele trabalha 4 horas e não 6 com o aluno. Esse aluno de 6 horas ele tem 2 professores, que isso é uma diferença esse ano. Tem todo um período de adaptação das crianças, dos pais... né, então é todo um processo de adaptação.

P: tá. E dessas 10, quantas participam da JEIF?

R2: JEIF 3...

P: só três?

R1: PEA 4...

R2: JEIF 3.

R1: você quer saber da jornada ou do JEIF? Porque você pode não ser JEIF e participar do projeto, que é o caso de uma professora.

P: como não participa... não tem horas de formação?

R1: é opcional...

R2: é opcional. Mesmo que o professor não seja JEIP, ele pode entrar.

R1: e a JEIP é opcional também, você não obrigatoriamente precisa... nós temos só 4 que fazem o projeto. Os que fazem formação são só 4. A formação são só 4 professores que fazem.

P: certo. muito obrigada, acho que deu para entender um pouco a gestão da escola... a sua experiência anterior, e aí eu vou conversar um pouquinho com o CP... vou deixar o gravador mais perto dele...

Obrigada.

Conta um pouquinho do seu percurso profissional até chegar aqui... de estudos...

R2: bem, comecei a trabalhar na área da educação em 97, metade do ano. Dei praticamente 6 meses de aula no Estado, ainda como professor contratado.

P: você fez qual formação?

R2: eu fiz magistério. Fiz magistério...

P: e aí começou a trabalhar como professor de Fundamental 1?

R2: Fundamental 1, isso. Aí nesse tempo prestei concurso em Mairiporã, entrei na rede municipal de Mairiporã, em 98. E fiquei na rede municipal de Mairiporã até 2006. Nesses anos dei aula praticamente 3 anos como professor de Fundamental 1. Os três anos como especialista de matemática, mas não o cargo, entrei como professor assistente de matemática.

P: nesse ínterim você já tinha feito a faculdade de matemática?

R2: isso, exatamente. Ingressei... no mesmo ano que ingressei na Prefeitura de Mairiporã ingressei no curso de matemática. Fiz o curso de matemática de 98 a 2001. Aí saindo, terminando o curso de matemática entrei

para a equipe de... como se fosse .?. na Prefeitura, mas a equipe de formação da Prefeitura Municipal de Mairiporã.

P: você morava lá?

R2: não, não, moro em Caieiras. É próximo. Eu fiquei 2 anos na parte de assessoria técnica. Aí voltei para a escola no ano de 2004, fiquei um ano... um ano e meio dando aula e peguei a direção da escola. Nesse ínterim também fiz pedagogia. Comecei em 2002, terminei em 2005. E aí em 2006 eu ingressei como diretor lá, cargo comissionado. Fiquei como diretor 2006 e 2007. Aí no final de 2007 eu fui chamado pela Prefeitura para o cargo de coordenação. Foi o último concurso...

P: ah, prestou concurso para coordenação...

R2: para coordenação aqui... eu já entrei como coordenador, foi o último concurso para isso. Agora só .?.

P: e aí você... quando foi isso, em que ano?

R2: 2008.

P: 2008...

R2: isso, o concurso foi em 2007 mas ingressei em 2008.

P: e foi a primeira vez que você trabalhou com a educação infantil...

R2: na escola que eu fui diretor já tinha educação infantil.

P: mas você não tinha sido professor...

R2: não, professor não.

P: tá. E nessa escola você está há quanto tempo?

R2: desde janeiro também, de 2011. Vim de uma outra diretoria de ensino, de Pirituba... né... Trabalhei em Mairiporã 5 anos em uma escola rural, que é uma realidade completamente diferente dessa daqui, né?, então lá a gente lá tinha dificuldade de encontrar aluno. A sala era com 16... 17 alunos. Então era meio que uma idéia de escola particular. Só que além de pouco aluno você tinha pouco recurso e tudo mais.

Então, quando eu comecei na Prefeitura de São Paulo foi um susto muito grande para mim. Até comentei com a S., quando você cai na Prefeitura de São Paulo você não entende qual é o... como é tão avolumado assim, né. Na Prefeitura de São Paulo tem muito código, tem muito... JEIP, JEA...

P: outro idioma...

R2: outro linguajar, né. Então fiquei uns dois anos mesmo para entender como é que funcionava... Fiquei 2 anos como coordenador em uma EMEB, uma EMEB grande. O ano passado fui para uma EMEI, fiquei no ano passado em uma EMEI. E esse ano vim para cá, optei por uma escola menor então estou aqui.

P: D., como você planeja o seu trabalho anual?, como coordenador pedagógico?, o que... que... você chegou aqui no começo do ano, o que você achou da escola, da comunidade, da equipe de professores, quais foram as suas impressões. O que te deu vontade de fazer e você já está fazendo, o que você ainda tem vontade de fazer e ainda não conseguiu...

R2: certo. Então, quando eu cheguei aqui, na verdade em janeiro, eu procurei um pouco... vamos dizer assim... uns 2 meses, até março, metade de março mais ou menos, tentar entender qual era a sistemática da

escola, tanto a nível de comunidade como o próprio andamento mesmo da escola. Quando a gente chega a gente não pode dar ouvidos às coisas que acontecem. A gente tem que sentir, né. Então, cada um tem uma visão da comunidade. E como eu venho de uma comunidade inclusive mais pobre do que essa, a comunidade da EMEI do ano passado, é uma comunidade muito mais complicada e tudo. Então assim, quanto a isso não senti dificuldade.

P: qual comunidade?

R2: a Jardim da Conquista em Perus. É uma comunidade realmente de invasão, uma comunidade com um relacionamento com a autoridade muito... eh... violenta. Mas assim, com a escola não tinha essa realidade.

Então quando vim para cá isso não foi uma problemática para mim. Na verdade eu até agora estou bastante tranqüilo, né, justamente por isso, porque não senti muita dificuldade na questão da comunidade e quanto à questão dos professores a gente também consegue fazer um trabalho muito bom. Porque as professoras apesar delas já estarem em fase de aposentadoria, mas elas demonstram bastante interesse de aprender, querem evoluir...

P: a maioria das professoras aqui é bem antiga?

R2: bem antigas... estão a 3... 5 anos de se aposentar. A grande maioria, 85% delas vai se aposentar...

P: e será que isso tem a ver com o fato delas não fazerem a JEIP?, não participarem na JEIP?

R2: olha... pode ser que sim, pode ser que não... isso é muito relativo...

P: essas 4 que participam são também... estão também com esse perfil de se aposentar?

R2: elas também estão nesse perfil...

P: e mesmo assim participam...

R2: e mesmo assim participam. É que nós temos 3 professoras que dobram, então justamente pelo fato de terem dois cargos, a JEIP não comporta...

P: ah!, estruturalmente não comporta...

R2: não comporta. Dá uma certa problemática para elas...

P: quem faz duas jornadas não consegue fazer JEIP...

R2: até que dá para dar uma... mas não é... depende do horário, depende de uma série de fatores, o local onde a pessoa mora...

P: aqui, qual dia da semana tem a JEIP?

R2: JEIP de segunda a quinta, PEIA de terça e quarta também. Nós temos JEIP...

R1: JEIP é a jornada, o PEIA é o projeto...

R2: o JEIP é 8 horas semanais...

R1: a mais...

P: tá. JEIP é 8 horas semanas de formação.

R2: isso, de formação.

P: e como acontecem essas 8 horas semanais de formação?

R2: 4 dessas 8 são reservadas para o projeto, o PEIA...

P: tá...

R2: então nós temos... de segunda a quinta é considerado todos JEIP, mas de terça e quarta especificamente é o PEIA, ou seja, a gente senta...

P: ah, de segunda a quinta...

R2: de segunda a quinta...

P: eu tinha entendido assim ... segunda e quinta...

R2: não.

P: que de segunda e quinta era o JEIP e de terça e quarta o PEIA...

R2: não. De segunda a quinta, né...

P: segunda a quinta, então são duas horas semanais...

R2: duas horas diárias... então de terça e quarta nós nos debruçamos encima do projeto, do nosso projeto de jogos e brincadeiras. Temos um projeto encima disso, fazemos estudos, pesquisamos, testamos brincadeiras... e jogos com as crianças.

E de segunda e quinta, que também é JEIP, mas ela não está necessariamente atrelado ao projeto. Aí a gente discute as questões que surgem dentro da sala de aula, a gente conversa sobre atividades, como fazer determinados encaminhamentos, então é algo mais abrangente, que não tem uma temática 'especializada', apesar de planejada.

P: quem participa da JEIP além dos professores?

R2: a JEIP... eu, a diretora também participa, a assistente...

P: e não é um problema ter mais da metade dos professores que não participam dessa formação?

R2: eu sinto um pouco de dificuldade às vezes para articular determinados encaminhamentos coletivos. Por que o que acontece? você tem que encontrar formas de sentar com esses outros professores que não fazem parte da JEIP e passar para eles as coisas que estão sendo planejadas, ouvi-los também, porque eles também fazem parte da equipe, né.

P: e como consegue fazer isso?

R2: nas horas das atividades com os professores. Então tenho 3 professores que não são JEIP, que fazem horas de atividade de terça feira de manhã. Então eu reservo terça feira do meu horário para sentar com elas. Não só para posicionar o que vem acontecendo...

P: as atividades... é como se fossem horas do planejamento delas?

R2: isso, é como se fosse o HTPI da escola estadual... que tem HTPI e HTPC... isso.

P: então, você estava... eu te interrompi... para entender a estrutura, você estava falando o que deu vontade de fazer quando você chegou aqui, o que já está conseguindo fazer, o que você ainda quer fazer...

R2: então, algo que facilita muito, que eu não vi nas outras escolas que eu trabalhei... que o corpo de professores está muito envolvido com o que acontece na escola. Elas gostam da escola. Elas moram todas muito longe... eu tenho professor de Jabaquara, eu tenho professor do outro lado, praticamente, da cidade, mas elas optaram por firmar aqui. Então, elas gostam da escola, gostam da comunidade, conhecem as famílias. E o que acontece?, isso ajuda muito no meu trabalho, porque você percebe que qualquer situação, qualquer coisa que você proponha fazer, elas tem dúvidas, elas tem certo receio... mas se elas perceberem o que você realmente quer, elas abraçam e vão junto.

P: a Prefeitura ela tem uma ajuda de custo para transporte, para gasolina, no caso do professor que mora longe?

R1: não, só vale transporte.

R2: é.

R1: se o professor vier de condução, transporte coletivo, ele tem um vale transporte. Quem vem com sua condução própria não tem ajuda nenhuma...

P: não tem ajuda...

R1: não, o que a escola tem, e dependendo da escola, da localização, é para a escola de difícil acesso, mas isso depende da distancia delas em relação ao marco zero da cidade, que é a Praça da Sé, a quilometragem. A partir de uma certa distancia... e quando você atinge aquela distancia, que são 30%, né, mas não é 30% do salário, é 30% do valor, né, aí... existe um benefício...

P: uma verba...

R1: mas é da escola, não é porque o professor mora longe...

P: sei...

R1: o professor pode morar aqui ao lado, eu tenho funcionários que moram aqui ao lado e eles também recebem esse benefício, porque a escola fica...

P: e essa é uma escola de difícil acesso...

R1: de difícil acesso, é uma questão de 30%. Uma escola, por exemplo, em Perus, é 50%, porque é mais distante ainda do marco zero de São Paulo...

P: ah, entendi.

R1: e tem algumas escolas que mesmo sendo em um lugar difícil, como se aproxima mais da Praça da Sé, elas não tem isso.

P: entendi.

R2: e eu sou um exemplo dessa realidade. Eu trabalhava a 10 minutos da escola. Eu trabalhava em uma escola completamente... mas justamente é isso, um local onde eu possa realizar aquilo que eu realmente acredito, né. E aqui estou encontrando isso...

P: ahá. E aqui na escola tem APM?

R1: APM registrada...

P: e tem conselho de escola?

R2: também.

R1: a APM são reuniões ordinárias, 6 durante o ano e o conselho de escola são 11...

P: o conselho de escola... 11.

Quais são as suas principais dificuldades como coordenador pedagógico e as suas principais satisfações?

R2: olha, a minha maior dificuldade, que eu tenho visto desde que eu assumi, inclusive aqui também, em todos os anos, este é o meu quarto ano como coordenador, é conseguir sentar para estudar. Eu não consigo ainda, esquematizar o meu horário de estudo. Por que?, porque a demanda da escola é muito grande, então não posso também fechar a porta, ler um texto, ler um livro, e ver que a coisa está... está pegando na escola. Então, preciso também ter esse bom senso, então eu ainda não consegui fazer esse... Tenho um rotina, tal dia eu sento para preparar PEIA da semana, tal dia eu sento para preparar JEIP, tal dia vou sentar e preparar a reunião pedagógica, mas assim, eu preciso trabalhar isso mas com muita flexibilidade. Apesar da função exigir isso, eu ainda não consigo sentar e propor fazer isso... fazer uma hora de pesquisa, isso eu não consigo fazer. Esse é um grande desafio, que eu quero ainda um dia estabelecer, que era o que a gente estava... é justamente ter esse momento pedagógico para você, para você poder realmente passar isso para a frente.

Agora, quanto à questão da satisfação, a minha maior satisfação enquanto coordenador é porque... eu tenho um acesso muito grande aos alunos. Então, apesar do meu trabalho ser muito atrelado aos professores, ele é mais atrelado ainda aos alunos, né. Tudo que eu faço eu penso no aluno, o que eu vou propor na reunião pedagógica que vai fazer os professores pensarem, mas que isso alcance os alunos. Isso que me dá satisfação. E você vê às vezes... pequenos toques, pequenas palavras, textos, vídeos, mesmo que você não fale nada, mas eles falam por si, e isso move o professor a fazer mudança. Mesmo pequenas, mas aquilo vai entrando em um ciclo muito positivo que chega para o aluno. Então essa que é a satisfação. Aí eu vejo que o coordenador ele realmente tem a sua função, né.

P: você trabalha 40 horas...

R2: 40 horas.

P: e aqui, as reuniões de pais, como são as reuniões de pais?

R2: as reuniões de pais nós organizamos praticamente duas a cada semestre. No começo de cada semestre e na finalização, e a gente usa muito as reuniões de pais para realmente passar para os pais, orientar os pais das necessidades das crianças e principalmente para passar para os pais a avaliação do professor quanto à aprendizagem dos alunos.

P: e você também participa da reunião de pais?

R2: sim, monto a pauta junto com os professores. Geralmente nós da equipe gestora introduzimos as reuniões no geral, no pátio da escola, dando as boas vindas, fazendo pequenas observações e depois encaminhamos os pais para que possam sentar com os professores. E aí a gente pede para os professores focarem a questão da criança. Senão a gente perde um pouco o objetivo da reunião de pais, e fica tratando de coisas burocráticas, preenchimento de papeis, planilhas, formulários, e a gente foca na avaliação do professor com o pai, o que o professor pode dizer para o pai, que vai auxiliar o pai que faça parte dele para ajudar a escola nesse sentido. As reuniões aqui são muito boas. As professoras sentam, conversam...

P: os pais participam...

R2: participam na sua grande maioria. A gente percebe ainda que os alunos que mais precisam do acompanhamento dos pais, esses não aparecem. Mesmo que convocados em outros dias, em outras possibilidades... a gente liga para o pai – olha, em que horário você pode vir... -, aí a gente faz um arranjo, fica aguardando o pai, mas ele não aparece. Mas é rara essa situação.

P: então você já está desde 2008... 9... 10... é seu quarto ano como coordenador pedagógico?

R2: isso.

P: que orientação você daria para um coordenador pedagógico novo, que fosse começar na função?, o que você diria sobre a importância dessa função?

R2: olha, eu diria uma coisa que eu não fiz, que eu errei nos meus dois primeiros anos como coordenador, que é ouvir, ouvir muito, professores, ouvir muito os pais, ouvir muito os alunos, porque o seu trabalho é baseado nisso. O coordenador pedagógico não vai conseguir construir nada se ele não conseguir ouvir, de fato o outro. E a gente vê que às vezes as angústias dos professores, as reclamações que eles têm... na verdade isso é justo, não é algo que ele tem para te questionar ou para te violentar de alguma forma. Mas ele realmente precisa ser ouvido, porque ele tem angústias também.

Por isso que eu diria, aprender a ouvir porque acima do ouvir que você constrói depois encaminhamentos. Porque se você não escuta você não sabe de fato o que está acontecendo. E se você não sabe o que está acontecendo você, aí morre a ação. Então aí fica um ciclo parado, o coordenador perde a função.

P: tem algum tipo de orientação, de ajuda?

R2: sim, sim, e como.

P: que tipo de ajuda?

R2: olha, eu procuro participar de todas as formações, todos os cursos que a Secretaria Municipal de Educação disponibiliza, né. Tanto é que esse ano ainda... o ano passado não tive tanta essa chance, mas agora nessa diretora de ensino que eu estou eu percebi que a gente tem mais chances ainda, de construir, de ir amarrando os projetos diversos à realidade da escola.

P: Vcs têm algum projeto institucional?

R2: o projeto que tem a ver aí com o projeto da escola também tem a ver com voltar... as crianças terem acesso à linguagem mediática, que é o uso da sala de informática que ficou parada, né. Então... é um projeto da escola, os professores pesquisam, estamos pesquisando no PEIA... jogos, brincadeiras, estamos avaliando tudo isso e a área de informática está funcionando. Nós estamos trabalhando com essas linguagens...

P: e as crianças tem usado os computadores para fazer que tipo de atividades?

R2: agora para início eles estão trabalhando jogos, jogos voltados na matemática, lúdicos mesmo. E nosso intuito é que conforme eles forem trabalhando e realmente tendo acesso à própria linguagem do computador, sabendo utilizar o maquinário, aí a gente vai partir... para uma outra fase, que é a própria construção mesmo de histórias, construção de material para exposições, enfim...

ANEXO C - ENTREVISTAS

Transcrição da gravação em áudio de entrevista com o diretor escolar da Escola X2

27.07.2011

Entrevistadora – P: Me conta um pouco do seu percurso profissional, o que você estudou, qual a sua graduação, onde você trabalhou, até chegar aqui nessa escola.

Entrevistado - R: Bom dia. A minha formação básica é a faculdade de matemática, eu estudei no Instituto de Matemática e Estatística da USP, me formando na licenciatura em matemática. Após a formação de matemática eu prestei concurso público de Provas e Títulos, para ingressar como professor de matemática na rede estadual. Era um sonho inclusive. Eu fiz o curso de matemática por opção mesmo, foi a primeira opção de vida. Lembro que na época tinha prestado algumas faculdades, PUC, Mackenzie, UNICAMP e USP. Ingressei na USP. Aí em 1984 ingressei como professor titular de matemática na rede estadual. Fazendo ali então 15 anos de carreira. Percorri 15 anos de carreira docente na sala de aula, ensino médio e depois ensino superior. Então a minha experiência na educação com matemática foi o ensino superior das faculdades particulares... e na rede pública o ensino médio. Uma escola inclusive na zona norte. Na época era da 4º delegacia de ensino de São Paulo. Feito isso eu fiz o mestrado em educação em 1988. Eu fiz o mestrado na UNESP em Educação, mas não em educação em matemática, em educação pura, voltando a tese para observar a prática do entendimento e da compreensão das diretrizes curriculares nacionais da educação no trabalho pedagógico do professor. O que o professor entendia das diretrizes da educação nacional no exercício profissional em sala de aula, como ele aplicava isso. Esse era o mote da pesquisa, né, que eu desenvolvi na UNESP obtendo o título de mestre. Em seguida, em 1999 prestei concurso para coordenador pedagógico na Prefeitura de São Paulo mas aí... vamos dizer assim... não fui necessariamente... pelo prazer apenas de ser CP, porque o prazer estava realmente voltado à sala de aula. Eu fui muito feliz nos 15 anos na sala de aula, e não a deixei pelo prazer de exercer um cargo técnico, não. Foi pelo fato do salário, o salário era muito, muito melhor do que o salário pago pelo Estado. Eu já estava há 15 anos na rede estadual e na referência que eu entrei... era a referência que eu estava já com o título de mestre. Então eu fiquei decepcionado com a rede estadual, porque eu vi que... - puxa, eu tenho grau de mestrado, inúmeros cursos *lato sensu*, que eu fiz... tudo por iniciativa própria -, não era porque o Estado me direcionava para estudar em algum lugar. Era por iniciativa própria. E aí os colegas começaram a falar - olha, com tudo isso que você tem, vai para a Prefeitura que você vai ver o salto brusco que vai dar no seu salário -, e confesso que isso também faz parte da formação docente, todos querem ganhar bem e ascender na carreira. Aí fui e prestei o concurso de CP, por ingresso naquela época. Passei, me classifiquei, e escolhi uma escola da zona norte também, de ensino fundamental, ciclo I e II, Ensino Médio técnico. E... me exonerei do Estado indo para o cargo de coordenador dessa unidade, onde lá permaneci 4 anos, como CP. Em seguida vieram dois concursos, o concurso de diretor de escola, simultaneamente com o concurso de supervisor de ensino, da Prefeitura. Prestei os dois também, passei nos dois, tendo sido chamado nos dois, quase que simultaneamente. Fui chamado primeiro na direção, três meses antes, aceitei a direção. E depois fui chamado novamente para supervisão. Mas aí eu já estava envolvido com as questões da administração escolar de forma que a chamada para a supervisão eu declinei. Naquele momento eu declinei, porque eu comecei a me apaixonar pelo trato, pelo exercício da gestão escolar.

P: Você foi para qual escola?

R: Para essa mesma.

P: Então você está há bastante tempo aqui...

R: Eu estou. Estou aqui este ano completando sete anos de exercício na direção. Aliás, minha carreira eu

passei por três unidades escolares tão somente, ao longo dos 25 anos. Uma como professor de matemática, outra como coordenador pedagógico e aqui como diretor. São três cargos diferentes e foram três experiências de unidades que eu tive, em 25 anos de carreira.

P: Como você caracterizaria a clientela dessa EMEI, a comunidade que a escola atende, os pais das crianças... o que você observa nesses anos todos que você está aqui?

R: Após estes quase 7 anos exercendo a gestão escolar aqui nesta unidade, eu já consigo fazer uma leitura um pouquinho mais ampla em relação à comunidade escolar. A comunidade escolar ela tem exatamente uma característica de heterogeneidade. Nós temos o que eu poderia definir como três grandes segmentos de pais aqui. Nós temos os pais que, ambos, mãe e pai trabalham, então têm uma condição social e financeira mais tranqüila, onde eles podem participar, inclusive, do lazer da criança. Eles participam com tranquilidade de algumas atividades mais espontâneas. Observando que a escola só trabalha com as verbas públicas direcionadas para a unidade. Nós não temos aqui contribuição espontânea de pais. Eu enquanto diretor não me sinto à vontade e não vejo necessidade de aceitar contribuição... de 50 centavos, um real... 10 reais... Não. Quando aqui cheguei em 2005 a escola tinha essa rotatividade de contribuição espontânea dos pais, mas ali encerrei, por conta dos recursos financeiros que foram sendo implementados pela gestão administrativa da Prefeitura. Nós temos o programa PTRF que dá suporte e cobertura total para as necessidades pedagógicas e de manutenção e conservação do prédio.

P: o que é essa sigla?

R: PTRF significa Programa de Transferência de Recursos Financeiros. É um programa da Prefeitura Municipal. Ele nasceu em 2005 exatamente. Ele começou a ser implementado em novembro de 2006 e é um programa que dá ampla cobertura para a manutenção e conservação da estrutura do prédio e também do caráter pedagógico, para o desenvolvimento de pequenos projetos e ações pedagógicas que são elaboradas pela coordenação pedagógica em comum acordo com a equipe docente. Então, é uma verba voltada para isso. Outra verba que a escola trabalha é o PDDE - Programa Dinheiro Direto na Escola, do MEC. Esta verba é federal, ela acontece uma vez por ano, em meados de agosto, setembro. É uma verba mensal, que também é da Prefeitura, é a verba chamada 'Adiantamento Bancário'. Esta é uma verba de caráter menor, de menor vulto financeiro, mas é uma verba que auxilia as emergências da escola. Quebrou um muro, estamos precisando colocar uma grade de segurança, uma porta de segurança, fazer um desentupimento de emergência, é com adiantamento bancário. De forma que voltando a sua pergunta, eu só fiz um adendo, os pais aqui são assim caracterizados: tem pais cujas famílias, mãe e pai trabalham, e portanto tem um pouco mais de condição financeira e famílias onde só um deles trabalha, ou só o pai trabalha, ou só a mãe trabalha. Então, são famílias onde a situação financeira já é um pouco mais, digamos assim, apertada, a situação financeira é um pouco mais modesta, mas existe ainda a participação dessa família em algumas ações escolares, sim. Ou então, famílias onde nem o pai nem a mãe trabalham. Então são famílias onde os provedores estão nesse momento desempregados. Aí são famílias mais carentes, dependentes do Programa Bolsa Família, Bolsa Escola, então elas ficam mais na carência dos programas sociais propriamente ditos. Agora, em regra geral, a comunidade escolar daqui é uma comunidade participante, atuante. Eu posso dar um pequeno exemplo... fizemos aqui a festa junina, que foi agora no dia 2.07... foi em 2 de julho. Uma festa junina inaugurada pela equipe docente, sob os cuidados e coordenação direta da nossa CP, onde tanto a equipe docente, como a equipe de funcionários, como a coordenação pedagógica assumiu totalmente o preparo, o planejamento e a organização da festa... como os pais, em contrapartida, assumiram a participação dos seus filhos. Todas as crianças da escola estavam, compareceram, vestidas a caráter, e as fotos estão ali, o filme está aí, que não traz nenhuma inverdade. As roupas das crianças eram novas, novíssimas... os pais fizeram questão de caracterizar os seus filhos como 'caipirinha', o menino vestido de 'caipirinha' também... com roupas novas. Isso representa e mostra que a família está tendo mais rendimentos. Inclusive uma observação que eu faço aqui, nesse atropelo de adendos e citações, que, desde que a escola foi convertida, eu fui o primeiro diretor da região da B., a transformar a escola em escola de 6 horas, em dois turnos. Porque isso pesou muito. Pesou muito nessa comunidade. Era

uma comunidade muito mais carente e quando a escola se transformou em dois turnos, a criança aqui permanece por seis horas, oportunizando a essa mãe ter um trabalho ou de empregada doméstica, ou um trabalho de meio período em outro local qualquer, mas em que ela possa ter um rendimento. Então, muitas dessas famílias passaram a ter duplo rendimento, através do pai e da mãe, através do trabalho de ambos, podendo oportunizar melhor condição, até de lazer para a criança. Então é na somatória de ações que vai refletir nesse melhor rendimento. Então, a comunidade escolar assim está caracterizada: uma comunidade que vem com o passar do tempo ganhando rendimento no seu interior, podendo portanto até transpor de classe social.

P: A maioria das famílias reside aonde?

R: A grande maioria das famílias reside no entorno da escola e nos bairros adjacentes. Entretanto, nós tivemos a seguinte situação no ano passado: como a escola vem ano a ano perdendo... não diria perdendo clientela, mas atendendo a sua demanda na sua totalidade, nós acabamos ficando sem demanda para atender além do entorno. O entorno tem a demanda plenamente atendida. Aqui não há criança do entorno que não seja atendida por nós e absorvida. O que acontece é que ficamos no ano passado com sala ociosa, ou seja, com falta de aluno e maior oferta de vagas. Foi aí que decidimos pegar crianças mais distantes, de bairros mais longínquos... por que? Para atender a capacidade total, para funcionarmos com a capacidade total da unidade. O que resultou em nós termos que pegar crianças que recebem o transporte escolar gratuito, o TEG, porque vêm de bairros de mais de 2 km. de distância da escola. As crianças do entorno moram em casas urbanizadas, que... eu vou até usar o termo, a favela que existia... isso antes da minha gestão... já antes de 2005... ela foi... com o passar do tempo se urbanizando. Tanto é que você pode observar o entorno, que ele é todo formado por casas de alvenaria. São casas de alvenaria, de tijolo, de bloco, então não é dessa forma mais. Não são barraquinhos de madeira. Existem pequenos e não tão significativos, focos ainda na grande região... no distrito da B. ainda existem focos de favelas, onde o barraco ainda é de madeira. Mas não é mais a grande maioria. Não. É urbanizado, com água, com esgoto e com luz. Isso já existe há bastante tempo...

P: Você tem algum dado sobre o nível de escolaridade dos pais dos alunos? Porque eu vi que na ficha de matrícula não há essa pergunta...

R: Não, não há essa pergunta. Essa pergunta houve em 2005... 2006, quando eu fiz uma sondagem. A sondagem foi feita em 2006 por mim. Naquela época... e estou para revalidar isso em uma oportuna reunião de pais... talvez esse ano, porque isso eu preciso combinar com a nossa coordenadora. As ações têm que ser combinadas, né, a coordenadora pedagógica da escola ela tem essa autonomia. As ações são todas coordenadas entre mim e ela e isso nós ainda não chegamos nesse ponto. Porque só um detalhe que tem que ser feita a observação, esta escola desde que eu aqui cheguei, era uma escola onde existia o cargo de coordenador, mas não existia a figura. O exercício da coordenação pedagógica, real e de fato, ele passa a existir aqui, porque eu até acumulei essa função durante um tempo aqui, por ter sido coordenador antes de ser diretor. Mas o exercício mesmo do cargo passa desde a chegada da atual CP, que é coordenadora efetiva, que veio para aqui como titular e que assumiu o cargo. Isso faz 2 anos.

CP: Completa 3 neste ano, né?

P: Mas porque não havia ninguém ou a pessoa que estava não exercia a função?

R: O cargo existia, provido por uma titular que ficou 4 anos afastada com câncer, e aí a substituições eram ingratas, ninguém queria, porque a substituição interrompe o pagamento. Por questões burocráticas da Prefeitura a designação de um CP para substituir um titular, ela é muito sofrida para quem faz essa substituição, porque interrompe o pagamento cada vez que o CP titular tem que fazer perícia médica. Então há uma quebra de pagamento, a pessoa nunca pode contar com o salário como líquido e certo...

P: Essa escola tem quantos anos?

R: Essa escola tem 15... e está vindo para o décimo sexto ano. Então agora nós temos a coordenadora, realmente efetiva, em exercício e desempenhando as funções realmente de acordo... não somente com a legislação, mas de acordo com o programa pedagógico escrito e construído por todos nós aqui... Eu fiz as sondagens lá em 2006, que a gente precisa até resgatar essa sondagem. Mas só para ter uma ideia... porque não acredito também que isso tenha mudado muito. A grande maioria, mais de 90% dos pais da EMEI, possui o ensino fundamental completo. Os 8 anos de escolaridade. Muitos deles possuem o ensino médio incompleto. Houve desistência da parte deles em completar o ensino médio.

P: colocaram no mundo. Mesmo assim, sem saber o que estavam fazendo. Então, é uma conjectura... Mas a gente percebe pelas orientações educacionais que a coordenadora trabalha, que às vezes eu participo junto com ela, a gente sente a imaturidade do casal ou do pai, ou da mãe, nesse aspecto de acompanhamento. Mas imaturidade no aspecto psicológico mesmo. Então, muitas vezes eles têm o grau de alfabetização necessário que exigiria para acompanhar a criança, mas eles não mobilizam, porque estão envolvidos com questões muito particulares, até do seu próprio relacionamento. E aí a criança é passada para segundo ou terceiro plano.

CP: E aí ainda tem a questão da Educação Infantil, que você tem que mostrar

E: Existem pais analfabetos?

R: Existe, existe. Existe uma pequena porcentagem, muito pouco significativa de pais... E aí só uma observação, eu não vou chamar de constatação, mas pela experiência eu vou chamar de inferência. Estou inferindo, estou levantando a questão, uma conjectura. Que na verdade a gente percebe que não é só um fator... tem outras variáveis aí que interfeririam nesta participação do pai ou da mãe no letramento da criança, nesta questão. Não só de letramento, mas acompanhamento da criança, no desenvolvimento da criança. O por que?, os pais hoje tem outros interesses, eles são muito jovens... a maioria dos nossos pais também é muito jovem, ainda estão se ajustando no seus respectivos casamentos. Que muitas vezes os casamentos estão se desfazendo com 2... 3 anos entre o casal. Então, o que você percebe é que eles mesmos não estão amadurecidos, até para ter a compreensão necessária da importância do acompanhamento deste filho que eles o que é Educação Infantil, a importância. Isso a gente está fazendo esse ano com mais força, desde o começo do ano.

P: A escola trabalha em dois períodos?

R: Sim... então, funcionamos assim: a escola é organizada em dois turnos de funcionamento, o primeiro turno vai das 7 às 13 horas e o segundo turno vai das 13 às 19 horas. Isso em termos de sala de aula nós temos... são 9 salas por turno, na verdade. Mas como são dois turnos, são 18 salas de aula. Entretanto, o trabalho do professor ele corre em três turnos. Para o aluno são dois turnos de funcionamento. Para o professor, por questão de composição de jornada, são 3 turnos de opção de jornada. São 585 alunos frequentes, de 4 e 5 anos...

P: O corpo técnico administrativo... é composto de um diretor, coordenador...

R: e o assistente de direção.

P: A maioria dos professores é concursada?

R: Sim, aqui é assim, nós temos 36 professores. 35 professores sendo titulares, concursados, efetivos estáveis. Um professor é não estável readaptado.

P: Há muita rotatividade ou é uma equipe estável?

R: A grande maioria daqui é estável.

P: Como você descreveria o espaço físico da escola?

R: Assim, todas as salas são salas transformadas em salas de aula... eu acho precárias as instalações, porque nós perdemos um laboratório de informática e perdemos uma brinquedoteca. A escola perdeu uma brinquedoteca anos atrás, antes da minha chegada, quando houve uma explosão de demanda e aí nós perdemos... eu não estava aqui, mas estou falando pela escola, né? Nós estávamos com a brinquedoteca e a brinquedoteca foi transformada em sala de aula. O ano passado nós nem tínhamos a demanda necessária aqui para termos 9 salas de aula, mas por uma questão passada pela Secretaria de Educação, era necessário abrir salas de aula porque tinha crianças da educação infantil que estavam fora da escola. Eram crianças da educação infantil não da demanda da EMEI que como eu retorno a falar, a demanda dessa escola está atendida há algum tempo. Tanto é que esta escola funcionava com 24 salas no seu total, sendo 8 subdivididas em três turnos, e há 4 anos funcionamos com... eram 8 salas por turno... 16 salas atendendo plenamente a demanda. Porém, entendemos assim, uma conjectura, eu não sei... houve uma situação em que o Prefeito mesmo, o seu Secretário estavam tendo que responder ao Ministério Público por que tinha tantas crianças fora das salas de aula. Então aí tivemos que abrir mais uma, foi aonde eu acolhi crianças de longe, de muito longe. Eu não vi isso como uma atitude pedagógica. Mas foi uma atitude técnico - administrativa. E como servidor público que eu sou eu tenho um limite de atuação. Extrapolando esse limite eu tenho que cumprir a legislação.

P: E aí tinha uma sala de informática com computadores...

R: que desapareceu, foi desativada...

P: E os computadores estão aonde?

R: Os computadores permanecem na escola, nesta sala, que seria uma sala rotativa, até pelo espaço físico... e eles permanecem ali, só que não cabe designação de um POIE, e pela Prefeitura é só um POIE que pode efetivamente operacionalizar...

P: essa sigla é...

R: Professor Orientador de Informática Educativa... e aí um professor orientador de informática educativa é que pode organizar esse tipo de aula...

P: então as crianças não estão tendo...

R: ... nada impede de que o grupo de professores assumam alguma atividade, coordenada pela nossa coordenadora, com os computadores. Nada impede. Isso é um trabalho pedagógico, plausível, e a escola também pensa isso. A CP já pensou isso com os professores e está até sendo montado um processo nesse sentido, para que as crianças possam ter esse contato. Porém, é de registrar que não é o ideal, não são as condições ideais, porque a Prefeitura tem a figura do professor orientador de informática educativa. Entretanto, existe uma outra situação que esbarra em uma questão: a sala de laboratório de informática ela foi toda montada com rede lógica, com rede elétrica, com... eh...

CP: ... ar condicionado...

R: E isso demanda tempo da escola, dar um jeitinho, fazer uma situação 'ajeitada'. Então não é o pedagogicamente ideal. Eu acho que nós educadores, profissionais da educação precisamos, todos juntos, sair de situações de 'ajeitamento', de ajustes, para situações reais. Nós tínhamos a situação real. Tanto que no sistema 'EOL', Escola On line, a sala está suprimida. Eu não posso constar aí como sala de laboratório, porque ela não é mais. Ela é legalmente uma sala de aula. Então, foi uma situação decepcionante. Mas

superamos, trabalhamos com isso e a equipe entende-se disposta a fazer os ajustes necessários para não prejudicar também a formação e o desenvolvimento do aluno.

P: Tem biblioteca?

R: Não. Não temos sala de leitura. Não há nem espaço físico para tal.

P: Como é o acervo de livros?

R: Acervo de livros temos, né, que é mandado...

CP: estão em um armário e nós fazemos as divisões... tem uma parte lá em cima que vai ser...

R: temos o acervo, a coordenadora está providenciando até um armário... já tem um armário, já arrumou, onde ela vai montar um espaço específico, então, para que esses livros sejam catalogados e...

CP: de fácil acesso...

R: de fácil acesso para que os professores possam usar em sala de aula.

P: Há algum projeto institucional de leitura?

CP: Não, até o ano passado tinha...

P: As crianças podem fazer empréstimos de livros, para levar para casa?

CP: Podem...

P: Fala um pouquinho mais alto só...

CP: Tá. É que eu sou tímida. Algumas professoras elas selecionam os livros conforme elas estão trabalhando... as crianças levam em uma pastinha... elas fazem todo o trabalho... para o adulto ler com a criança, enfim... Então há o projeto, mas elas trabalham como uma atividade.

P: A escola tem um projeto político pedagógico?

CP: Tem...

R: Temos. Inclusive o nosso projeto pedagógico de 2010 está com a nossa supervisora, que nos solicitou até para levar para casa, para poder ler com mais atenção, né. É um projeto onde tem 2 eixos e os eixos temáticos desse projeto eles se referem assim... a trabalhar os valores humanos nas interrelações. Primeiro na intrarelção pessoal e depois na interrelação pessoal. Esse eixo... só para explicar um pouco o que significa, é assim: a escola, o grupo entende que enquanto a gente não consegue resolver interiormente, porque como profissional da educação, como ser humano, como profissional de qualquer área que chega de manhã para dar o seu 'bom dia' no seu trabalho para os seus colegas, eu preciso me conhecer. O autoconhecimento é fundamental. Então, avançar, mesmo que em doses homeopáticas no autoconhecimento, para que eu trabalhe intravalores, para que eu trabalhe internamente comigo mesmo, valores e conhecimentos que não tinha de mim mesmo, para que eu possa trabalhar a interrelação pessoal, que seria um estágio mais difícil. A gente percebe ao longo dos anos aqui esses eixos eles estão perenes há muito tempo, desde que aqui cheguei... porque desde que aqui cheguei a gente vem só redimensionando o projeto, mas ele não foi ainda alterado nesses eixos por conta da grande dificuldade que eu como diretor encontrei. Cheguei aqui e posso dizer assim, a casa estava de pernas para o ar mesmo. Pessoas batendo na mesa, professores gritando uns com os outros. Uma direção... não estou falando do antigo gestor que estava aqui, porque nem o encontrei, o cargo era vago. O cargo era vago, mas existia aqui uma forma de gestão

muito estranha onde tudo parecia que acontecia da forma como um determinado grupo achava. Então a escola era dirigida por ninguém, era dirigida por grupos e por momentos assim. Então isso é uma falta de trabalho interior das pessoas. As pessoas precisam se conhecer. As pessoas estavam feridas, magoadas consigo próprias. Então por isso esse eixo do desenvolvimento das relações intrapessoais primeiro, abrangendo um conhecimento interno, para depois o desenvolvimento das relações éticas e interpessoais. Existia e ainda existem alguns focos, mas eu acredito que são muito em menor quantidade, da falta de ética entre os próprios servidores. Isso é algo que tem que ser registrado porque isso é uma verdade, é uma fotografia dura, crua, nua, mas que eu senti enquanto gestor, porque eu vinha de uma outra formação, de uma outra situação, inclusive eu sou da educação infantil. Então era um diretor chegando, homem, com formação de matemática, com experiência mínima no ensino médio, nunca tive experiência no ensino fundamental, nada... Com experiência mínima de prática... de ser professor do ensino médio, que é uma outra realidade, que você trabalha com outros colegas. Quando chego aqui eu presencio brigas homéricas, brigas enormes, pela cor do papel crepom comprado... a cor do papel crepom não era roxo, não era lilás, não eram as nuances que deviam ser. E aí eu me pergunto como gestor - bom, se a cor do papel crepom comprado era roxo e precisava ser lilás... onde é que a gente amarra a situação pedagógica nisso, né? -, então eram coisas assim que eu como diretor, como professor, não conseguia entender. Então, daí o motivo de um dos eixos do projeto ser a construção das relações éticas, primeiramente entre nós equipe escolar, funcionários da casa. Agentes, direção, equipe técnica, docência, corpo docente. E o segundo eixo é a valorização das diferenças. As diferenças de gênero, as diferenças de situação sócioeconômica, as diferenças de credo, portanto de religião, as diferenças da orientação sexual entre as pessoas, até porque elas aparecem na mais terna idade. Aos 4, 5 anos aqui, se você for olhar o todo, você vai perceber as diferenças de crença, as diferenças sócioeconômicas, as diferenças étnicas. Eu tinha aqui colega professor proferindo... falando - não, a raça branca, a raça européia, a raça negra... -, eu acho isso grave, sério, afinal a única raça conhecida é a raça humana, com as suas subdivisões étnicas. Então, eu tenho por premissa, até por ser professor de matemática, eu tenho que tomar esse cuidado, porque quem pensa errado, professa errado, verbaliza errado e conseqüentemente age errado. Então, o pensamento errado leva diretamente a uma ação completamente equivocada. E essa ação equivocada uma vez tomada, o estrago pode estar feito. Aí a gente entra com aqueles processos remediativos. Então, antes de entrar com processo remediativo, vamos investigar o profilático. Vamos prevenir para que não aconteça, se possível for. Então, são esses os dois eixos do projeto, está completamente escrito, né, registrado inclusive.

P: Se vocês puderem me dar uma cópia...

R: O projeto pedagógico desse ano, de 2011, o redimensionamento do outro... mas eu e a CP... aliás... ela e eu, na verdade, estamos ainda em construção, não conseguimos encadernar ainda. Leva geralmente um ano... a gente finaliza... como ela falou... a gente finaliza no final do ano. Por quê? porque o eixo ele está todo no papel, registrado, mas ele é um acompanhamento, e ele é perene nos seus eixos, na sua carta de intenção, mas ele é flexível nessa coisa: chega um professor... entra de licença um, vêm alguém... muda às vezes o funcionário da empresa terceirizada... e elas estão inseridas no projeto pedagógico... elas têm plano de trabalho completamente inserido dentro dessa ótica, tudo. Então, você formata, reformata, e para não ficar 'põe folha, tira folha', a gente já... agora por volta de setembro... encaderna tudo.

Transcrição da gravação em áudio de entrevista com a Coordenadora Pedagógica da Escola X2

Data: 27.07.2011

Entrevistadora - P: Me fala um pouquinho da sua experiência até chegar aqui. O que você estudou, onde você já trabalhou...

Entrevistada - R: Bom, eu praticamente nasci em uma escola. Porque minha família, minha mãe tem uma escola particular e sempre, desde pequena, convivi e me apaixonei, naturalmente.

P: Essa escola particular da sua mãe é de Educação Infantil?

R: Sim, e de Ensino fundamental I e II também. Então, desde pequena, praticamente nasci na escola e fiquei... No começo eu era louca para dar aula, a minha mãe me deixava ficar na sala só como auxiliar, aquela coisa de... paixão mesmo de dar aula... Eu gosto muito de dar aula, de estar dentro da sala de aula, com aluno, com criança... E aí eu fiquei, fiz o magistério... o ano não lembro direito... Fiz o magistério... 4 anos num colégio particular. E continuei. E já no magistério, no último ano, quando peguei a minha primeira sala de aula foi de educação infantil. Comecei com educação infantil e fiquei um bom tempo com educação infantil. Logo fiz a faculdade de pedagogia na UNI S. e vários outros cursos, né... que surgiram ali... até hoje não perco oportunidade de curso. O que me deu suporte mesmo foi a minha experiência, porque a faculdade... não foi lá essas coisas... o magistério foi até mais forte.

P: E você começou a trabalhar em uma escola de educação infantil particular?

R: É, da minha mãe...

P: E depois?

R: Continuei, fiquei um bom tempo na educação infantil e depois passei para o ensino fundamental I. E lá o sistema de primeira a quarta série é disciplinar também, a professora que pega aquela disciplina dá mais valor e ensina melhor. Eu também acreditei nisso. No começo não, queria ser polivalente, queria dar tudo... mas depois eu fui vendo que realmente a criança aprende mais, a professora pegando uma matéria acaba se envolvendo mais naquele ponto. Eu dei história e geografia no começo... dava teatro... enfim... uma professora maluquinha. Depois peguei ciências, adorei, foi uma paixão... Depois veio português. Aí eu prestei o concurso da Prefeitura... que era o único que entrava direto, sem estar dentro da Rede, lá na Prefeitura. E eu prestei, fui mais para ver como é que era, sabe...

P: Era um concurso para professor de educação infantil?

R: Não, para coordenação pedagógica. Ah, nesse tempo também fui coordenadora, um período, fui coordenadora da escola. E também trabalhei um pouquinho em outra escola particular, trabalhava de manhã... para ter outra experiência. A minha mãe achava muito importante. Bacana lá também. Fui professora de segundo e terceiro ano. Bem bacana lá, ela polivalente também... E... enfim... Fui coordenadora um pouco lá também, não muito... e aí prestei o concurso... foi mais por experiência, para ver como que era a prova... porque eu nunca tinha prestado concurso nenhum. Até estava doente no dia... aí uma menina que já era da Prefeitura, uma amiga minha, falou: – não, vai... fica... -, era o dia inteiro, um era para professora e o outro para coordenador... os dois juntos, o dia inteiro. Aí eu prestei... bacana, gostei das dissertativas. Falei – bom, vamos ver, né -, mas eu amo, amava muito, amo até hoje a escola lá. O colégio particular, a escola da minha mãe, tenho paixão por aquilo. Então, fui por experiência, falei – ah, vou tentar

- Aí a minha amiga mesmo falou – e aí, você passou, não passou? Como é que é? -, falei – não sei, já saiu o resultado? -, aí ela falou – nossa, você passou na coordenação -, falei – nossa, como assim? -, porque tinha feito um mini curso de um dos sindicatos dela, que me indicaram, e aí o moço tinha me falado que a porcentagem era muito pequena, sei lá... era 10%... não sei... E aquele monte de gente fazendo... falei – tá bom que eu vou passar, não vou passar nunca! -, aí eu consegui. Falei – ah...-

P: Faz 3 anos isso?

R: isso... aí fui para outra escola... Era... precária, né... estava inaugurando... aqui pertinho, muito bonita a escola, conhece? Estava inaugurando, não tinha sala, a diretora também era precária, tinha acabado de prestar o concurso também... mas ela já era da Rede... Eu falei – meu Deus, eu não sou da Rede, não conheço professor de Prefeitura -, era totalmente diferente na particular... e Prefeitura, muito diferente. Falei – e agora? -, mas o grupo foi muito bacana, me acolheram super bem assim. Percebi que a criança é a mesma, então se a gente domina, podem ser 30... 40, mas eu consigo... eu não sei se é dom, e aí fui conquistando aos poucos, de conquistar mesmo, agora esse grupo me reconhece como coordenadora, já tem um respeito melhor...

P: E depois de lá você veio para cá...

R: Então, aí teve remoção, tive que sair, eu não pude ficar lá... porque eu queria ficar lá, porque lá era inauguração... era tudo novinho, bacana... a comunidade da escola... E a gente ficou um grupo legalzinho, mas tive que sair. E aí escolhi algumas, e sabia que ia para EMEF, porque tinha um monte de coordenadoras com ponto, né, e eu zerada, né... não tinha ponto nenhum de Prefeitura. Aí eu inscrevi um monte de escolas, aí que veio a minha sorte maior, porque eu caí em uma EMEF... Em janeiro fui para lá... falei – meu Deus, eu aqui... socorro! -, mas fiquei... para pegar experiência, tinha que arriscar mesmo e ir. Se não der certo... fazer o que? [ri] Daí eu fui, a diretora muito bacana também... falou – olha, você está com um cargo... -, ah... esqueço as palavras... como é que fala?, excedente... Aí quando ela falou – o que é um cargo excedente? -, - não, é que assim... eram três coordenadores... e até hoje tem essa vaga da terceira coordenação, mas não existe mais, então você vai ter que ir lá e escolher outra escola -. Falei – não, eu fico em janeiro -, era recesso, estava em férias... fiquei um pouquinho lá, conheci, li bastante... aí li bastante o que era, o que não era... a diretora até tentou... porque eles gostam de coordenadora nova... Aí ela até tentou que eu ficasse mas não deu. Aí o dia que foi para escolher, a hora que eu li a lista assim... falei – meu Deus, vou parar lá longe... se é muito longe eu não gosto... prefiro perto e me arriscar. Aí eu fui para lá... E na hora que eu fui escolher tinha pouquíssimo... tinha pouquíssimos mesmo, mas a minha sorte foi que tinha uns 15 excedentes e quase nenhum era dessa região. Aí acho que tinha umas... duas EMEIs. A minha tia também é coordenadora pedagógica... há muito tempo da Prefeitura, já se aposentou... então... todo mundo fala – não, pede EMEI, porque EMEF no começo não dá -. Aí eu li EMEI C. e escolhi...

P: E faz 3 anos que está aqui?

R: Faz 3 anos que estou aqui. Esse ano completa 3.

P: E quais são as reuniões que tem aqui na escola?

R: Reuniões gerais? Tem a pedagógica que é com o grupo todo. De vez em quando faço o grupo só com professor, depois o Manoel faz com técnico... ou junta tudo...

P: Essa reunião é de quanto em quanto tempo?

R: Geralmente dá uns 2 meses... E tem a JEIF... que é a Jornada Especial Integral de Formação...

P: E de quanto em quanto tempo é?

R: Então, aqui na escola a gente divide 4 horas de PEA, que é o projeto especial de ação da escola, que é o estudo do projeto...

P: Esse ano qual é o projeto especial de vocês?

R: Eu não modifiquei, porque até o ano passado... elas já estavam há 8 anos com esse tema... aí eu já coloquei mais assim: Formação Docente na Linguagem Infantil. Então foi um tema que dava para você trabalhar com textos... com todas as linguagens... Aqui a gente está construindo uma nova concepção, estamos em construção...

P: E esse projeto que ficou 8 anos era do que?

R: Era de literatura infantil, só. Era o lúdico e a literatura infantil, e tinha uma parte de valores éticos, eu não gostava muito [ri]. Até que consegui modificar.

P: E tem Conselho de Escola...

R: Tem, tem APM, tem a Jornada Pedagógica que vai acontecer agora dia 5...

P: Como é a Jornada Pedagógica?

R: Geralmente a coordenadoria dá um tema para a gente e todo mundo trabalha esse tema. Esse tema foi o acolhimento da criança, como foi o acolhimento, antigamente tinha conversa, então o que aconteceu no acolhimento, o começo, como foi...

P: E esse ano é acolhimento também?

R: Ainda não deram o tema. Mas a gente já tem em mente... que a gente está com uma concepção sócio afetiva, então a gente está mais nesse momento trabalhando mais o lado afetivo. Então, também o vínculo do professor, aquela coisa toda.

ANEXO C

Transcrição da gravação em áudio de entrevista com a Diretora e Coordenadora Pedagógica da Escola Z1

03.05.2011

Entrevistadora – E: Me conta um pouquinho a tua formação e seu percurso profissional até chegar à direção dessa escola.

Diretora – D: estou há 11 anos nessa rede. Iniciei o meu trabalho no magistério com Fundamental. Trabalhei dois anos seguidos com a 4ª série. No meu 3º ano de magistério estava na educação infantil... então para mim foi algo muito novo mesmo, porque a prática do Ensino Fundamental ela é muito diferente da Educação Infantil, então eu tive que aprender com parceiros mesmo. O coordenador entrando na sala, o vice diretor entrando na sala, o diretor entrando na sala, com todo esse suporte, - ah, como eu faço isso?, como faço aquilo?, estou perdida, tenho medo das crianças, né, então era um universo muito diferente. Mas eu venci. Trabalhei com turma de seis anos, depois trabalhei com turma de cinco. O meu maior tempo foi com Infantil 4, são crianças menores, né. E em 2008 ingressei na gestão, na direção...

E: você prestou concurso?

D: prestei concurso, passei no concurso, em 2008 fui chamada, comecei a trabalhar na EMEB V., uma escola com seis turmas, uma escola central. E em 2008 vim para essa escola.

E: em 2008?

D: não, em 2009, desculpa. Em 2008 trabalhei no V. que é uma escola central. Em 2009 vim para cá, que é uma escola que a gente vê mesmo a diferença. Escola central e escola periférica.

E: é, isso ia te perguntar, você agora é diretora de uma escola da periferia, que é considerada ali uma área de vulnerabilidade social... uma região pobre. Como você sente isso, se é que você sente essa diferença, na gestão da escola... Como que isso se manifesta no dia a dia da escola?

D: bom, a minha maior preocupação aqui é fazer com que os professores entendam e compreendam que o trabalho se dá dentro da escola. Que tendo todas as questões sociais, não se pode esperar de casa... então a criança tem que ter tudo ali. O suporte, tem que ter possibilidades, tem que ter oportunidades dentro da escola. Então, trabalhar com aquela questão de esperar da família não dá. Ali não tem possibilidades. Então, a gente tem que enfrentar. Mobilizar mesmo os professores, toda a equipe para que a aprendizagem aconteça na escola.

E: agora, quando você diz assim ‘não dá para esperar muito das famílias’, na prática o que isso significa? Significa que as famílias são distantes, que não participam da escola, das reuniões dos pais, como que é?

D: é tempo mesmo. Não é questão de ser distante. Os pais eles se esforçam muito, o tempo que eles têm se dedicam, sim, em estar na escola, em conhecer a escola, em conhecer o trabalho da escola. O que não dá para contar com a família é nessa questão das tarefas. Por exemplo, o professor ele se preocupa muito com o ensino do alfabeto. Então a criança tem que saber o alfabeto, e aí manda a plaquinha para casa. E aí o pai ele não tem mesmo esse contato. O pai sai às 5 horas da manhã, só volta à noite, a mãe também. E ali as famílias, em sua maioria, são criadas por tias, por avós... né, alguns alfabetizados, outros não. Então, o professor, eu não digo assim, que a criança tem dificuldade, que ele não aprende porque a família não ajuda. Então não é isso.

CP: posso falar um pouquinho? O ano passado nós tivemos uma criança na escola que tinha toda uma questão social... condições de higiene mesmo, não tinha água encanada, moravam super distantes da escola, tinha que andar muito para conseguir pegar um ônibus que demora um tempão para passar... E aí essa criança foi encaminhada para um acompanhamento dentário. E a professora simplesmente entregou um bilhete para a criança e não comentou do que se tratava. Esse menino levou o bilhete para a mãe com o encaminhamento para o dentista, na UBS, e o bilhete foi ficando na bolsa. Porque a mãe era analfabeta, próximo de onde eles moravam tinha uma outra família que também não tinha leitores. A criança não sabia do teor deste bilhete e aí eu acompanhava as crianças que ficavam após o horário, que os pais não vinham buscar, então eu acabava ficando com as crianças. E num dado dia fiquei com essa criança. Fiquei com ele, e aí conversando com ele... porque vai ficando uma situação que... a professora vai embora e a mãe não chegou, estava escurecendo, porque eles estudam no período da tarde... dependendo da época do ano escurece um pouco mais rápido e aí conversando com ele também para deixá-lo um pouco mais tranquilo, tentando localizar alguém que viesse buscá-lo, aí ele disse – ah, eu tenho um negócio aqui na minha bolsa -, - ah, é?, e o que você tem aí na sua bolsa?, posso ver? -, era uma bolinha que ele tinha achado brincando no meio do mato. E aí no que ele foi tirar a bolinha caiu a agenda e conseqüentemente o encaminhamento para o dentista caiu junto. Aí eu peguei o papel e falei – nossa!, isso aqui não era para você entregar para a sua mãe? para te levar ao dentista? ah!!!, era para isso? sim, a mamãe precisa ir no posto para marcar o dia que você vai fazer o acompanhamento dentário, ah... tá bom... vou falar para a minha mãe. Peguei o papel, a data já tinha passado. Aí quando a pessoa veio buscá-lo, que foi a mãe, eu conversei com ela – olha, a senhora viu o bilhete que o seu filho levou, era para acompanhamento no dentista... ah, é?, ah, sabe o que é, vou te falar uma coisa... estou até com vergonha de falar, mas eu não sei ler. Então assim... a gente estava com várias ações com essa criança, com essa professora, de outras ordens inclusive. Começamos um trabalho diferente, no sentido assim, a família não auxiliava, porque ele vinha sujo... por ‘n’ questões que até fogem aí do teor da pesquisa, mas a gente sensibilizou essa professora para um trabalho diferencial com a turma, com o grupo, com essa mãe... de ter um cuidado de falar sobre o que está sendo levado, tentar um outro tipo de contato. Aí nós combinamos com essa mãe – olha, quando tiver algum bilhete, uma coisa muito importante..., porque ela tinha um telefone de recados, né, um celular, mas um telefone de recados, a gente liga, a gente avisa, ou quando você tiver alguma coisa que você não sabe o que é, pergunte para a professora, venha até a gente, a gente lê para você. Então, quando ela fala... culpabilizar essa família pelo não aprendizado dessa criança seria demais, porque essa família também pedia ajuda, em relação a outras questões... da alfabetização. Então, assim, ele está aqui na escola, ele é meu aluno deste ano. Então eu tenho que fazer o de melhor para ele aqui, independente do que a família pode fazer para me ajudar também.

D: então, esse é o papel que a gente desenvolve. Essa questão de fazer o professor compreender qual é verdadeiramente o papel da escola. Então, a criança tem 4 horas dentro da unidade e como é que ela vai trabalhar com essa criança para que tenha êxito escolar, tenha êxito na aprendizagem, e sem ter que exigir da família. Isso não implica que a gente não trabalhe com as famílias. A gente não desconsidera, não desacredita. A gente muito pelo contrário, procura proporcionar momentos para trazer mais e mais essa família para dentro da escola. Mas não dentro dessa questão de responsabilizar a família pela não aprendizagem do aluno.

E: Quais são as características gerais dessa comunidade que a escola atende? Como você descreveria essa comunidade?

D: É uma comunidade bastante participativa, embora existam essas questões sociais. E a gente tem ali duas situações. A gente tem aquele que está mesmo próximo à linha da pobreza ou abaixo da linha da pobreza e tem aquele que está dentro do mesmo bairro, que são pais trabalhadores, que são metalúrgicos, que vieram de outra região, de outro estado, mas que conseguiram ali construir a sua casa, ter o seu carro... Então a gente tem essas duas situações. É uma área de manancial, então ali a gente tem situações em que famílias estão em áreas de risco, estão sendo deslocadas, estão sendo transferidas para outro centro de habitação que está sendo construído. E tem aqueles que não tem a escritura, mas que não estão em situação de risco.

E: Você sabe qual é a profissão, apesar da diversidade, qual a profissão dos pais, das mães, tipo de profissão, qual seria o índice de pais analfabetos?

D: A gente tem ali o pedreiro que trabalha na construção civil, tem as mães diaristas, a maioria trabalha como diarista. Temos funcionários de metalúrgicas, empresas, né, não de porte grande, mas que estão ali ao redor... Temos funcionários públicos também, porque a maioria dos funcionários que trabalha na escola reside no bairro. Quanto ao percentual de pais analfabetos eu não saberia dizer, porque é uma diversidade muito grande. E ali a gente tem uma questão, por ser uma área de manancial, o fluxo é grande, o trânsito das pessoas. Então, eles vem, ficam um tempo, vão embora, aí daqui a pouco tem outras pessoas novas no lugar, então fica mesmo difícil mapear.

E: Vocês tem EJA?

D: Não, não temos EJA.

CP: Eu moro na região, não moro no bairro, moro perto. E eu fiquei muitos anos próxima dali. Muitas das crianças iam para o B. ou iam para o A., que é a escola vizinha que tem ao lado do B.. Então assim, das famílias, dos pais dos meus alunos, a grande maioria é de nordestinos, que vinham mesmo em condições precárias de vida, de conseguir um emprego, de estudar, de não trabalhar na roça como estavam acostumados. Então, assim, quando não são analfabetos, tem uma alfabetização precária. Até com uma certificação, até com um diploma lá da antiga oitava série, mas se você pedir para ler um texto e te falar... pode-se dizer que são analfabetos funcionais... se você pedisse para ler um texto, pedisse para ler e falar daquilo, não davam conta. Você tinha que explicar muito detalhadamente determinadas situações. Não estou colocando eles abaixo da compreensão, mas assim, com uma formação muito precária, feita em escolas rurais ou naquelas cidadezinhas muito distantes da capital onde eles moravam... com professores que eram pessoas que não tinham uma formação, mas que iam ali para ensinar a ler e escrever. Trabalhei um tempo com alfabetização de jovens e adultos no bairro, e o pedido dos alunos era – quero ler, quero escrever e quero fazer contas, então quando você vinha com uma proposta diferenciada: - não, professora, não estou aqui para isso, quero poder ler o ônibus, quero entender a receita, quero falar o que meu filho está me perguntando, então, a ansiedade das pessoas aqui era essa. Agora, assim, o que eu tenho percebido como moradora do bairro, que por ser uma área de manancial, não se tem escritura das casas, mesmo quem tem uma condição sócio-econômica um pouco melhor não quer entrar em uma dívida a perder de vista com a Caixa Econômica Federal, financiar uma casa ou um apartamento... E tem um dinheirinho... então, o que eu faço, vou e compro uma casa na região, até tenho um emprego interessante, não tenho um salário tão pequeno, não é tão grande, até tenho uma formação, mas não quero fazer uma dívida super grande. Então, a gente também tem essa realidade no bairro. Não é a maioria das pessoas, mas a gente tem pessoas dentro desse contingente.

E: Na ficha de matrícula há dados sobre a escolaridade dos pais?

D: Não. E como também não temos EJA, fica difícil mapear...

E: Quantas salas têm na escola?

D: 12 turmas de manhã e 12 à tarde. De manhã nós atendemos dez turmas de educação infantil e duas turmas do ensino fundamental, 1º ano, de nove anos. À tarde também, dez turmas da educação infantil e duas turmas do 1º ano do Fundamental.

E: Total de alunos?

D: Nós temos 680 alunos. No ano passado nós conseguimos atender 720. Esses 680 é por conta da redução das salas com alunos de inclusão? Nós temos bastante salas reduzidas, porque temos vários alunos de inclusão.

E: E o corpo técnico e administrativo? Então, tem a diretora, a CP...

D: Tem uma PAD [assistente de direção] e duas oficiais de escola... uma professora readaptada que auxilia na secretaria. Nós temos oito funcionários de apoio que são da limpeza, uma cozinheira e quatro auxiliares.

E: E quantos professores?

R: Temos 26 professores. Todos eles são efetivos, mas nós temos o substituto e o titular. E tem os professores que dobram na escola.

E: Quantos são os substitutos?

D: Quatro substitutos. Os substitutos são regime CLT e os titulares são estatutários. O substituto assume sala também, nas dispensas longas, na exoneração de um professor, até a contratação ele assume a sala.

E: Há muita rotatividade de professores na escola?

D: Não. No ano passado nós tivemos porque passamos por um processo de remoção, então muitos professores se removeram, foram mais próximos da sua residência. Nós estamos com um grupo novo... embora até agora não fosse característica da escola essa remoção em grande quantidade. Mas, a gente está com um grupo novo. Acho que são quatro professores que estão há mais tempo, então todo o restante é todo um grupo novo.

E: Uns 20 novos...

CP: Isso, com características bem diferentes. Vem do Estado, ingressaram agora...

D: São professores novos, não só na educação infantil, não só na nossa escola, mas são professores novos na Rede.

CP: e tem também auxiliares de educação e estagiários.

E: Quais são as instalações da escola, além das salas, refeitório, tem biblioteca?

D: Temos a biblioteca, que é uma sala adaptada, não é uma BEI - Biblioteca Escolar Interativa - dentro do planejamento, dentro do programa...

E: Todas as escolas do Fundamental têm biblioteca aqui na rede...

D: Isso. Então, lá tem uma biblioteca adaptada... laboratório de informática não. Os alunos do primeiro ano utilizam o laboratório da EMEB A., que é a escola do lado. Nós temos também um atelier adaptado, que está começando a ser utilizado esse ano, até então não tinha. O trabalho com artes era realizado nas salas. Na secretaria nós temos três computadores, mais um equipamento na direção, mais um notebook e um equipamento na sala dos professores.

E: Esses computadores são ligados na internet?

D: Sim, todos eles. Só o da biblioteca que não porque deu problema no wireless, mas na biblioteca a gente também tem um equipamento. Inclusive tem uma questão assim: quando algum professor quer acessar a internet na sala... muitas vezes elas acabam trazendo o notebook, aí elas pedem a senha, a gente dá a senha e elas conseguem fazer isso dentro da própria sala. Às vezes se utilizam do nosso notebook... Temos dois datas show, duas televisões, um DVD, uma filmadora e um vídeo. Filmadora digital e duas máquinas fotográficas.

E: E essa diferença, por exemplo, que a escola A. não tem essas coisas e vocês têm... é uma decisão do conselho de como usar o dinheiro da escola?

D: Sim, alguns equipamentos foram adquiridos através da verba, então foram adquiridos através da APM, da utilização de recursos, e outros foram enviados pela Secretaria de Educação.

E: A escola tem parceria com algum tipo de ONG, instituição?

D: Não sistematicamente. Nós estamos com um projeto mais voltado para a área de saúde, então a gente está abrindo agora uma parceria com a UBS, para estar atendendo algumas questões com crianças. Na verdade esse projeto surgiu por conta da interferência no aprendizado, no desenvolvimento. O que interfere na saúde da criança, o local onde mora... muitas moram na área do lixão, né. E a gente conseguiu com a assistente social montar esse projeto. Ele está caminhando. Então, é uma parceria com a UBS e acaba participando o Conselho Tutelar...

E: Que ações realizam?

D: A gente passa para a UBS algumas crianças com problemas de saúde, com número de faltas muito grande, a gente passa para investigação, aciona o Conselho Tutelar, A Secretaria de Habitação, do Meio Ambiente...

CP: Na realidade é uma rede de proteção às crianças...

D: É... na verdade, qualificar essa rede de proteção, efetivar e qualificar. Esse projeto iniciou em 2009 na nossa unidade, e agora ele está abrangendo a EMEB A.e a A.P.

E: Quais são os documentos que uma unidade tem que ter? Tem o Regimento que é igual para toda a rede...

D: Sim... e temos o PPP, temos a proposta curricular que também é da Rede...

CP: Documentos elaborados pela própria unidade a gente tem as fichas de acompanhamento, temos os relatórios individuais das crianças, os portfólios, os registros...

E: No 1º ano tem reprovação?

CP: Não.

D: A menos que seja por número de faltas.

CP: Mas mesmo assim, antes de chegar num número grande de faltas, a gente tem algumas ações. A gente chama a família, tenta verificar o que está acontecendo...

D: É, não se reprova só por reprovar, existe todo um acompanhamento, se faz toda uma avaliação, a questão da saúde, o motivo das faltas... então a reprovação só acontece devido mesmo a uma contingência, ou alguma questão mesmo que a professora fala – não, é necessário ele ficar mais um ano.

E: Você falou que a comunidade, os pais participam das reuniões de pais...

D: Sim, nessa primeira reunião do ano nós tivemos praticamente 80% da participação dos pais...

E: CP, me conta um pouquinho da sua formação e do seu percurso até chegar a ser coordenadora pedagógica dessa escola.

CP: Fiz magistério, fiz processamento de dados concomitante com o magistério. Terminando o magistério fiz psicologia, então sou psicóloga também. A minha primeira graduação foi a psicologia...

E: Onde você cursou?

CP: Numa faculdade particular daqui mesmo. Aí terminando psicologia eu fiz psicopedagogia... então também sou psicopedagoga, fiquei estressadíssima com o curso de psicopedagogia, porque eu fazia a leitura que eram outros profissionais que não tinham passado por 5 anos na graduação de psicologia, querendo fazer terapia com questões de aprendizagem. E ainda tendo feito magistério me angustiava enormemente. Já na sala de aula, já concursada... então aquilo me deixou assim... cada aula que eu ia voltava em pânico... – ah, meu Deus, o que eu estou fazendo aqui... não quero isso para mim, não pode ser assim!!! -, mas fui até o fim porque eu sou teimosa, então eu fiz psicopedagogia também. Depois fui fazer pedagogia, foi naquela época que tinha a questão da complementação pedagógica... vai ter, não vai ter... então falei – vou fazer um curso de pedagogia... -. Não fiz todas as disciplinas, porque tinha curso de psicologia. Não ia todos os dias, eliminei um monte de matérias. Então fiz pedagogia e fiz educação inclusiva. Fui fazer supervisão escolar... fui pipocando de faculdade... pela grande São Paulo. Então fiz supervisão na UNIBAN, fiz pedagogia, fiz psicologia na Metodista, psicopedagogia na Metodista... e Educação Inclusiva na Universidade Castelo Branco.

E: E você já tinha prestado concurso para ser professora?

CP: Sim. Quando terminei o magistério já fui trabalhar em uma escolinha assim... estava no último ano do magistério e já estava trabalhando em uma escolinha particular. Eu não me sentia professora, me sentia babá... assim... porque eram grupos pequenos, uma escola muito de centro, tinha que fazer o que a direção julgasse que era interessante e não o que eu achava que era interessante para aquelas crianças... fiquei pouco tempo. Aí logo fiz concurso na Rede Estadual, fui estagiária do Estado, ganhando um salário mínimo... Trabalhei um tempo no Estado, fui ser professora ACT, eles chamam ACT, que é a professora não concursada e tal... Nessa época saiu um concurso na Prefeitura de D. fazia um ano e pouco que eu tinha terminado o magistério...

E: Você morava aqui?

CP: Morava aqui. Prestei um concurso em D., entrei, ingressei, trabalhei com a educação infantil em D. por 7 anos... lá antes da 1ª série é diferente, então é turminha de quatro... turminha de cinco, turminha de quatro, em Diadema. Saiu o programa de alfabetização de jovens e adultos aqui, foi quando começou, que era o antigo PAC, com uma ação junto com o MOVA. E eu prestei...

E: O que é PAC?

CP: Programa de Alfabetização de Adultos, atrelado ao trabalho com Mova. Quem encabeçava o movimento era uma parceria com a Secretaria de Educação e a faculdade M., que na época não era universidade ainda, era faculdade. Aí prestei o concurso, passei, fui bem classificada e aquilo tudo era novidade para mim. Dar aula para senhores e senhorinhas que tinham idade de ser meus avós, meus pais, eu novinha... então chegava na sala de aula e falava – o que eu estou fazendo aqui? O que é isso?, mas gostei muito do trabalho, acabei me identificando muito. Fui estudar muito para entender como é aquele trabalho com os adultos, que não podia... não dá para ser qualquer coisa, porque eles não ficam se você não tem um trabalho muito interessante, que esteja de acordo com o desejo deles. Que você cative, signifique, ele deseja estar ali, depois de um dia longo de serviço... então assim, aprendi muito nessa época, fui estudar muito. Questionava meus professores, pedia para me ajudarem, pedia para me darem sugestões. Foi uma época em que eu aprendi muito enquanto profissional. E lição de vida também, né, porque como eles já tinham experiência de vida... experiência de mundo, então meu exercício era atrelar a experiência de mundo que eles tinham, ao projeto pedagógico, à sala de aula...

E: Depois você voltou para a educação infantil...

CP: Fiz as duas coisas concomitantes. Eu fiquei na educação de jovens e adultos e na educação infantil. Fiquei um tempo... fiquei três anos e meio na educação de jovens e adultos. Aí estava aquela vida de itinerante, de nordestino... nada contra os nordestinos, mas saía de casa às 5 e pouco da manhã e chegava à meia noite, mal dormia porque tinha que estudar... e o outro dia de novo... Falei – não, não quero isso para mim, quero qualidade de vida. Nessa época que eu cheguei a essa conclusão saiu o concurso aqui na rede, o concurso para a educação infantil. Falei – vou prestar e vou entrar. E aí me dediquei mesmo, estudei muito, entrei...

E: E quantos anos faz isso?

CP: Na Prefeitura vou completar 17 anos.

E: Você foi PAP?

CP: Fui PAP... inclusive nessa escola.

E: Foi PAP por dois anos e meio?

CP: Dois anos e meio. Respondi por direção na A. e saiu o concurso de coordenadora pedagógica, falei – é isso que eu gosto, é a minha cara -, prestei o concurso e estou como coordenadora desde 2009.

E: Há quanto tempo você está nessa escola?

CP: Nessa escola é meu 2º ano.

E: E como é que você planeja o HTPCs... porque você tem duas horas semanais de HTPCs, né?

CP: Para o Infantil são 2 horas e para o Fundamental são 3 horas. Então o HTPC do Fundamental tem uma carga horária maior...

E: E é realizada separadamente?

CP: Não, esse ano não mais, acontece junto por conta da resolução, cada ano sai uma resolução para a normativa do HTPC... e esse ano saiu que pelo menos 50% desse total tinha que ser junto. As escolas que tinham até 25 turmas, tinham que fazer no máximo dois grupos, dois HTPCs, dois agrupamentos dos professores. E as escolas que tinham a partir de 25 poderiam fazer mais agrupamentos. E aí começa todo o dilema de definição de bater o dia... tem a vida pessoal de cada professor, de cada indivíduo que está ali participando. E a gente acabou fechando dois grupos para este ano. Um grupo que acontece de segunda e um grupo que acontece de quinta. O grupo de segunda é menor, tem 30% do grupo e no grupo de quinta está o restante dos professores.

E: E como você planeja o que vai ser trabalhado?

CP: Tem um projeto de formação, estamos com Artes esse ano... Por que a opção foi Artes? Por conta da implementação do atelier, que a gente trouxe... que conseguimos efetivar esse ano. Era algo que a gente tinha desejo, mas não tinha conseguido ainda fazer.

D: Através do acompanhamento dos instrumentos metodológicos é possível ter mesmo essa visão do grupo e a partir dali levantar a necessidade do grupo. E aí a gente começa com a formação do HTPC.

E: E artes vai ser esse semestre ou o ano todo?

CP: Começamos oficialmente a formação em artes ontem. Ontem a gente apresentou... Vai ser o restante do ano, a gente vai até outubro, até meados de outubro para terminar, porque contamos com as

intercorrências que vão acontecendo ao longo do ano. Então a gente não quis fazer uma quantidade de etapas muito justas, para poder acrescentar outras, e coisas que vem do Departamento... que acabam tendo que ser discutidas com o grupo também. Fizemos um recorte em artes visuais, fixamos conteúdos, desmistificando alguns equívocos conceituais. Mas paralelo a isso, como ela estava dizendo, fazendo uma leitura de necessidades do grupo de professores que a gente tem hoje, como o grupo mudou muito, há uma necessidade de se investir em rotina. Se discutir os momentos da rotina, os fazeres dessa rotina... há uma necessidade de se discutir leitura, escrita, enfim... as necessidades são imensas... Precisávamos ter vários fóruns de formação, vários momentos de formação. O que nós optamos, então. Para atender essas necessidades formativas individuais, via instrumentos metodológicos, via formação individual... então, por exemplo: a professora 'x' precisa de uma formação, de um apoio mais incisivo em corpo e movimento... então é de corpo e movimento que vou tratar com a professora 'x'.

E: Vocês têm reunião individual...

D: Temos.

E: Com que periodicidade?

CP: O desejo era que fosse quinzenal, mas logo a gente descobriu que isso era humanamente impossível, nós damos conta disso.

E: Então é mensal...

CP: É mensal e algumas devolutivas dos instrumentos verbais, para ter essa possibilidade da troca, mais que o papel... conversar sobre. Ouvir o que esse outro pensa sobre isso, e assim, essa proposta do atelier fazer junto, compartilhar, sistematizar. Então assim, os fóruns formativos são: reuniões em grupo, devolutivas de registro, formações individualizadas e formações com o grupo como um todo. Os HTPCs são planejados visando o alcance mesmo dos objetivos, sempre com cunho muito reflexivo do professor. Então assim, discute-se, fala-se... deseja-se que isso se transforme em uma prática, reflete-se em cima de registros, tudo amparado por embasamento teórico.

E: Tem também uma reunião pedagógica bimestral...

D: Na verdade não chega a acontecer bimestralmente. São nove reuniões distribuídas ao longo do ano... No início do ano a gente começa com planejamento, que geralmente são de três dias e aí são consideradas reuniões pedagógicas. E aí a gente tem autonomia para estar alocando as demais no decorrer do ano. Então são três momentos fixos, que não podem mudar. É o início do ano, o final e o retorno do recesso...

E: e quem participa dos HTPCs, além de vocês... as professoras...

CP: a PAD e a diretora. E em algumas situações a orientadora também vai.

E: Tem reunião do conselho junto com a APM?

CP: sim, nós temos mensalmente...

D: uma reunião. Às vezes tem assuntos mais específicos para APM, então a gente faz só para APM. Em outros momentos para o conselho, então só o conselho. Mas na maioria das vezes a gente consegue reunir os dois grupos.

E: Quais são as suas principais satisfações e as suas principais dificuldades como coordenadora pedagógica?

CP: Dificuldade é o tamanho da escola, tem 24 turmas, duas modalidades e assim... por mais organizada que seja você está sempre com a sensação de estar correndo atrás... Porque assim, são todas aquelas

devolutivas, todo aquele acompanhamento, o desejo de ter mais tempo para estar junto com as pessoas, conversar mais. Então, essa é uma grande dificuldade, o tamanho da escola, uma coordenadora só, e a demanda que o cargo exige... a demanda formativa que o cargo exige e fora os encontros e as diversas reuniões. Então, assim, está uma semana na escola, mas você não está uma semana na escola... você tem reunião com a Secretária. Você tem reunião administrativa. Você tem curso. Aí você volta, você tem que atender pessoas, tem que fazer devolutivas, tem que estar atenta com tudo que está acontecendo. Tem que ler... a pessoa vem... a família quer conversar com você, mesmo sem estar agendada. Então tem que parar tudo e atender. Então assim, uma das principais dificuldades é tempo e o tamanho da demanda que é... Um grupo extremamente novo, um grupo que precisa de muito para caminhar. Assim, não todos, mas eu diria que 75% desse grupo necessita de um apoio mais incisivo, diferentes ordens, que vai desde fazer fila e que cada indivíduo ande atrás da cabeça do outro.. a atividades com números... e copiar letra..., então assim, intervenções das diferentes ordens, das diferentes áreas...

D: E a concepção de infância também...

CP: De infância, de educação, relação professor aluno, relação com a família... Então essa é uma grande dificuldade. A gente tem conseguido lidar bem, mas sempre com essa sensação de que – ah, poderia ser mais, né -, poderia estar mais inteira se tivesse um tempo maior aí. Essa é a grande dificuldade. Grande satisfação... ah... não sei... vou ser até poética aqui... Mas quando você vê... quando você planta uma sementinha, mesmo que ela demore para germinar, mas que você vê um fruto lá na frente. Estava comentando isso com ela hoje... Estou em uma fase com as meninas de leitura de relatórios para reunião... então pedi que elas fizessem uma caracterização das crianças, falar do período de adaptação, que falassem dos trabalhos que estão sendo desenvolvidos, das modalidades organizativas que estão sendo desenvolvidas, que vão dar continuidade no próximo trimestre. E aí assim, alguns relatórios eram de chorar, de pegar e falar – o que eu faço agora? -, e assim... porque falavam de tudo menos da essência do que era bacana estar ali, né. Contava o ‘não saber’, o ‘não saber’ era o grande ‘x’ da questão e não as competências que se tinha, o investimento que se fazia, a ligação pedagógica com a professora. Então assim, era lapidar mesmo, era esculpir dentro da profissão. E aí a devolutiva foi muito nesse teor, né, de falar pro indivíduo refletir, não de falar – está errado, não é assim -, mas então de mostrar que caminho poderia trilhar. E com outras pessoas com bons modelos, mais do que sentar junto e conversar sobre... e aí para algumas pessoas, depois de toda essa conversa – faz de novo, me mostra para ver como ficou -. E aí você pega alguns relatórios que eram tristes de chorar e você vai ver uma segunda versão dele... com algumas questões ainda, porque a gente tem que ter tempo para esse percurso também, mas que está uma graça, né. Já não aparecem mais aquelas questões gritantes, a pessoa já conseguiu, do jeito que ela dá conta neste momento, mas colocar no papel, compreender o que se está dizendo... Todas as atividades acabam passando primeiro por mim, para eu autorizar ou não, mas é bacana no sentido assim, eu avalio que atividade é essa, que objetivo é esse que está sendo solicitado ali. Algumas, perfeito, assino e encaminho. Outras eu pego e falo – mas isso não dá -. Aí você chama a professora para conversar. Estava conversando com uma professora semana passada de uma das atividades, um exemplo mais fresco. E aí ficamos todo o período de planejamento do HTPC dela conversando sobre aquela atividade. E aí ela foi fazendo várias associações ao longo da conversa que – puxa vida, nunca tinha pensado nisso, é verdade, é isso mesmo... agora eu consegui entender... -. Eu olho quinzenalmente os registros, por conta do tamanho do grupo. Mas tem professoras... eu deixei livre, para cada professora encontrar o seu estilo... o seu jeito. A gente foi conversando sobre o que é interessante aparecer nesse registro. E assim...o que eu coloquei foi que independente da forma como ela vai registrar... ela vai me entregar quinzenalmente... se ela quiser fazer todo dia, pode. Se quiser fazer quinzenalmente, ela pode. Mas, o que precisa aparecer ali é a reflexão desse trabalho.

E: Você escreve devolutivas...

CP: Sim. E a funcionalidade dele, não só para a coordenadora que vai ler, mas a funcionalidade para ele enquanto profissional, então tem que ajudar também esse professor a rever a sua prática, a pensar sobre a sua prática. Então, é o registro, o planejamento semanal... Mas a periodicidade com que eu olho é quinzenal,

porque eu intercalo o grupo da manhã, primeira e terceira semana, com o grupo da tarde, segunda e quarta semana. Para poder acompanhar, fazer as devolutivas...

E: Tem relatórios de grupos?

CP: Tem relatórios... são três relatórios ao longo do ano. Esse primeiro a gente optou por fazer uma caracterização mais geral do grupo mesmo... Um que vai para os pais, em setembro, mas que vai do início do ano até junho... individual, de aprendizagem das crianças.

E: Relatórios individuais quantos são?

CP: São dois, um no meio do ano e outro no final. Passam por esse mesmo processo. Ler, apontar questões, refazer, entregar...

E: Para terminar, se você tivesse que dar uma orientação, ou um conselho para uma coordenadora pedagógica nova, que nunca trabalhou... o que você diria que é mais importante na sua função?

CP: Eu diria que o mais importante, assim, primeiro considerar esse outro, ouvir esse outro. Respeitar o que esse outro já tem construído, mesmo que não seja exatamente o que eu desejo enquanto profissional. E a partir dali favorecer reflexões, favorecer discussões, né, para que o novo tome espaço, para que o novo se una a esse já construído enquanto indivíduo, e se faça um profissional junto. Isso não é fácil, falando é lindo, mas... no dia a dia não é fácil, porque você esbarra em várias questões. Aquele indivíduo que está ávido por aprender, está fazendo o seu melhor, um trabalho muito bacana, tem aquele brilho nos olhos pela Educação. Aí você encontra também o indivíduo que – ah, educação infantil, eles são pequenos... vou trabalhar com massinha, parque e desenho -, aí você fala – meu amigo, não é bem assim, precisa conhecer todas as áreas, o que precisa trabalhar. Olha, aqui precisa mediar conflito, ali tem que falar com aquela família, tem que considerar esse contexto... ai tem que ver aquela criança e fazer um trabalho com o todo - . Então assim, às vezes dá a impressão que você é o sanduich do lanche, né? por um lado todas as pressões educacionais que vem da Secretaria. E do outro lado está o querer e não querer... consigo, não consigo... você lida também com autoestima dos profissionais, com o conhecimento dos profissionais... a cristalização – eu sei tudo, imagina que eu não sei... vem dizer que não está bacana, eu sempre fiz assim, por que agora, neste momento vou mudar com essa turminha específica. Então, assim... conseguir cavar, e aí é cavar mesmo, um espaço, criar um vínculo, ter uma relação bem interessante com os profissionais para que eles comecem a... não estou indo pelo caminho da afetividade, não, mas em algumas situações isso faz uma diferença, para que eles coloquem as ações aí em prática, consigam transpor para a prática. E não de uma forma deformada. Ontem foi muito legal, que a gente estava discutindo a oficina de percurso criador em HTP, aí uma professora teve a humildade de – eu não sei o que é, quero aprender -, - puxa, que bacana... isso mesmo... -. Se você tem um grupo disposto, tudo que você vai propor, vai sendo construído. Mesmo que venha com distorções, com não compreensão total... mas aí você vai discutindo.

E: E como você faz para se atualizar?

CP: Leio muito... até as meninas brincam, quem me conhece há um pouco mais de tempo... Quando eu percebo, estou em uma discussão e alguém fala alguma coisa diferente... aí eu começo a perguntar... e daqui a pouco já estou com um livro sobre aquilo. Utilizo muito internet também, sou internauta de carteirinha. Mas assim, a leitura e o estudo para mim sempre foi algo muito forte na minha vida. Estou inconformada que não tenho mestrado, é algo que eu desejo para mim lá na frente... Não agora, porque acabei de casar... mas é algo que eu quero, estudar, para mim faz diferença mesmo. Quando eu não entendo uma coisa e a pessoa dá possibilidade do diálogo, eu pergunto, eu peço indicação.

E: E você também recebe ajuda da...

CP: da orientadora pedagógica... ela vai semanalmente na escola e a gente faz uma reunião em trio, e aí ela faz um acompanhamento sistemático do nosso trabalho, enquanto equipe gestora, em algumas situações ela nos apóia, nos ajuda...

E: Por exemplo, que ajuda ela dá agora que vocês definiram o conteúdo Artes?

CP: Ela vai olhar o projeto e... é que ela não viu ainda porque ele nasceu ontem, né. Mas a ação da orientadora é olhar e assessorar mesmo... – olha, bacana... vamos ver o teórico...que tal fazer isso? -, de avaliar junto...

E: Mas ela entra para ajudar depois que está pronto...

CP: Depois que a gente rascunhou... assim... ela sugere algumas coisas, ela dá liberdade para que a gente tenha autoria, aí ela vem, nos ajuda, olha... se a gente pede – faz uma indicação, ela traz materiais... é um aporte bem interessante. Nós esquecemos de falar, nós temos uma equipe de orientação que tem uma fono e uma psicóloga referência da escola. Que também nos ajudam a pensar em planos de ações com as professoras que têm crianças com necessidades educacionais especiais, então a gente também tem um acompanhamento bem incisivo dessas professoras que atendem essas crianças.

E: Vocês têm reuniões entre coordenadoras?

CP: Então... este ano não estamos tendo mais...

D: Mas existe o encontro com a orientadora pedagógica...

CP: O encontro com ela começou... na verdade teve só um encontro, começou agora... mas mesmo assim é com a orientadora e ela é a técnica de referência. Com um grupo de coordenadores não tem... Mas assim, ela tem mais quatro, cinco escolas... , só estão ali as CPs dessas escolas que ela atende. É um trabalho de agrupamento.

E: está ótimo, gente, muito obrigada.

Entrevistadas: Diretora e Coordenadora Pedagógica

Escola Z2

Data: 03.05.2011

P: e você é diretora dessa escola há quantos anos?

R: então, eu sou professora responsável pela direção. Eu estou há um ano e meio na direção dessa.

P: e você veio de onde?

R: eu vim de creche, eu trabalhei... há 23 anos que estou na rede municipal e sempre atuei mais na creche. Esses dois anos agora que estou no ensino infantil.

P: você estava trabalhando...

R: como professora...

P: como professora, de crianças de quantos anos?

R: três anos, sempre atuei nessa área de três. Entrei já na sala de três.

P: então na função de diretora há um ano e meio...

R: há um ano e meio.

P: então, você... conta para mim um pouquinho da localização, do bairro, da região onde fica a escola.

R: a escola se localiza na região do Alvarenga, que é uma periferia, né. É um bairro que foi urbanizado já há algum tempo. Ele tem uma história que é uma área de manancial, aonde foram vendidas... O que se diz é que todo o manancial foi invadido, mas não foi feito, pela história que a gente tem. A gente descobriu agora com a comunidade que foram vendidos os terrenos. Tem algumas invasões, lógico, mas os primeiros a ingressarem nesse bairro foi vendido. Era uma fazenda grande, e aí foi feito um loteamento. E aí foram comprando. Tinha algumas imobiliárias, se é que a gente pode chamar de imobiliária, não sei, que vendeu esses terrenos. Eles pagavam carnezinho, tudo, né, e a redondeza foi crescendo assim. Tem muita dificuldade. Agora que a gente tem uma UPA lá, mas assim falta creche...

P: o que é UPA?

R: Unidade de Pronto Atendimento da Saúde. Tem na verdade o A.P. que atende infantil, tem o F. B. também, que atende infantil, mas com quatro salas de Fundamental e tem o A. M. que faz atendimento de Fundamental.

P: Então, esse bairro que é o Alvarenga é um dos bairros mais pobres daqui...

R: é, é um dos, tem mais.

P: é considerada uma zona de vulnerabilidade social pela Administração. Como... você sente dificuldades em relação a isso, comparando com o seu histórico de creche, nas unidades que você já atuou... agora

fazendo a gestão dessa escola? De que forma isso reflete para você na gestão, se reflete, o fato de estar em uma zona mais pobre e de vulnerabilidade social?

R: então, pelo meu histórico desde que comecei, eu comecei numa creche que é central aqui, mas não deixa de ser carente, mesmo que esteja no centro praticamente. Mas assim, por ser central ela tem uma facilidade em questão de transporte, de ir para o centro mesmo... As UBS são... Quando eu fui para o C. eu fiquei 12 anos no DR, aí fiquei 9 anos no C., que é outro bairro periférico, mas também urbanizado com mais acesso. O que tem nessa escola?, eu vejo assim: a gente tem uma única estrada que dá direto para lá, que é a estrada do Alvarenga, a principal. Então, a carência que eu vejo grande do bairro é falta de creche, de uma UBS mais atuante...

P: UBS...

R: UBS, Unidade Básica de Saúde... Eu acho que o transporte também é meio precário, né, porque tem duas, três, quatro linhas só. E ali é um bairro muito populoso, que cresceu muito durante os últimos anos. E na questão da gestão o que eu sinto, assim: quando aparecem os pais sempre procurando vaga, a nossa escola é pequena. Não tem atendimento para todo mundo. E comenta-se das creches, que não tem ali perto. A creche mais próxima é o O.

P: então as crianças daqui você acha que não frequentaram creche?

R: a maioria não, muito poucos. Porque mesmo o O. para o J. L. é distante. Então, a atendimento... as crianças que a gente atende da turma de 3 anos elas não... a maioria não passou pela creche. É a primeira vez que vão a uma unidade.

P: e vocês tem ficha de matrícula onde vocês perguntam a escolaridade dos pais, profissão? o que você sabe sobre o perfil dessa comunidade?

R: então, tem a ficha de matrícula, mas o perfil do pai, se é escolarizado ou não, nós não temos. O ano passado a gente teve oportunidade de fazer na nossa escola a contabilidade, a questão da escolaridade dos pais e dos avós, por conta da EJA, porque nós atendemos duas salas de EJA e uma telesala, à noite. E o ano passado a EJA solicitou para nós essa pesquisa. E o que deu dentro dessa pesquisa, assim, que a maioria dos pais tem o segundo grau. Quem não tem são os avós. Os avós estão naquela coisa assim – analfabeto -, mas a maioria dos pais que a gente atende tem o segundo grau, o primeiro completo. Tem alguns já cursando faculdade também.

P: a maioria tem segundo grau completo?

R: completo.

P: nível médio?

R: nível médio. A gente estava... nós ficamos espantados com a pesquisa. Que não tem, você vê... quem não tem são os avós, que são os avós das crianças. Mas a clientela aparentemente...

P: e você acha que tem um percentual de analfabetos, dos pais?

R: tem. Não tanto como...

P: qual seria esse percentual?

R: a gente não tem o percentual... acho que... uns 40%, nem isso, né. Não chega a tudo isso, não.

Entrevistada - CP – R2

R: uns 20%...

R: é, que essa pesquisa a gente encaminhou para o EJA, que a gente contabilizou na escola tudo.

P: é... vocês tem isso na escola ou é melhor pedir para o EJA...

R: para o EJA. Que a gente mandou para elas.

P: tá. E você lembra qual é o tipo de trabalho que os pais das crianças têm, qual é o perfil de...

R2: variado...

P: você lembra o que eles dizem, no que eles trabalham...

R: então, o que eu percebo, assim, como a escola tem meio período, né, então assim, tem aquela mãe que trabalha e tem aquela mãe que não trabalha. Mas assim, a gente tem mãe que trabalha no centro, no Habbi's, tem uma mãe que é advogada. Mas a maioria assim, é dona de casa ou tem um emprego mais... ou de empregada doméstica ou trabalha pelo bairro, em algum local de atendimento, um mercado, uma mecânica... que a gente tem essa clientela. Diferente de onde eu vim, que era mais empregadas domésticas, na creche.

P: sim... E os pais?

R: tem pais que trabalham em empresa também.

P: e como é a relação deles com a escola? Eles costumam ir às reuniões pedagógicas, reuniões de pais...

R: reunião pedagógica a gente não...

P: não faz...

R: não faz. A de pais eles vão, sim. E a clientela que a gente atende ali ela é atuante. Quando a gente foi montar agora a APM, o conselho de escola, é uma escola diferenciada da que eu vim, né... fizemos a reunião de pais, tiramos alguns pais que se elegeram. Fizemos campanha, aí teve eleição, tirou os membros da APM. Então tudo que é solicitado da escola para eles, a gente tem um bom retorno. E nas avaliações da... que a gente faz da comunidade, que no final do ano sempre é solicitado, o que vem falando de nós, né?, que é uma escola que está sempre... a questão de recados, solicitações... eles estão sempre presentes, a gente tem um bom retorno. Então a gente vê que é uma escola que está pela comunidade. E a gente tenta fazer um bom trabalho. Então, assim, desde o portão um bom atendimento. Até a secretaria e até com os pais na sala de aula. E são pais atuantes, sim, não perdem uma reunião de pais, não, é muito difícil. Tanto é que a gente tem um trabalho... a CP vai falar, mas um trabalho na parte pedagógica, que o professor tem esse papel de estar fazendo esse convite aos pais, para ele participar realmente.

P: vocês fazem reuniões de pais com que periodicidade?

R: então, esse ano a gente vai ter quatro reuniões de pais. Então a gente também trabalha assim... tem reunião, tem o grupo com os pais e tem a reunião individual, que é aquela que marca horário, o pai naquele momento vai falar exclusivamente do seu filho.

P: uma média de duas por semestre.

R: isso.

P: então, quantos períodos vocês tem? Então vocês tem dois períodos funcionando...

R: de manhã e à tarde...

P: e à noite o EJA...

R: o EJA e a telesala.

P: quantas salas de manhã?

R: de manhã nós temos 9 salas, à tarde 9 também.

P: 9 salas de educação infantil.

R: de educação infantil.

P: à tarde...

R: também 9 salas de educação infantil.

P: e à noite?

R: à noite nós temos duas salas de EJA e uma sala é Alfa, e a outra é telesala. Essa sala, na verdade no segundo semestre a gente quer desmembrar, porque estamos com 34... 35 alunos. Então a gente vai estar...

P: e são os pais das crianças, esses alunos...

R: sim, a maioria é de pais, tem alguns pais na telesala também, que a gente tem. Mas a característica do nosso EJA não são os jovens ou meio jovens, são mais idosos, né. A gente tem um grupinho grande lá...

P: tem avós também?

R: tem. Tem de tudo.

P: tem pais e avós...

R: tem. Nós temos uma figura que é o seu J. P. que ele está lá há muito tempo. Chega no meio de setembro, há muitos anos que ele faz isso. A gente percebe que ali ele atua no conselho de escola, né, ele é uma pessoa atuante. Por isso que eu prefiro que va... marcar reunião... para falar na Secretaria, ou mesmo com vereadores... mas assim, o que a gente percebe é que ali na nossa escola ele é uma pessoa, ele não é um número a mais. Porque se ele passar para outra escola ele vai ser um número. E ali não, ele é atuante. Ele ganha estourado, na campanha ele ganhou estourado...

P: ele ganha para que?

R: para ser representante do EJA.

P: então tem uma sala de Alfa....

R: isso. E telesala.

P: o que é telesala?

R: a telesala é... eh... agora está com ciências, né, é tipo de vídeo...

P: mas tem uma sala de alfa e uma de...

R: uma de pós... Pós é terceiro e quarto...

P: terceiro e quarto, né?

R: E a gente também tem atendimento aos sábados de oficinas. E também no período da EJA, de quarta-feira, a gente está tendo agora a oficina também de customização...

P: o que são essas oficinas?

R: é uma professora que vem e que ela vai estar trabalhando com os alunos esse ano... O ano passado foi dança. Dos projetos que as professoras desenvolveram a nossa escola é a dança, o forró é o que mais tem, né. Então a professora ia toda segunda-feira, no ano passado era toda segunda-feira e ela dava aula de forró... Mas também...

P: à noite...

R: à noite...

P: para a comunidade...

R: não, para os alunos da EJA...

P: ah!

R: para os alunos da EJA...

P: tá.

R: as professoras fizeram um trabalho de pesquisa de onde vem o forró, das cidades que eles vêm como é a questão da dança. E esse ano veio para a nossa escola a oficina de customização, onde as meninas... a CP até vai falar, elas estão fazendo um trabalho de diversidade, né, e desse trabalho vai surgir algum trabalho que vai fazer customização. Estamos pensando primeiramente em uma camiseta, né...

P: e isso vai ser aos sábados?

R: não. Isso é de quarta...

P: à noite...

R: à noite. De sábado a gente tem oficinas que a gente abre a escola também. Oficinas culturais. Tem de violão, pintura em tecido... e artes plásticas para as crianças.

P: para a comunidade...

R: para a comunidade. É aberto, tem inscrição, tudo.

P: essa é uma política da Secretaria Municipal de Educação...

R: de Cultura...

P: uma parceria...

R: uma parceria... Aí a gente cede o espaço.

P: e tem bastante procura?

R: tem bastante procura. Tanto é que a de violão tiveram que fazer sorteio. Porque era só 15 e teve quase 30 inscritos. Aí a moça teve que fazer um sorteio. E aí no final do ano eles fazem uma avaliação dessas

oficinas, a comunidade. Então, a do ano passado teve violão, teve pintura em tecido. Foi avaliado e esse ano retornaram...

P: vocês têm algum tipo de problema como depredação ou violência na escola?

R: nenhum, é bem cuidada essa escola. Pelo menos eu posso falar pelo ano e meio, a CP tem mais tempo... Não tem esse problema. No portão você coloca cartazes, por exemplo, cartaz da APM, do conselho para eleição, tinha foto das pessoas e estava no portão. E isso permaneceu durante 15 dias, ninguém rasgou, ninguém tira nada... Não temos esse problema, não.

P: bom, aí conta um pouco para mim do corpo técnico e administrativo da escola. Então, você tem uma diretora que é você... tem a CP...

R: e tem a professora de apoio à direção...

P: de apoio à direção... Que é a PAD...

R: isso. Tenho três oficiais administrativos, um a gente tem um atendimento para o EJA, porque fica até às 22 horas, uma delas. Aí esse horário a gente trabalha... uma de manhã, outra à tarde... São três oficiais administrativos. No apoio nós temos um zelador e agora estou com 5 auxiliares de limpeza. E temos quatro... essas são terceirizadas, né, quatro merendeiras e uma para a noite. Então são 5 no total, que ela entra no contra turno, né?

P: e quantos professores?

R: nós temos 18 professores efetivos...

P: são concursados?

R: todos são concursados, esses são efetivos da escola. Escolheram a nossa escola. Aí nós temos 3 substitutas, professoras substitutas...

P: aqui todas as professoras...

R: são concursadas...

P: são concursadas...

R: concursadas, CLT, é outro regime. As efetivas são estatutárias e as substitutas são pelo regimento da CLT. Eu tenho uma professora readaptada...

P: o que é ser readaptada?

R: por problemas médicos, ela foi readaptada... Não pode atuar mais na sala de aula...

P: e atua aonde?

R: ela é... na biblioteca. Ela tem...

R2: ela faz tudo...

R: ela faz tudo, mas ela tem um bom trabalho na questão de histórias, ela tem um projeto de história...

R2: é uma senhora, bem... é bem culta...

R: aí ela dá o apoio, ela cuida bem da biblioteca e ela tem um projeto dela que esse ano ela ainda não iniciou, né... mas no ano passado ela fez um projeto de história, ela ia nas salas, né, contar histórias, toda caracterizada, né, para as crianças. E temos uma professora agora que atua na EJA, que é a professora de 40 horas, que é... começou na unidade infantil de 4 a 6, né.... de 3 a 6... oh... de 3 a 5.

P: ela vem à noite para isso...

R: essa professora vem para isso, né. E assim, na telesala e no pós eu estou com duas professoras que são da Rede, mas que estão em regime de hora extra... até dia 30 de abril...

P: tá. E você tem... dos professores efetivos, você acha que a maioria tem pouco tempo de serviço na escola ou...

R: então, uma das características da escola é que de 2 em 2 anos o grupo muda, de professores. Então, no ano passado nós ficamos só com 4 professores, que eram do atrasado...

P: por que?

R: por ser... acho que é isso, né?, por ser uma escola distante... as professoras que vem são professoras que estão começando na rede municipal, então elas vão para a nossa escola, né. Aí elas ficam... quem gosta fica, quem não gosta, vai. É a questão muito da distância mesmo.

P: mas aí é elas que querem...

R: que querem. Porque... todo ano, pelo estatuto nosso, que está vigorando ainda, você de 2 em 2 anos pode fazer remoção.

P: de dois em dois anos...

R: é, de dois em dois anos.

P: aí quando chega a época da remoção elas...

R: é, no ano passado nós tivemos... Das 18 que a gente tinha efetivas, 4 ficaram e as outras foram para outras unidades. Que a gente até fala assim – quando elas estão tinindo... aí... -.

P: que era o quadro daquelas que eu até conheci algumas, né?

R: Sim... tem uma professora substituta, né, que ela estava na nossa escola...

R: ela está substituindo uma professora que está...

R2:... ela não é substituta... ela é estatutária, só que ela não tem sala.

R: isso mesmo, desculpa, é que no ano passado ela era substituta. Aí ela passou no concurso como efetiva. Aí ela está assumindo a sala de uma professora que está de licença gestante.

R2: exonerou.

R: exonerou ela?

R2: é uma que não apareceu, lembra?

R: ah, é, verdade.

P: o que vocês têm de instalações lá na escola? você falou que tem uma biblioteca...

[risadas]

R: na verdade é um cantinho da lavanderia. Não é adequado, mas é o único espaço que a gente teria para armazenar alguns livros e tem a tv e o vídeo ali.

P: como vocês fizeram essa reforma?

R: então, essa aí eu não peguei essa reforma, né.

R2: porque a lavanderia eram duas partes, tinha uma parede no meio, então seria a lavanderia e um almoxarifado ali. Aí a gente pegou o almoxarifado, transferiu para o banheiro para poder liberar aquele espaço. Então, na parte que fica a máquina, no canto, ficam as estantes com os livros, baixos, na altura das crianças. E na outra parte ficam as almofadas, os papeis para as crianças...

P: é um puxadinho...

R e R2: é um puxadinho.

R: mas as crianças gostam [ri], apesar de ser inadequado, as crianças gostam...

P: tem quadra...

R: a gente não tem quadra. Tem o parque que tem um pedaço que é um tanque de areia. Tem uma casinha de madeira, os balanços... um gira-gira.

P: e laboratório não...

R: não, não.

P: e computador?

R: computador nós temos 3, que fica 2 na Secretaria e um na sala de reuniões, que a gente oferece para o professor. Mas só para digitar, porque internet... quem quiser usa o modem que a gente tem, né.

P: para crianças não tem...

R: não, não temos.

R2: às vezes o que ajuda é o Datashow... com notebook...

R: e assim, enfrente às salas, na parte de baixo, a gente tem uma parte externa, né, grande. Não dá para chamar de quadra. Tem até o gol, a pintura, tudo, mas não é uma quadra, é o espaço que tem ali no pátio. A gente tem um atelier de artes, que é dividido com o refeitório, que a gente chama de atelier, mas é o refeitório. Então, tem um armário com as coisas de pintura e tem as mesas maiores. E divide com... para fazer a refeição.

P: e vocês tem retroprojektor?

R: temos.

P: projetor de slides?

R: é meio antigo...

P: TV?

R: TV nós temos uma de LCD, que é a mais nova, de 29, e uma mais pequena.

P: tem vídeo?

R: vídeo, temos.

P: tem xerox?

R: não. Temos impressora, só.

P: máquina fotográfica?

R: temos uma... temos até duas, mas uma só que está funcionando. É meio precário... [ri]

P: os professores costumam usar o computador?

R: olha... que a gente vê mais usando o computador para digitar para os alunos um trabalho, assim, é o pessoal da EJA. Que o professor do infantil acaba fazendo em casa, já trazem tudo pronto, né. Tem umas que tem umas máquinas já adaptadas com tinta que usam da própria delas, né... Agora, quem usa mais é o pessoal da EJA...

P: e não tem internet...

R: não, a gente tem um modem. Quando precisa a gente empresta.

P: tá.

R: O professor é só solicitar. Não só o professor como outros funcionários se precisar utilizar.

P: e vocês tem algum tipo de parceria na escola?, tem alguma entidade, alguma ONG?

R: não. Nenhuma. Até que a gente gostaria, né?

P: e a estrutura pedagógica vocês tem uma coordenadora pedagógica...

R: isso.

P: e vocês tem regimento escolar, plano de gestão?, quais são as documentações daqui?

R: a gente tem regimento escolar...

R2: que é único...

R: é único, né, não é feito por nós. É municipal mesmo.

R: então, tem o regimento que é único para a rede, né? E o PPP da escola...

P: então, regimento único... tem um projeto político pedagógico...

R: ...da escola... que é importante... Quando eu prestei, quando eu fui fazer a provinha interna, da seleção interna, foi o que embasou para eu dar uma olhada como que era o histórico da escola.

E a gente percebe assim, que ele é um instrumento norteador para as professoras também. Que elas percebem... e ele é a base da escola, né. Até a P. depois vai falar, mas ele é um norteador, por que? por essa

característica de 2 em 2 anos mudar o grupo de professores, ele é a base. Assim...é dali que tem o trabalho pedagógico para dar uma estrutura.

P: a escola tem quantos anos?

R: ela tem... ela é de 80 e... 86... é, 86. Ela é de setembro de 86. Ela tem praticamente 25 anos...

P: e como vocês organizam... no PPP, o que está definido em termos de organização pedagógica para o trabalho dos professores? Em que sentido eles orientam? O que tem ali? tem eixos de trabalho, tem as disciplinas, tem áreas...

R: tem áreas de conteúdo, de conhecimento. Tem a rotina, que a gente também incorpora ali. Tem as orientações didáticas de cada área. Tem um plano de ação de formação nossa, que a gente coloca... O PPP tem até o plano de ação do conselho também dentro da escola. Para o professor tem o plano de formação. Tem as áreas de conhecimento, tem as orientações didáticas, né, que norteiam...

R2: para cada momento da rotina, que eu acho que isso ajuda bastante para quem chega. Tem o objetivo daquele momento e algumas orientações didáticas que o grupo foi construindo ao longo dos anos, acho que isso ajuda bastante.

P: você só não falou a sua formação...

R: sou pedagoga...

R: estou fazendo a pós de gestão escolar agora...

P: lá pela USP...

R: eu não vou lá... eles que vem para cá...

P: é uma parceria, com a Secretaria Municipal...

R: é.

P: bom, já fala para mim a sua formação...

R2: eu tenho história, aí depois com a mudança da lei eu fiz pedagogia também... e supervisão...

P: onde que você fez história?

R2: aqui mesmo na F.

P: em uma faculdade particular...

R: é, particular.

P: e a pedagogia?

R: também.

P: que especialização você fez na pedagogia?

R: habilitação para supervisão...

P: habilitação em supervisão...

R: essa foi na UNIBAN...

P: e sempre foi professora?

R2: logo que entrei fiquei como volante, eu rodei. Mas já no segundo ano vim prá essa escola, gostei da escola e acabei ficando. Então fiquei uns 10 anos como professora, aí depois entrei como PAP, professora de apoio pedagógico... fiquei mais uns 10 anos...

P: mais quantos?

R2: mais uns 10 eu acho... Eu tenho 18 de Prefeitura. Eu fiquei um ano na direção em outra escola, fiquei fora dessa escola e aí no ano passado voltei pelo concurso de coordenadora...

P: E pode ficar na própria escola...

R2: é. Escolhi lá...

P: então, você passou no concurso de CP há um ano atrás...

R: é.

P: bom, como que você planeja o seu trabalho anual?

R2: a gente vê aonde .?., a gente trabalha muito em equipe assim. Quando eu entrei era a A., a gente trabalhou juntas um tempão assim. Agora com a ajuda da atual diretora a gente conseguiu manter essa mesma ideia de trabalhar muito junto... então, a gente trabalha muito junto, faz um planejamento de início de ano, meio juntas assim... mais ou menos o que a gente pensa fazer para o grupo. E espera sempre o grupo chegar, porque há cada 2 anos o grupo muda, 70% pelo menos, né. Aí faz aquela primeira parte do trabalho, que é levantar objetivos, tem as partes do PPP da escola... tem que ouvir a comunidade também. Tem sempre um primeiro momento que é mais geral assim e aí a gente vai levando para conhecer o grupo, para pensar depois que projetinho tem... com as informações, para fazer com elas, né.

R2: isso para os HTPCs.

P: qual a frequência dos HTPCs?

R: semanal. São 2 horas por semana.

R: da infantil, mas tem do EJA também, não pode esquecer...

R2: já começou há dois anos... Mas só no ano passado que a gente assumiu de verdade. Porque antes eles só ocupavam o espaço, o equipamento escolar. Aí com as novas orientações eles vieram para a Rede mesmo. E aí passaram para a escola. Então a gente acompanha eles desde o ano passado.

P: e todos os professores participam do HTPCs?

R2: todos. O HTPC só quem estiver com licença de saúde, porque não tem abonado, não pode...

P: tem um planejamento para cada HTPC?

R2: então, no começo tem temas para cada HTPC. Aí quando a gente consegue escrever o projetinho de formação aí segue esse encadeamento. Mas para cada HTPC tem a pauta... , fazemos planejamento para cada HTPC que a gente monta...

P: esse semestre você já sabe o que vai trabalhar?

R2: a gente iniciou essa semana o tema, né. A gente vai trabalhar com a questão do sentido das atividades, as atividades mais significativas para os alunos. Tem alguns HTPCs coletivos agora, no começo do semestre, a gente trabalhou um pouquinho com o Vigotsky. Não tão aprofundado porque tem algumas professoras que estão chegando agora na educação infantil, e sabem muito pouco sobre desenvolvimento infantil. A gente trabalha com o significado, quando uma atividade é significativa ou não para as crianças, então teria alguns encontros coletivos para no segundo semestre a gente dividir por focos, né. A gente pensou em dividir em quatro grupos para que elas escolham um foco, e aí que esse foco faça mais sentido para elas também, porque algumas mal se apropriaram da rotina, sendo que as professoras antigas têm outras atividades, outros projetos...

P: e como você vai atender essa diversidade das mais antigas, experientes, e das novas que chegam a cada dois anos?

R2: então, no HPTC é difícil, tem temas assim...

R: mais gerais...

R2: mas a gente tem outros momentos. Então tem os instrumentos metodológicos, que semanalmente a gente lê semanário e registro e faz uma devolutiva por escrito. Então é como uma conversa por escrito que a gente faz semanalmente.

P: quem dá a devolutiva?

R2: nós três...

R: a gente atua juntas, esse é um diferencial...

R2: a gente senta, lê juntas, cada professora tem um portfólio lá. A gente tem uma sala de formação. Então cada professora tem um portfólio onde a gente vai anotando lá o que a gente achou, e depois elege alguma coisa para fazer a devolutiva.

P: vocês têm reuniões individuais também?

R2: é uma brincadeira que a gente chama de 'personal', imitando o 'personal trainer'. A gente faz uma vez por mês, desde que tenha uma substituta, se tiver alguém para ficar...

P: porque tem sempre uma professora a mais...

R: tem a substituta... quando não ligam tirando ela da escola para ir para outra escola...

P: que elas não são exclusivas...

R: a sede delas é na nossa escola, mas atendem a região...

P: e tem...

R2: então, tem encontros individuais. Nesses encontros elas podem... é delas mesmo, é um momento só com elas...

P: e tem outro tipo de reunião na escola que não sejam os HTPCs e nem as reuniões individuais?

R2: tem as reuniões pedagógicas...

P: cada quanto tempo?

R2: são bimestrais, fica o dia inteiro para isso. Mas o sistema desses encontros são mais amplos, porque participam todos, não só os professores, todos os outros funcionários também, então a gente acaba indo para temas que contemplem todo mundo.

P: por exemplo...

R2: é um grupo que a gente tem feito levantamento de objetivos gerais para a escola, agora no começo do ano. Então a gente teve uma... teve alguns encontros para conhecer melhor a comunidade, a gente fez uma entrevista com alguns membros antigos da comunidade, para conhecer, até para ver como eles se sentem indignados. E os próprios funcionários se identificando muito com isso...

R: é que por ser uma área de manancial é considerado como invadido. E eles trouxeram que não, foram dois alunos da EJA que – não, a gente pagou por esse pedaço de terra -, que eles tem... Mas a história é que é invasão, mas não é na verdade, né. Tem só alguns locais...

P: e aí vocês convidaram os moradores para que...para contar isso...

R: isso... para os professores...

R2: a gente fez primeiro um roteiro para ver o que elas gostariam de saber sobre a comunidade, que estão chegando agora, né...

R: tem também... a gente chama de conselho, né...

R2: é, conselho de classe, não é oficial, mas tem as substitutas, né, aí a gente consegue pegar o caderno das crianças...

P: ah, as professoras...

R2: depois que a gente começou a fazer mudou muito, porque assim... porque a gente já tem um quadro geral, só que a gente só consegue fazer em língua, em língua portuguesa. Em outras áreas a gente não consegue. Então, a cada encontro a gente levanta alguns observáveis assim. Língua sempre...

P: e o que vocês observam nas atividades de língua?

R2: escrita e oralidade, assim... fora isso a gente...

P: o que de escrita e oralidade...

R2: os níveis conceituais, e aí em oralidade dependendo da faixa, se está falando, se fala com o amigo, se fala com a professora...

R: tem um roteiro, né...

R2: tem uns observáveis assim, se consegue organizar bem ideias, se coloca detalhes, se conta...

P: e também tem repertório de parlendas, cantigas...

R2: mas aí as meninas do Infantil 3 acabam trazendo outros observáveis, se as crianças estão brincando juntas ou não. Tem alguns que têm uma dificuldade de brincar junto...

E aí a cada bimestre a gente levanta para o próximo esses além de...

R: além de língua, né...

R2: mas o básico são como estão os níveis conceituais de escrita. A gente levanta depois... vai olhando as atividades juntas, vai marcando e tal, e depois tem um encaminhamento, o que fazer para melhorar, tem algumas metas ali...

P: e APM tem?, tem reunião de APM?

R: tem, é junto com o Conselho, né... Agora na verdade a gente tem que chamar o Conselho e a APM, não dá para dividir. Mas a gente tem feito um planinho do Conselho e da APM junto.

R2: na verdade assim, quem ensinou a gente foi a comunidade, porque a própria comunidade tem essa cultura de se organizar e brigar pelos direitos. Tudo que eles conseguem lá é...

R: com muita luta.

R2: na verdade assim, quando eles vieram, e começou a ter conselho de escola e tal... que não foi há muito tempo... foi há uns 4 anos, 5 anos... é bem recente isso de ter conselho bem atuante, e como a escola... a escola não, como a comunidade tinha uma associação de bairro muito forte, então eles trouxeram para a gente isso. Então, eles que foram ensinando a gente a fazer... Tem sempre gente querendo participar...

P: e do que tratam essas reuniões do conselho?

R: então, por exemplo, esse ano a gente vai estar tirando do conselho o que é o conselho para eles. É um grupo novo. Vai trabalhar o conceito, aí a gente vê também a questão das verbas. Dentro das verbas tem as prioridades, a gente dá por segmentos, os pais também, porque tem uma avaliação da comunidade. O ano passado a gente fez avaliação e aí surgiu, por exemplo assim, a questão da pintura, o toldo. Então esses pais que estão representando, vão colocar como prioridade. O que a gente vai estar...

P: para ver como usar o dinheiro da escola...

R: é, o dinheiro da escola. Aí tem o segmento dos professores, de apoio, tudo. Então a gente apresenta a verba e junto com eles a gente vai...

R2: é uma briga...

R: uma briga...

R2: então é tudo com o conselho mesmo e com a APM. Agora a grande dificuldade que a gente tem com o conselho é como lidar com a idéia de representatividade. Porque entre os funcionários é tranquilo, porque eu represento 5, a professora representa 9. Os pais representam 450... 500 pessoas. Então a gente não conseguiu ainda dar uma boa forma...

P: quantos alunos tem a escola?

R2: 550 no infantil e 100 e poucos na EJA.

P: 550 alunos no infantil. E quantos na EJA?

R: 100 e pouco...

R2: a gente vem lutando muito para ampliar a escola. A escola já foi ampliada. Ela só tinha a parte de baixo, e a comunidade brigou muito, porque a gente só atendia educação infantil 5, que eram as crianças de 6 anos, era a escola inteira de 6 anos, e aí eles conseguiram uma ampliação lá para cima. Construíram mais três salas de aula lá e agora estão brigando muito para construir uma biblioteca e um atelier de artes ali na... Tem até um projeto já pronto...

P: apesar de não ter uma biblioteca como vocês falaram, ter uma sala de leitura que vocês improvisaram... como é o acervo?, tem bastante livro?

R2: tem. E além daquele espaço improvisado cada sala tem uma caixa com títulos bons... A gente sabe que lá em cima é precário, some... as coisas viajam... Foi mais para ter um espaço diferenciado. Cada sala tem um lote grande...

R: e tem a biblioteca circulante também...

R2: tem um de sala e tem um de biblioteca circulante.

P: biblioteca circulante é um projeto institucional de leitura?

R2: não institucional, mas tem uma orientação geral, quase todas as escolas fazem... Quando tem na BI, um já pega emprestado direto na BI.

P: BI é?

R2: biblioteca interativa, a escola que tem, né. A gente como não tem faz um nosso aqui, de empréstimo semanal de livros. É uma coisa caseira assim, então tem uns envelopinhos, cola no livrinho a fichinha e cada professor vai controlando...

R: eu coloco o nome do livro e a criança vai lá e assina...

R2: o nome do livro já está lá... Controla só o nome...

P: me conta um pouco das suas principais dificuldades e as suas satisfações, na função de coordenadora pedagógica...

R2: eu adoro assim... desde que eu entrei eu pensei – ah, meu lugar, assim -, eu gosto muito do que eu faço. Eu fiquei um ano na direção e eu detestei assim... detestei aquilo, não é para mim mesmo, não é disso que eu gosto, aí eu voltei, quando teve concurso de CP eu voltei para o que eu gosto de fazer que é um pouco isso assim. E um coisa que eu gosto muito é essa liberdade de criação assim. A gente tem um pouco mais de liberdade, então a gente... eh... a medida que eu fui pegando um pouco mais de segurança nos conteúdos em si... porque no começo era tudo amarradinho. Quando a gente pega mais segurança tem mais liberdade de criar em cima assim. Então, isso é o que me encanta bastante assim. E aí como eu estou lá na escola há muitos anos, eu consigo ver bem esse trabalho degrau por degrau, tudo que a escola foi enfrentando e tal, né. E a grande dificuldade, assim, além dessa diversidade que tem na escola... são as próprias mudanças de concepção da educação mesmo, que me deixam em conflito assim. Então, eu peguei desde o começo assim, quando a gente não tinha sistematização nenhuma, então a gente lutou muito para sistematizar, né, área por área... Então, quais são os conteúdos... E agora que a gente conseguiu estar com tudo muito bem sistematizado, a gente tem que ver como faz com isso tudo para que tenha mais sentido para as crianças, para os próprios professores. Então, como a gente faz com que o professor consiga criar um pouco mais, tenha um pouquinho mais de brilho assim, ter essa... que tenha a criança como centro, estar participando de todas as etapas do processo. No momento tenho insistido bastante assim, porque é tudo muito engessadinho assim, a própria rotina bastante... e hoje tem uma rotina toda estruturada assim. Mas acho que talvez para quem estava nessa construção ela tivesse um sentido de organizar. Então, eu vou rever essa rotina. Porque o que eu vejo nos professores que estão chegando é que eles não mexem na rotina, então eles vão se encaixando dentro dessa rotina e acaba sendo meio engessadinho. Então, como que a gente faz agora para poder ter mais essa articulação para que a rotina seja mais significativa, tanto para o professor como para os alunos. Então, isso tem exigido muito. E a gente vem fazendo algumas tentativas que são difíceis assim... de... mesmo os professores mais antigos, que tem uma dificuldade de abrir assim... e trabalhar um pouco

mais... com mais autonomia. Então a gente está nesse conflito grande agora assim, de como as coisas vão fazer sentido, né.

P: vocês observam uma diversidade grande dentro da escola, no tipo de público, de comunidade ou não? Diversidade étnica, regional... ou é uma... é uma comunidade que não tem tanta diversidade...

R e R2: não, tem. Bastante.

R2: só não tem japonês...

R: só temos um japonês...

R2: temos bolivianos. Tem uma comunidade ali no bairro de bolivianos. Tem... é bem diverso...

R: tem gente do nordeste... é bem atuante, né. Brancos, pardos...

P: e vocês tem bolivianos que chegam só falantes de espanhol?

R: é, tem, alguns.

R2: a gente tem uma oficial que é a nossa tradutora intérprete. Acho que ela fala espanhol, aí a gente acaba chamando a G. para... Tinha uma professora no ano passado também que fazia a tradução... para o menino. Mas agora ele já está... é... para a criança é muito rápido, né...

R: é mais para os pais, quando vem perguntar alguma coisa para a gente, né?

P: e por que essa seria uma região de bolivianos, vocês sabem?

R: eu particularmente não sei da história, não.

P: no que eles trabalham?

R: não sei...

P: por que juntou ali...

R e R2: não sei... não.

P: bom, se você tivesse que dar um conselho para uma coordenadora pedagógica inexperiente, que está começando, o que você diria? Você que já é tão experiente...

R2: primeiro estudar bastante assim, para poder ter mais segurança, né, porque a gente a gente tem que ser vidraça..., então tem que ter... E não só segurança para falar, mas poder conseguir ... que eu acho mais difícil, ler essas necessidades. Como a gente cada dois anos tem um grupo muito novo, como a gente chega nesses professores novos. Então, elas vem muito diferentes assim. Então uma coisa difícil é a gente conseguir... ver essa necessidade e às vezes a gente meio que interpretar isso para o pensar o que é adequado ou não para ela. Então essa segurança no conteúdo não só para poder falar, mas para poder identificar também...

P: e como você faz para... com a tua formação continuada...

R2: ah, meu Deus... desde que o nenê nasceu que eu não tive... Mas meio por conta própria assim. A Secretaria oferece muitos cursos, né, isso já desde a outra administração, sempre são oferecidos muitos cursos. E eu participava de todos, tudo que aparecia ia fazendo assim. E muita leitura, tudo que me indicavam eu ia atrás para ler e... a gente discutia muito, lá na própria escola. Agora nós, qualquer coisa

diferente a gente ia comentar entre nós... estamos falando o tempo todo. Conversamos bastante. E as orientadoras pedagógicas ajudam bastante. A gente tem duas pessoas excelentes que passaram aqui pela escola... A gente tem uma parceria com EOT... eu não sei se é padrão para toda a Rede...

P: EOT é o que?

R2: ah... EOT é a Equipe de Orientação Técnica. Então tem psicólogas, fonos, TOs... E lá na escola desde faz um tempo a gente conseguiu construir uma parceira boa assim... então elas não vem só para atender os casos, mas a gente consegue trocar muito e ver diferentes olhares assim...

P: e você tem reunião com que periodicidade com as orientadoras?

R2: semanal... semanalmente elas vão...

P: ah, elas vão...

R2: elas vão acompanhando o TPP, o programa de formação...

P: e não tem encontros de coordenadoras pedagógicas?

R2: cada orientadora faz... tem assim... encontros com a equipe gestora. A do ano passado ela preferia fazer os encontros com a equipe toda. Esse ano a gente trocou de orientadora também, e ela faz só com as coordenadoras.

P: é uma coordenadora da região assim?

R2: da região. Ela tem um número de escolas, Cada uma tem 5 e aí a gente se encontra assim. Acho que mensalmente, né, para discutir as questões assim.

P: e você acha que isso é uma ajuda...

R2: ajuda bastante, bastante. Mesmo para embasamento, elas trazem outros olhares para a gente assim...

R: a gente monta junto, a CP tem um grande mérito, mas a gente está ali, as três juntas.

R2: isso dá uma dimensão muito grande, no grupo de forma geral.

R: como gestora assim, até falei na primeira reunião com os professores, a gente tem uma fala única, nós três...

R2: às vezes a gente briga...

R: nem sempre a gente concorda, não tem como... Mas a gente tem a princípio assim... as três falam e tem a mesma linguagem... A gente tem essa preocupação. E a gente está... monta juntas, né.

R2: a parte pedagógica...

R: eu na verdade assim, como eu vim de creche, é diferente da realidade de creche para o infantil, então estou me apropriando das coisas. A CP é a nossa biblioteca... [risadas]

P: e vocês tem algum tipo de relação com a EMEF para onde essas crianças vão?

R e R2: não.

R2: com o F. B., que é a escola... é de educação infantil, mas tem algumas turmas do fundamental, a gente tem uma entrada maior... a gente vai visitar... Que só vão para lá alguns casos mais específicos assim, com características diferenciadas. Com o A. M., a gente tem uma relação meio conturbada, a gente nunca conseguiu...

R: atendem 2.500 alunos... então assim, estava sempre na pendência de diretores, né. Então tem uma pendência de direção. Agora começou um diretor novo. Eu não sei, né, porque a gente manda as coisas para lá, encaminha, e não temos uma assim... O que está tendo agora, né... que a gente está somando aí no projeto Alvarenga... é com relação aos atendimentos que tem na região, que a gente está fazendo junto com a UBS, as lutas, com o conselho, e como a gente vai falar naquela região...

P: como assim... essas siglas...

R: UBS é Unidade Básica de Saúde, a UPA é Unidade de Pronto Atendimento... o Conselho é UEFA... o conselho. E a gente vai estar fazendo pontes, né, por exemplo, se eu preciso alguma coisa da UBS o gerente de lá vai estar atuando junto conosco, né. Na nossa escola a gente não tem problemas assim, com as crianças, na questão de drogas. Já na A. M. já tem, então o conselho atua mais lá. Então está começando esse projeto.

P: vocês têm alunos de inclusão?

R: temos. Todo ano... a própria região, que atende muitos alunos... Todas as escolas da região têm os alunos de inclusão. E aí a gente tem essa parceria com EOT...

P: EOT é... Equipe de Orientação Técnica.

R2: isso. Então a gente faz encontros para tenta levantar objetivos de encaminhamentos. Estão sempre muito presentes. E agora esse ano começou um atendimento especializado para a educação infantil também. Que antes era só para o Fundamental, e agora a gente está também participando.

P: é uma sala de recursos?

R: não... Não tem de onde puxar mais... ali não tem espaço...

R2: à noite na EJA a gente tem três inclusões na EJA também. Mas de dia não. Se precisar tem o A. M. que tem uma sala de recursos e tem uma escola próxima que também tem uma sala de recursos... aí tem que se deslocar para lá, né...

ANEXO C

Transcrição da gravação em áudio de entrevista com a Professora da Escola X1

Maio de 2011

Entrevistadora – E: Você poderia me contar um pouco qual foi a sua formação profissional, o que você estudou, o seu percurso até chegar aqui?

Professora entrevistada – P: A princípio fiz o magistério, que antigamente todos que queriam seguir a carreira faziam o magistério, o básico. Aí eu fiz o magistério, trabalhei quatro anos em uma escola particular e aí prestei concurso na Prefeitura. Em fevereiro do ano que vem eu completo 20 anos de Prefeitura e 20 anos nessa escola. Eu entrei, eu me adaptei super bem e... nem pensei assim em me remover... Depois fiz pedagogia.

E: Onde você fez?

P: Eu fiz na faculdade M. Aqui, no bairro do I.

E: Me conta um pouquinho do seu trabalho com leitura e escrita.

P: Eu parto muito do nome da criança, principalmente no início do ano, então costumo partir sempre do nome da criança, faço bastante atividades diversificadas com o nome, brincadeiras que envolvem o nome. A princípio é mais um reconhecimento com as filipetas. Então, reconhecimento do nome, reconhecimento da letra inicial. Aí eu parto para o reconhecimento do nome dos colegas, a gente faz bingo com o nome dos colegas, bingo com as letrinhas do nome. Algumas brincadeiras onde a criança tem que achar o nome. E a partir do nome da criança eu trabalho também a parte alfabética. Depois que as crianças identificaram bem o nome, já sabem a grafia do nome, identificam a letra inicial, então quais nomes que começam com a letra ‘a’, quais nomes que começam com a letra ‘b’, e aí dou início à base alfabética, a partir do nome da criança. E eu costumo fazer assim, vamos supor, - quem começa com a letra ‘a’, Ana, Antonio -, e a partir do nome da criança quais outras palavras que começam com o som da letra ‘a’. E aí já entram outras palavras... E além do nome da criança eu gosto muito de trabalhar com história. Não só assim a parte de escrita, mas vamos supor, eu pego uma história e a partir dessa história eu trabalho vários conteúdos.

E: Por exemplo...

P: Vamos supor, vai... a história da Aranha Arabela... essa história, o próprio título já tem bastante letrinha ‘a’, então já trabalhei as crianças da sala que tem o nome que iniciou com a letra ‘a’, aí eu conto a história da Aranha Arabela, o título da história, o nome da personagem, Aranha Arabela. Essa história... no próprio livro tinha um trava língua, eu já explorei o trava língua, que é um tipo de texto, né, o trava língua era assim: ‘se a aranha arranha o jarro, por que o jarro não arranha a aranha?’, quer dizer, trabalhei a história, trabalhei o trava língua, trabalhei a letra ‘a’, aí eles fizeram a dobradura da aranha, que já é a parte artística. Depois da dobradura da aranha eles desenharam a história, então, quer dizer, já explorei várias áreas do conhecimento a partir de uma história, e enfatizei principalmente a parte oral e escrita, né.

E: Você lê histórias para eles?

P: Leio, leio, faço a narrativa.

E: Você conta ou lê?

P: Eu leio. Utilizo muito livro.

E: Quantas vezes por mês você lê para eles?

P: Não, é pelo menos 2 vezes por semana.

E: Que tipo de coisa você escolhe para ler para eles?

P: Eu trabalho coisas bem diversificadas, desde os contos de fadas, aqueles bem tradicionais... eu gosto também de poesia, tipo assim, um exemplo, A Foca do Vinicius de Moraes, que eles adoram. Quando eu trabalhei essa poesia, eu trabalhei a palavra foca, a letrinha 'f', palavras que começam com 'f', os nomes das crianças que começam com a letra 'f'. Eles tinham que procurar na poesia a palavrinha 'foca'.

E: Aqui na escola tem livros?

P: Tem, aqui, nossa, tem muitos livros.

E: E aonde ficam?

P: Ficam na sala de aula, cada sala de aula tem um armário com livros. Tem na sala dos professores. E quando eu quero trabalhar alguma história que a escola não tem, eu procuro comprar o livro.

E: Eles também podem levar para casa emprestado ou não?

P: Olha, eu pelo menos não costumo fazer essa prática, mas eles manuseiam bastante os livros aqui na sala. Tem um momento que eles escolhem os livros que eles querem, eles costumam manusear os livros, eles costumam fazer bastante isso aqui.

E: O que você trouxe de material para me mostrar?

P: Olha, isso aqui não é tudo, é que muitas coisas eles levam para casa. Então, de dois em dois meses a gente coloca... monta uma pastinha e eles levam para casa aquilo que eles fizeram. Na reunião de pais também... Isto é alguma coisa...

E: Este é um caderno de desenho?

P: Na verdade a gente dá as atividades em folha e cola aqui... tipo assim, um portfólio com todas as áreas que a gente trabalhou...

E: Esse é um caderno que vem no material deles, no kit?

P: Esse veio no material, mas esse daqui eu comprei, porque a Prefeitura não manda o caderninho de linguagem...

E: Ah, não manda...

P: Manda só esse daqui...

E: E aí é você ou a escola que compra?

P: Não, aí depende, vai de cada professor. Tem professor que não gosta muito de trabalhar com esse caderninho, eles preferem outras formas, preferem montar uma pasta... Porque cada professor tem a liberdade de usar o material como achar melhor.

E: E você sabe por que eles não mandam esse caderno no kit?

P: Eu acredito que eles acham que a pré-escola não necessita desse caderno. Eu acredito muito nisso.

E: Então, aqui olhando o caderno... eu vou falando porque depois vou transcrever...

P: tá...

E: ... então aqui é o caderno do G., começa com a letra 'a', aí tem A. J. e A., que são nomes de alunos...

P: Isso.

E: ... então, se você puder ir me contando como é o trabalho...

P: Trabalho também com a identificação e a grafia... das letras, né. Aqui... partindo do nome das crianças outras palavras que começam com o som da letra 'a'...

E: Abacaxi e aí eles copiam a letra 'a'...

P: Eles fizeram a grafia da letra 'a', aí fizeram identificação de outras palavras que começam com "a"... antes de passar para o caderno a gente sempre trabalha oralmente...

E: Tipo, avião, que nem está aqui no caderno, né...Avião, abacaxi, árvore...

P: Mas antes eu procurei tirar deles quais palavras que começam com a letrinha 'a'. Aí depois eu fiz atividade para passar no caderno. Aí depois passei para a letra 'e'. O único aluno que tinha com a letra 'e' era o E.

E: Aí você trabalha com as vogais... a, e, i, o, u.

P: Início com a vogais... Aí as palavrinhas que começam com 'e', e assim eu vou seguindo a sequência.

E: Depois o 'i'.

P: Isso, trabalhei as vogais, depois dei início às consoantes...

E: A foca... quando estava na letra 'f'?

P: Isso, aí quando dei início à letra 'f' trabalhei com a poesia. Mas independente do alfabeto gosto de trabalhar poesia com eles... Cecília Meirelles, as poesias infantis dela também gosto. Aí seriam os diversos tipos de texto, né. Aqui seria uma outra poesia...

E: E aqui, por exemplo, para eles escreverem maçã, melancia, microfone, moeda, como que é?

P: Bom, eu escrevi as palavras na lousa, eu trabalho muito também com letrinhas móveis, eles montam as palavrinhas com as letrinhas móveis, e depois eles passam para a parte escrita. A parte final é essa do caderno...

E: E quando eles ainda não sabem escrever convencionalmente?

P: A gente faz a leitura coletiva...

E: Como que é essa atividade com letras móveis, que você falou?

P: Eu escrevo as palavrinhas na lousa e dou as letrinhas móveis...

E: Para eles montarem...

P: Para eles montarem...

E: Igual está na lousa...

P: Igual está na lousa, peço para eles montarem... aí depois eles passam para o caderno. Deixe eu achar a atividade com a história... Aqui depois de trabalhar a história... eu trabalhei com o trava línguas, aí eles já vão tendo noção de vários tipos de texto... história, poesia, trava língua... eles já vão tendo contato com a diversidade de textos. Tanto é que já chega nessa época do ano e eles já identificam, vamos supor... quando eu falo um trava língua, um adivinha, as próprias crianças já falam – ah, isso é trava língua, isso é parlenda -. Oralmente eles já identificam o tipo de texto que é ... – ah, isso é uma poesia -, então eles já vão identificando como são os diferentes tipos de texto.

E: Aqui é um caderno de desenho... Começa com ‘as minhas atividades’, tem um desenho mimeografado que está pintado, aí o trabalho com a família.

P: Isso nós trabalhamos no início do ano. Identidade, escola, família, a parte corporal que trabalhamos bastante no início do ano... aí tem desenhos que são mimeografados para pintar.

E: Aí continuando... essas são coisas relacionadas ao corpo humano, à Páscoa, e aqui é quando chega a época da data comemorativa?

P: Aqui a gente trabalha... tem muitas escolas que nem gostam de trabalhar com datas comemorativas, mas aqui a gente sempre trabalhou bastante as datas. Aqui nós trabalhamos o Dia do Índio. Nós exploramos as palavras referentes aos temas trabalhados. Aqui nós fizemos um projeto de brincadeira, trabalhamos com a escrita do nome das brincadeiras. Então, primeiro a gente vivenciou bastante as brincadeiras dirigidas, fizemos pesquisa com os pais, quais brincadeiras que eles brincavam quando eram crianças. Trouxemos essas brincadeiras para a sala de aula, fizemos a escrita do nome das brincadeiras...

E: Você tem quantos alunos?

P: 35 por sala, então como são dois períodos são 70.

E: Em quais períodos você trabalha?

P: Das 7 às 11... e das 11 às 15 hs.

E: E aqui vocês fazem sondagem também?

P: Fazemos...

E: Como é o trabalho?

P: Uma sondagem através da escrita espontânea. Geralmente a gente pega temas que já trabalhamos, vamos supor, no caso das brincadeiras, a gente pede para eles escreverem o nome de brincadeiras, vamos supor, uma história que eu contei para eles, Salada de Frutas, aí peço para eles escreverem nomes de frutas...

E: E você tem alguma sondagem?

P: Levei todas para casa, inclusive ontem teve reunião de pais... esse daqui é de um aluninho que a mãe está viajando e não veio na reunião...

E: E também não tem a sondagem dele...

P: Não, foi enviada durante o ano para casa...

E: Em que época do ano você faz a sondagem?

P: Ah, no início do ano, tipo assim... bimestralmente... mais ou menos com esse tipo de frequência...

E: Quem ensinou você a fazer a sondagem, a identificar as hipóteses das crianças...

P: Olha, na verdade estou aqui há 20 anos, né, então, quando estava na escola particular eu não fazia sondagem, não era uma prática da escola particular. Aí eu trabalhava com alfabetização, as crianças saíam alfabetizadas, mas não era feita a sondagem. Eu aprendi a fazer sondagem quando entrei aqui, quando entrei na Prefeitura. Aprendi com as professoras que tinham mais experiência que eu na Prefeitura, que estavam acostumadas com isso, a coordenadora também deu uma orientação...

E: Quem é a coordenadora aqui?

P: No momento nós estamos sem coordenadora porque ela se aposentou... né, mas nesses 20 anos já passamos por várias coordenadoras. Quando eu entrei aqui a nossa coordenadora era S. B., já aposentada também...

E: Vocês fazem aqui horário de trabalho coletivo?

P: Fazemos.

E: E quem é que coordena, se está sem coordenadora?

P: Até agosto quem coordenou foi a V., que era a nossa coordenadora. A partir de agosto ela se aposentou, então o diretor dá o auxílio, as próprias professoras uma vai auxiliando a outra nos grupos...

E: O que vocês costumam trabalhar nesses momentos de trabalho coletivo?

P: No horário coletivo tem o dia que é de leitura. A leitura relacionada ao projeto que a gente está desenvolvendo. Então, o nosso projeto esse ano é jogos e brincadeiras na educação infantil. Então, um dia é teoria, outro dia é elaboração de atividades práticas. Outro dia é troca de experiência entre as professoras, então é programado, cada dia é uma atividade.

E: Nesses 20 anos que você está aqui, vocês chegaram a estudar alguma coisa sobre alfabetização? Leitura, escrita...

P: Muito, fizemos bastante...

E: O que vocês chegaram a estudar?

P: Olha, a gente leu muito Emilia Ferreiro, a gente leu muito a respeito das hipóteses de escrita, como se dá o desenvolvimento da escrita pela criança... Apesar que eu confesso que aqui a gente segue... tem assim uma tendência meio tradicional, não vou negar isso, a gente utiliza bastante a parte tradicional também...

E: Na última sondagem que você fez com seus alunos, o que você observou? Como eles estão?

P: Eu senti assim um avanço muito grande. Porque no início do ano a gente pega crianças que não sabem pegar no lápis. A gente pega crianças, tipo assim, já de 5... 6 anos... as que já eram daqui já identificam o nome, já identificam o alfabeto. As crianças que entram, que vem da creche, ou que nunca frequentaram uma creche, uma escola, a gente percebe uma dificuldade muito grande. Eu percebo crianças de 5 anos com dificuldades de pegar no lápis, crianças que não sabem grafar o nome, não identificam o próprio nome... A primeira escrita da criança, tanto desenho como escrita, é a garatuja... e com o passar do tempo a gente percebe uma evolução assim enorme da criança. Já identificam o próprio nome, o nome dos amigos... já saem identificando alfabeto, associando o som da letra à escrita. Nossa, uma evolução assim enorme.

E: E em relação às hipóteses de escrita, você sabe como seus alunos estão terminando o ano?

P: Eu percebi assim... não saíram todos alfabéticos, mas eu percebi um avanço muito grande...

E: Tem algum que já está alfabético?

P: Saem vários já alfabéticos, silábicos com valor sonoro, crianças que não conseguiam grafar uma letra. Que você pedia, tipo assim... para escrever uma palavra... e eles ainda utilizavam símbolos próprios... faziam bolinha, rabiscavam... e que hoje já sabem a diferença de um desenho e uma escrita.

E: É uma orientação da escola que todas as professoras façam sondagem ou cada uma se quiser faz?

P: Vai muito de cada professor, porque a coordenadora que nós tínhamos ela não fazia essa exigência.

E: E as crianças quando saem daqui, do terceiro estágio, seus alunos agora, né, eles estão indo para onde? Vão para qual escola?

P: Prá uma variedade muito grande de escolas. Uns continuam na Prefeitura, outros foram para o Estado.

E: Você sabe o nome da escola para onde vão?

P: Olha, eles vão para o G... J. B. são escolas assim da redondeza. Estado ou Prefeitura. J. D. porque eles foram bem distribuídos mesmo. Predomina o G. Há uma predominância dessa escola G.

ANEXO C

Transcrição da gravação em áudio de entrevista com a Professora da Escola X2

MAIO DE 2011

E: Você poderia contar um pouco da sua formação e do seu trabalho aqui com as crianças do 3º estágio.

P: Eles vêm com 5 anos, alguns já têm 6 anos e no ano que vem eles vão prá 1ª série. Minha formação... eu sou professora de Matemática, formada em Matemática e Ciências...e trabalhei 17 anos no Estado como professora de Matemática do Ensino Médio, prá Fundamental II... no início da minha carreira comecei dando aula pro Magistério... Educação Artística, Matemática... assim, eu nunca tinha trabalhado com EMEI... fiz concurso e acabei ficando com um cargo lá e um cargo aqui... isso faz 7 anos. Em janeiro faz 8 anos que eu to na EMEI. Depois eu passei novamente num outro cargo na EMEI e fiquei mesmo na EMEI com esses 2 cargos. Esse último cargo faz 3 anos. Minha experiência como professora mesmo é de dar aula prá adultos, sempre dei aula na suplência...É novo ainda, agora eu já estou mais acostumada com as crianças... e assim... eu me formei no Magistério em 82, 83... então na minha época era bem tradicional, depois eu fiz Matemática e Ciências e licenciatura curta e licenciatura plena em Matemática. Fiz Pedagogia na parte de Administração, não fiz na parte de Supervisão, nem de Coordenação... mas isso eu fui fazer em 90 e pouco... Nunca mais tinha visto nada de Educação Infantil...Não sei o que que acontece que vc passa numa coisa que vc não...Concurso é assim, NE? Não sei se é assim ou se não é... Eu passava só nos de Educação Infantil, mas na minha área mesmo eu não passava. Aí eu pensei: vou ficar aqui, não passo lá, vou ficar aqui...então eu to aqui... de experiência de Educação Infantil mesmo eu vou fazer 8 anos. Já passei por todos os estágios já e agora eu estou bem confiante. Quando eu entrei na EMEI as crianças tinham 4 anos, de uns 3 anos prá cá elas estão chegando com 3 anos...

E: Conta um pouco como é o seu trabalho.

P: Conforme o estágio a gente planeja assim igual prá todos os professores, algumas escolas querem que vc dê lição outras não... outras começam a puxar mais prá brinquedo... assim... a proposta é o brincar aqui na Prefeitura. Na época da Marta também. Ela queria o brincar... eu ainda puxo um pouco de lição, tá... eu não consigo... mesmo no 1º estágio eu vejo assim... eu gosto que eles desenhem, dirigido ou não... não gosto daquele negócio só de pintar, desenho mimeografado...eu vou tentando, eles vão desenhando, fica tudo bonitinho, tá lindo. Um pouco de lição, as letras, os números... esse tipo de contato, as formas geométricas, as cores... e vou brincando com eles assim sabe? Então se é para fazer um número, colar alguma coisa em cima do número...

E: Você poderia me contar mais sobre o seu trabalho com o 3º estágio?

P: Com o 3º, NE? No 3º não... no 3 eles já conhecem tudo isso, peço prá eles fazerem alguma coisa de desenho, alguma coisa de Artes, e as letras... eu costumo dar assim as letras prá eles conhecerem, eles ligarem com o desenho, com a inicial, o nome deles, conhecer as letras do nome deles... assim... eu não sei se é errado, mas eu dou bastante treino... agora eu entrei no caderno, porque assim... a minha irmã trabalha com alfabetização e ela sempre diz assim prá mim que ela tem uma dificuldade quando ela recebe eles na 1ª série. Na 1ª série mesmo, não é o pré, porque disse que agora lá na escola tem o pré. Ela não pegou ainda esse pré, ela pega o 1º que era esse antigo, NE? E ela falou assim “quando chegam as crianças, elas não sabem nem usar o caderno...” O que dificulta prá ela.

E: Ela trabalha em que escola?

P: Ela trabalha no Estado. Ela é professora efetiva no estado, trabalha lá na zona oeste. Mas assim... ela sempre trabalhou com isso... Ela fez vários cursos, ela entende bastante de alfabetização. Então ela fala assim: “se ao menos a criança soubesse...” ela brinca comigo “o que é que vocês estão fazendo lá na

EMEI?”... Então por essa fala, eu sempre compro o caderno. Porque aqui, a Prefeitura, não manda mais no kit o caderno. Antigamente mandava...

E: A Prefeitura manda o caderno de desenho? E qual é esse que você compra?

P: O de linha... o de linguagem, né? Então eu compro, eu passo alguns textos, alguma coisa prá ligar... Fazer o nome... conhecer as vogais... Mas não dá prá passar muitas coisas, uma porque a posição das carteiras, em fileiras, fica difícil prá eles, né? Se eu passar muita coisa na lousa...

E: O que você quer dizer com a “posição das carteiras”?

P: Como as mesinhas são quadradas, alguns ficam de costas prá lousa... Fica difícil de copiar...

E: Ah, por que são 4 crianças por mesa?

P: Então, assim... quando eu vou à lousa mostrar alguma coisa... assim, fica incômodo, às vezes virar... às vezes eu ponho eles no chão, mas também não posso ficar com eles no chão... Na verdade, né... na proposta não se fala para que a gente alfabetize, né... e sim que eles tenham contato com isso, mas no lúdico...

E: Posso ver um caderno?

P: Vou te dar todos prá você ver... Vou te mostrar um ruim e um bom prá você ver como é que estão as crianças.

E: Aqui são desenhos mimeografados...

P: Uma capinha só, né.. senão também fica feio o caderninho. Eles gostam de pintar...

E: Tô vendo aqui que a primeira atividade do caderno é com o nome, né? Então tá escrito: “meu nome é Caio” e eles copiam...

P: Mas assim... É um treino, né...

E: E depois vem o trabalho com as vogais...

P: Conforme eu vou passando assim... Eu vou na lousa, né... “onde vocês encontram o “A”?” Então eu faço tudo brincadeira “quem é que tem inicial com A”?” Eles procuram: “Ah! O fulano!” Tem os nomes no cartaz e as fotos deles, aí eles vão procurando... então hoje, a maioria conhece os nomes dos amigos, por causa das fotos né? “o nome do fulano tem o O? Não tem? O L é do sicrano...”

E: E como os nomes estão escritos no cartaz?

P: Sempre em letras... você diz em letra de forma?

E: É...

P: Sempre em letra de forma, não entramos com a letra cursiva.

E: E aqui tem o A E I O U ligando a uns desenhos de carimbos...

P: A minha cabeça, né... Não sei se eu estou certa... Por isso é que eu queria uma devolutiva, né... já que você está... e eu tô nessa situação... Eu até queria saber... Por exemplo: “que letra é essa?”, “o A”, “onde eu vou ligar?”, “No anel”, então eles sabem que ANEL começa com a letra A. Assim, esse tipo de coisa...

P: Depois vem número e quantidade...

E: Tem números...

P: É, eu trabalho um pouco de número...

E: Depois vem uma página prá cada letra...

P: Eles copiam da lousa, não é nada... eles copiam da lousa. Aqui é cópia, é cópia... [virando as folhas de um caderno].

E: Vai na ordem alfabética...

P:É... Esse ano eu fiz diferente... A gente viu umas atividades no meio, então... Nos outros anos eu trabalhei na ordem certinha. Esse ano as vogais eu tirei, só tô nas consoantes.

E: Você tirou as vogais?

P: É, porque eu já tinha dado no começo... aqui alguns textos de história [folheando o caderno]... “o que vocês viram na história?” Eles foram falando o que eles lembravam da história e eu fui montando o texto na lousa... as partes da história.

E: E essa história do Saci você contou ou leu?

P: Eu li contando... é assim: eu leio... mas aí quando eu mostro as figuras eu vou enfeitando mais ainda... todos os detalhes, eu vou mostrando... Depois aí num outro momento eu vou na lousa... prá ir tirando as partes da história, mas aí num outro dia, prá ver se eles lembram, o que eles falam... eu fico preocupada de nem todos estarem de frente... “você muda de lugar...”

E: Quantos alunos você têm?

P: 35... E assim... às vezes não cabe...

E: Você lê histórias de quanto em quanto tempo?

P: Todo dia... pelo menos um dia sim e um dia não. Porque isso faz parte desse mundo da Educação Infantil...

E: O que você costuma ler prá eles?

P: Assim, nessa época do ano, todos os livros que tem aqui... só que assim, histórias não muito longas, por exemplo, eu vou pegar um livro aqui prá te mostrar o que que eu gosto de pegar [levanta-se e dirige-se ao armário onde os livros estão guardados, já que estamos conversando na sala da coordenadora pedagógica]. O livro pode ser ótimo, mas prá você segurar eles... 35 ali... tem que ter os pés no chão, porque senão você não consegue a atenção deles. Então essa dificuldade... eu leio a história, depois vou contando eu mesma... Um jeito que eu achei legal foi todo mundo no chão, de frente prá mim... aí eu faço todas as mímicas, deixo eles também, sabe... Pelo menos no final do dia eu conto uma história.

E: Então, você disse que a equipe da Secretaria de Educação e mesmo aqui da escola não discute muito a questão da alfabetização, né... Quais subsídios você usa... quem te ajudou a fazer esse trabalho que você faz?

P: Tem um grupo aqui de estudo, né... e assim, todas as colegas fazem do mesmo jeito, eu já passei por muitas escolas... já trouxe de outras escolas e aqui também fazia...

E: Vem da própria cultura escolar?

P: Eles falam prá você... lógico, tem gente que não quer... eu sei, tá escrito lá [referindo-se às Orientações Curriculares Municipais para o trabalho com a Educação Infantil]... não querem um treino desses...

E: Onde está escrito isso?

P: Porque tem um livro de Educação Infantil: os Parâmetros... e não tá falando desse treino, né...

E: O que é que fala nele?

P: Ah! Lá fala que é o brincar, né... o brincar, o lúdico...

E: Não fala nada de leitura e escrita?

P: Fala... Não desse jeito, né... daquele outro jeito, sempre no lúdico... Eu não consegui ainda ver isso! Vou falar prá você: eu não consigo ver isso! O ano passado eu fiz assim... usei o caderno, posso estar fazendo errado, mas eu pergunto prá mães... elas continuam vindo aqui, as crianças também vêm me visitar, mostram os cadernos da 1ª série e as mães vem falar prá mim, não sei se é mentira ou não, que eles já estão lendo... eu tenho uma aluna que a mãe dela veio aqui sexta-feira e eu perguntei prá ela “como é que ela tá?” Ela falou que a menina está bem, que está escrevendo espelhado, mas que não é para se preocupar! Então assim... a gente fica contente! E outros... porque a gente vê eles toda hora aqui... “E como que está?” Eles mostram o caderno prá gente, falam que já estão lendo, já estão escrevendo... Você vê os cadernos assim; bonitinhos! Vejo que eles ficam mais organizados. É aquilo que a minha irmã vive me cobrando: “o que é que vocês estão fazendo, né...” Eu falo: “o que você quer?” Ela diz: “pelo menos que soubessem... alfabetizar eu alfabetizo, fique tranquila que isso eu faço, não precisa vir... mas, pelo amor de Deus, não saber nem pegar num lápis...” E assim... no começo do ano, quando eu comecei com a letra B, eu tinha um menino, o Felipe, que fazia tuuuudo errado, os cadernos dos outros vinham certinho, mas o dele não. No primeiro dia eu dei o “B”, mas assim... não fico pegando no pé, de como eles fazem, nem nada... fico ajudando, mas não falo se tá feio, se tá certo, só se eles perguntam... Eu sempre falo que tá certo... Aí ele chorou na entrada, não queria entrar... e aí eu fiquei sabendo, porque ele tinha me contado que ele não sabia fazer o “B” e então ele não queria mais vir prá escola.

E: Você me falou que lê livros de história. Mais alguma coisa você lê prá eles?

P: Histórias, só de histórias.

E: Onde os livros ficam guardados?

P: Os que eu comprei com o meu dinheiro ficam guardados a sete chaves senão me roubam, que nem roubaram todas as minhas fitas. Ainda bem que não me roubaram os livros esse ano. Ou então eu venho aqui [referindo-se à sala da coordenadora pedagógica] e pego no acervo. No ano que vem vai mudar. A gente fez uma festa junina, tivemos uma verba, né... que a gente ganhou nessa festa junina, e a coordenadora comprou bastante livro... de histórias, aqueles livros que interagem com as crianças, que a gente não tinha, né...

E: Os livros não ficam na classe?

P: Ela tá montando um monte de caixas, se você passar na sala dos professores você vai ver: caixa 1 – sala 1... Aí a gente vai poder levar prá sala e poder deixar as crianças manusearem, porque eu achava muito importante isso...

E: Por que até agora não tem livros que as crianças possam manusear na sala...

P: Nas outras escolas, além de ler, a gente também dava prá criança ler... Eu acredito que eles leem também, eles podem não ser alfabetizados, mas eles leem... Aí eles tiram os livros prá eles olharem... Agora pensa

you... I have a box like this, I bought several little collections and I take what is here... but I don't have that quantity... to leave them... because they also ruin... it's part, not to destroy... but it's logical; it will ruin from the beginning... You think... a child who never touched, never had that contact, what you think will happen, for more than... something will happen yes! But if I do this with mine or with the few who are here, people won't have time to read, so I give priority to reading [laughs] and now with these boxes we can have the party! Not to destroy né... but they will have that other contact.

E: Tá ótimo... deu pra conhecer bem o seu trabalho... muito obrigada.

ANEXO C - ENTREVISTAS

Transcrição da gravação em áudio de entrevista com a Professora da Escola Z1

Data: 19.04.2011

Entrevistadora – P: Me conta um pouquinho do seu percurso profissional.

Entrevistada – R: Eu fiz o magistério de nível técnico na escola L.M. E assim que terminei o curso fiz o curso de pedagogia...

P: O magistério era o Cefam?

R: Não. Era escola particular mesmo, porque eu trabalhava em empresa e aí não tinha como fazer o Cefam. Então, eu optei por fazer o magistério técnico particular. Aí fiz curso de pedagogia...

P: Aonde fez o curso de pedagogia?

R: Na F. F. L. aqui mesmo.

P: É particular também?

R: Isso. Daí eu fiz o curso de pedagogia. Durante o curso de pedagogia surgiu aqui na Prefeitura um estágio para estudantes, para quem quisesse participar. E aí eu entrei na seleção, comecei a fazer o estágio na educação infantil também, que eu sempre tive muita vontade de dar aula para o infantil, e aí eu fiquei fazendo estágio durante dois anos. Estágio remunerado. Aí depois como eu me formei, não tinha mais como continuar no estágio, aí eu fui trabalhar como eventual no Estado, de primeira a quarta série. Aí eu fiquei como segunda opção, porque eu prestei concurso na Prefeitura e aí comecei a trabalhar como professora substituta no ensino fundamental, isso foi em 2001 mais ou menos. Fiquei como professora substituta um tempo, prestei novo concurso, dessa vez para o infantil, aí consegui ingressar como professora titular mesmo, e estou até agora como professora de infantil. Acabei optando por ficar só no infantil, larguei o Fundamental, porque minha matrícula é no infantil. Eu atualmente tenho duas matrículas aqui na rede.

P: Você trabalha dois períodos com crianças de 5 anos?

R: No período da tarde as crianças são menores. Infantil 4 à tarde e infantil 5 de manhã.

P: Nessa escola você está há quanto tempo?

R: Aqui estou há 4 anos. Sempre com infantil 5, a última fase do infantil, já indo para o Fundamental.

P: Conta para mim como é o seu trabalho com leitura e escrita, com as crianças de 5 anos.

R: A gente procura diversificar, em primeiro lugar, né, o gênero... no decorrer da semana. Tem a minha leitura diária, todos os gêneros a gente... tem um momento para leitura na rotina. Aí a gente tem biblioteca... que aí eu procuro deixar para eles terem a liberdade de manusear os materiais que tem aqui, né, porque eles fazem muitas perguntas, a gente vê como é a postura deles, que quando a gente está lendo é diferente.

P: Vocês vêm na biblioteca com que periodicidade?

R: A gente vem uma vez na semana para todas as turmas poderem ter acesso, né, a gente fica 40 minutos. Então, eu procuro diversificar a leitura durante a semana e aqui é legal porque os livros que eu conto são

daqui, então eles acabam encontrando, eles acham bacana, querem ler... Na sala também, após a leitura, eles sempre procuram manusear o livro, aí eles contam para os amigos, eles comentam...

P: Na sala também tem livros?

R: Na sala também temos uma caixinha com livros, que ficam lá para eles poderem estar manuseando, na hora que eles quiserem...

P: A escola tem algum projeto institucional de leitura?

R: ah, temos a biblioteca circulante. Temos a caixinha específica para a biblioteca circulante e aí as crianças levam o livro para ficar no final de semana em casa para ler com os responsáveis e devolvem na semana seguinte.

P: O que você lê? Você falou que lê todo dia para eles...

R: Leio.

P: Em que horário você costuma ler?

R: Como a gente tem a rotina... têm horários que a gente não pode ser tão diferente por conta das outras turmas... então esse horário ele é garantido assim... entre 9.30... 9.45... 9.50... é mais ou menos o horário que estou fazendo a leitura com eles. Depois a gente sai para o almoço...

P: O que você costuma ler para eles?

R: Eu leio contos de fadas, leio revista Recreio, é um material muito rico, a gente tem bastante texto informativo, tem adivinhas... têm fábulas, lendas... as primeiras leituras de contos narrativos... os mais comuns a gente tem bastante também, poesia, poemas... então, na medida do possível sempre procuro diversificar... além do suporte do livro, tem as histórias que eu sempre levo, fantoches... objetos mesmo... então tento dar uma mesclada, dar uma variada. E jornal às vezes, o diário, eu uso bastante também...

P: Além da sua leitura para eles, tem outras atividades envolvendo a leitura e a escrita?

R: Tem as atividades das modalidades organizativas, que a gente começou já a estruturar para trabalhar com isso. A gente tem trabalho com texto memorizado, que eles podem fazer leitura. Tem as atividades de textos, que eles podem fazer leitura no momento da atividade... Escrita também...

P: Como é esse trabalho? Você falou de textos memorizados... leitura de textos memorizados...

R: A partir do momento que eles sabem o texto decór... é um texto pequeno, não é nada grande, é mais assim... envolvendo parlendas, antigas cantigas... a partir do momento que eles têm de decór, a gente sempre costuma deixar exposto na sala, com essa letra maiúscula, e aí eles vão fazer a leitura, ainda que não convencional, mas já para tentar ir ajustando a fala à escrita. Então a gente tem esse momento deles estarem acompanhando a leitura com o dedo... esse material também é levado para casa, para ser socializado com a família... para eles poderem ler também. E aí a gente faz algumas atividades baseadas nesse texto para que eles possam refletir mais um pouquinho sobre o código, né, poder pensar um pouquinho sobre a regularidade do código...

P: Como são essas atividades?

R: Tem atividades que a gente faz com texto, lacunando algumas palavras... outra que a gente pede para localizar algumas palavras no texto... aí a gente vai assim... letra inicial, letra final... a gente sempre dá

algumas dicas para eles poderem estar refletindo mais sobre a escrita. São atividades que a gente vê que tem resultado...

P: E eles também escrevem esses textos memorizados?

R: Em alguns momentos sim... em alguns momentos eles também podem escrever. Aí a gente vai pela hipótese de escrita, para ficar uma coisa bem próxima, né, para eles... para não ficar muito aquém. Tem alguns que já estão em uma hipótese mais avançada... já tem a possibilidade de escrever de próprio punho, né... Os que não têm ainda a gente vai fazendo agrupamento ou eu mesma posso ir fazendo alguns questionamentos, que levem sempre à reflexão sobre o código.

P: E você trabalha com letras móveis na sala?

R: Sim, letras móveis...

P: Que tipo de atividade vocês fazem com as letras móveis?

R: A gente faz várias coisas, começando do nome mesmo, né, da criança como dos amigos... que é uma etapa que a gente tem... é uma sequência que a gente tem de nome... né... e aí varia tipo assim... título de histórias, brincadeiras... aí a gente vai encaixando conforme a gente vai fazendo o trabalho ou das modalidades ou nos momentos de atividades independentes, aí a gente vai encaixando conforme a gente vai vendo a necessidade mesmo.

P: Você faz sondagem?

R: Sim.

P: Como é o seu trabalho com sondagem?

R: A sondagem... acho que não só a minha, mas a da escola como um todo, a gente tem feito com palavras trissílabas, bissílabas... Uma coisa que eu costumo fazer na sondagem, no momento que estou fazendo é relacionado ao alfabeto. Eu gosto de saber o que sabem do alfabeto, se conhecem muitas letras, se conhecem poucas, como está o repertório de letras, sempre costumo anotar na minha sondagem.

P: Você faz a sondagem quantas vezes por ano?

R: Até o ano passado a gente fazia em quatro momentos, porque o nosso calendário era bimestral. Aí ele passou a ser trimestral, então a gente teve uma sondagem agora, no início das aulas... e a gente precisa até conversar com a coordenadora para ver como é que vai ficar essa questão da sondagem. Mas assim, para mim não é uma coisa fechada a sondagem... Conforme vou vendo que o aluno está progredindo, e eu percebo isso, eu costumo chamar, mesmo que seja antes do tempo que a gente costuma fazer ou aquele aluno que é um pouco resistente, está inseguro... não é uma coisa obrigatória, espero mais um pouco... A gente tem mais ou menos programado, mas não é uma coisa fechada.

P: E no ano passado, a sua turma de 5 anos, você lembra como que eles começaram... como eles saíram em relação à escrita?

R: Eles tiveram um avanço bem grande. Eles não saíram alfabetizados, mas com bastante conhecimento, com bastante argumento, refletindo... tinha alfabético, sim. Na minha turma do ano passado, se não me engano acho que eu tinha 3 alunos alfabéticos... eu não tenho certeza...

P: E os outros...

R: A maioria silábicos, silábicos alfabético, ainda tinha um número de pré-silábicos, mas se não me engano eram 2 ou 3 também... Em uma sala de 25 alunos...

P: E esse ano?

R: A minha sala é de 26... eu tenho um aluno que tem um diagnóstico de autista, então a gente tem um número menor de alunos. O ano passado também... tinha uma aluna com baixa visão e um aluno com problemas de fala, que na verdade não tinha diagnóstico...

P: Como, onde você aprendeu a fazer esse trabalho com leitura e escrita?

R: Na verdade foi mais na prática mesmo, depois que eu ingressei na Rede, porque na faculdade a gente tinha uma coisa, mas era uma coisa muito genérica, né, eu não tinha muita prática da sala. Então, quando eu ingressei aí a gente começou também a ter algumas formações, HTC, momentos de leitura de textos, eu tive oportunidade de fazer o Profa, que agora chama Ler e Escrever...

P: Você fez o Profa aonde?

R: Eu fiz o Profa aqui... com uma formadora chamada Lílian, aqui mesmo da Rede. A gente tinha um encontro toda sexta feira. Era das 7 às 10 que a gente fazia. Então, eu tive oportunidade de fazer o Profa, alguns cursos mesmo da Rede, os que aconteceram eu me inscrevi em alguns, leituras minhas que eu procurei para estudar...

P: O que você já leu dessa área?

R: Tirando o material da Prefeitura, tem os referenciais, tem algumas coisas bacanas...

P: Os referenciais curriculares nacionais de educação infantil?

R: Isso. Tem a proposta da Prefeitura também, que traz algumas coisas. Alguns fragmentos, vários fragmentos...

P: E textos?

R: Tem Emilia Ferreiro, tem Ana Teberosky, tem a coordenadora da escola aqui também, que o ano passado ela fez uma retomada do trabalho de leitura e ela até organizou um texto com os vários momentos que a gente pode fazer leitura, como pode fazer a leitura...

P: A coordenadora pedagógica M., né... ela está aqui faz tempo?

R: Ela começou no ano passado...

P: E antes dela?

R: Antes dela a gente não tinha ainda coordenadora...

P: Ah, é, não tinha, tinha só PAP. Quem era a PAP?

R: Era a A., mas a gente ficou um tempinho sem PAP... porque aconteceu o concurso... aí a gente ficou sem, porque a PAP que nós tínhamos saiu da escola, teve que assumir em outra escola, e aí nesse período não mandaram ninguém porque ia acontecer o concurso...

P: E aí vocês ficaram sem HTPC?

R: Não, a gente teve. Aí a PAD, A., ela acabou assumindo... fazendo a mesma função, ela fez o HTPC juntamente com a diretora e ela ficou responsável pelos nossos registros... as devolutivas. Aí ela ficou mais com essa parte pedagógica. E aí chegou a nova CP, no ano passado... logo no começo... ela já era da Rede, ela tem muita experiência...

P: Ela já tinha sido PAP?

R: Ela já tinha sido PAP. É uma professora que tem muita experiência.

P: O que ela trabalha nos HTPCs com vocês?

R: A CP tenta ao máximo trabalhar a parte interativa, então assim, o grupo sempre participando, tomando decisões, tem planos de formação, que o ano passado foi muito bacana... Posso falar mais do ano passado, porque a gente não começou efetivamente este ano, né...

P: No ano passado qual foi o foco da formação?

R: Rotina...

P: E esse ano ainda não sabe qual vai ser?

R: Eu ouvi elas comentarem que tem intenções de trabalhar com artes, mas também resgatar um pouquinho da rotina, porque este ano a gente tem bastante professora nova. Tanto de Rede, como de educação infantil também... então ela comentou que talvez fosse necessário retomar...

P: E a diretora, tem alguma relação com o pedagógico?

R: Tem, participa dos HTPCs... vai atrás dos encaminhamentos que são dados durante o HTPC pela coordenadora. Ela sempre procura estar por perto, ajudando no que for possível. Até, por exemplo, esses dias que a CP não estava, porque ela casou, então ela ficou um pouco ausente da escola, a diretora e a vice-diretora deram continuidade ao que ela já havia planejado inicialmente, no caso foi o PPP da escola, que vamos estar reorganizando, revisando... elas deram continuidade nesse trabalho.

P: Tem algum material dos alunos desse ano ou do ano passado que você pode me mostrar?

R: Eu tenho uma pasta, que já comecei algumas sondagens...

P: Ah, pode pegar para mim?

R: Posso.

R: Esta é uma pasta que eu costumo fazer com as informações iniciais... o que eu achar que é interessante colocar, eu coloco de cada criança, né. Por exemplo, aqui tem a sondagem... que eu ainda até estou finalizando com alguns alunos, tem um que entrou agora, que é o caso dele... E aí algumas anotações que eu percebo no momento eu vou fazendo depois.

P: Então aqui você ditou canetinha, tesoura e...?

R: Isso mesmo. Tem alguns casos que, assim, embora tenha falado das quatro palavras... dependendo da criança, quando eu vejo que está em determinada fase... eu nem continuo. Eu já paro, porque sei que é aquela fase, que não vai ter mudança no momento, então, depois, conforme vai mudando eu vou acrescentando e dá para a gente saber.

P: Aqui você ditou canetinha, tesoura, livro e giz...

R: Isso mesmo.

P: E você já tabulou essa sondagem para ter uma ideia de como está a classe como um todo?

R: Não tabulei porque ainda tem criança que falta fazer. Mas eu tenho já uma ideia...

P: O que você já viu, de como eles estão?

R: A maioria está na hipótese pré-silábica. Tem uma alfabética, né. Inclusive ela é uma criança que já tem uma leitura bem fluente, lê tudo, é uma ótima parceira. Aliás, para mim e para os amigos também, porque... ela sempre questiona, tem boas ideias. Deve ter uns 6 silábicos...

P: E você já fez reunião de pais esse ano?

R: Não, a nossa reunião é agora dia 6 de maio. A primeira reunião. A gente só teve a inicial, que é a recepção, o início das aulas... que é uma coisa mais informativa, eles estão mais querendo conhecer a escola, o professor... então a gente não consegue ainda fazer um trabalho mais sistematizado. Mas a partir dessa que a gente vai fazer agora a gente já começa...

P: Vocês têm informações sobre o perfil dos pais, no que eles trabalham? Como são as famílias, o perfil das famílias?

R: A gente tem, assim, por alto, no PPP, né... mais assim de conversar, as mães que falam... eles mesmos comentam com a gente... A maioria dos pais trabalha...

P: Os pais das crianças sabem ler e escrever?

R: Nem todos, aqui tem bastante pai que não lê nem escreve. Na minha sala mesmo tem...

P: A maioria dos alunos mora aqui na comunidade?

R: A maioria mora aqui próximo. E tem uma parte que mora mais afastado, em locais mais precários... sem comércio, encanamento, rede de esgoto...

P: É mais uma zona rural por aqui...

R: É, isso mesmo.

P: Estou vendo aqui nas atividades de escrita que tem umas marquinhas... conta para mim como é esse trabalho...

R: Depois que termina a sondagem, na verdade cada palavra que eles escrevem... após a escrita eles já fazem a leitura para mim, aí eu faço marcações, marquinhas... algum comentário que eu acho interessante também coloco.

P: Você faz a sondagem individualmente?

R: É, chamo eles... então tudo que acontece eu registro

P: Então aqui são as atividades...

R: Aqui na verdade eu só trouxe para você dar uma olhada porque a gente tem o registro que a CP acompanha... então só para você visualizar as atividades das crianças... estas são as caixas delas. Esta é uma coisa que a gente começou a fazer na sala, e aí a gente tem o caderno de registro, onde a gente faz

planejamento, depois a gente registra. A CP costuma ler e, em geral, favorece alguns focos, para a gente poder estar falando mais sobre alguns focos. E aí a gente tem as devolutivas.

P: E tem alguma atividade das crianças, sem ser a sondagem? Dessas que você me falou que costuma propor?

R: A gente vai começar agora.

P: Você realiza algum trabalho com produção de textos?

R: A gente já planejou para começar esse ano, sim. Tem a intenção, sim. O ano passado a gente fez algumas produções, que ficaram bem bacana, que a gente trabalhou com projeto de brincadeiras. Algumas brincadeiras que eles foram aprendendo a gente foi sistematizando, e no final a gente produziu o texto da brincadeira, né... como brincam, o que precisa para brincar, o tipo da brincadeira... E além desses momentos de produção de texto teve alguns outros pequenos, alguns bilhetes...

P: Como eles produzem esses textos? Como é esse trabalho?

R: Comigo. Eu como escriba... A gente jogando as ideias, vendo o que era mais apropriado para escrever, como ficaria melhor. Lendo o bilhete depois de pronto, revisando se fosse necessário. A gente ia fazendo dessa forma com eles. Os alunos alfabéticos, eles até já produziam algumas coisas, mas a maioria mesmo era feita de forma coletiva...

P: E este aqui é o planejamento semanal...

R: Isso. A gente sempre tem um registro. Agora, relacionado à produção, a gente está começando a estruturar as modalidades organizativas agora. Agora que a gente está começando a produzir, escrever. Tanto é que a gente já passou para a coordenadora, que ela pediu, as necessidades que a gente percebeu da classe como um todo. Que modalidade organizativa a gente já pensou... a gente está com o trabalho encaminhado, mas assim... não está iniciado na sala de aula.

P: No caderno das crianças, por exemplo, do ano passado... encontraríamos escritas não convencionais?

R: Sim, sim.

P: E os pais, como vocês fazem? Eles compreendem, vocês contam para eles, como que é?

R: Sim. Inclusive a gente consegue fazer isso quando as lições de casa vão para casa... porque os pais têm uma grande preocupação na questão da alfabetização e eles querem ajudar, né. Então, para eles é muito estranho encontrarem uma escrita não convencional da criança... Para eles aceitarem é muito complicado, porque a visão deles de alfabetização, como a minha também, era bem diferente. Então assim, para a gente explicar que tem a questão das hipóteses, coisas que fazem parte mesmo daquele momento da criança...

P: Vocês explicam?

R: Principalmente em reuniões a gente aproveita bem o momento para deixar o mais claro possível, mas mesmo assim nem sempre eles conseguem compreender, é difícil entender. Então, a gente costuma fazer reuniões formativas mesmo, dando exemplos de escrita, explicando o por que... Porque para eles é uma coisa – ah, não está aprendendo, está errado, a professora não está vendo que está escrevendo errado? –, então para a gente é um trabalho bem... vamos dizer assim... bem árduo, para tentar entender isso... mas não tem como, né?

ANEXO C - ENTREVISTAS

Transcrição da gravação em áudio de entrevista com a professora da Escola Z2

Local: Escola Z2

Data: 05.04.2011

Entrevistadora – P: Eu vou pedir para você me contar primeiro um pouco da sua formação profissional, o que você estudou, como você decidiu ser professora, onde você começou a trabalhar, se você fez pedagogia, se fez magistério...

Entrevistada – R: Eu fiz magistério no S.I., aqui mesmo, foi uma das últimas turmas a se formarem e fiquei 4 anos no CEFAM, depois saí, prestei para letras... então eu sou formada em letras. Agora eu estou fazendo pós-graduação pela USP, é o curso que a Prefeitura nos ofereceu agora. Fiz o Profa...

P: Que pós-graduação é essa?

R: É uma especialização em educação infantil. Eles ofereceram quatro módulos: educação infantil, ensino fundamental, inclusão e meio ambiente. Aí eu optei por educação infantil que é o meu foco, o que eu mais gosto. Fiz o Profa e a minha formadora foi a orientadora pedagógica da Rede. Terminei o curso no ano passado. Eu saí do Cefam... e aquela bruta vontade de trabalhar, saí do Cefam e não consegui escola, concurso, nada. Então, eu fui trabalhar em loja. Aí eu vi que não era aquilo, não estudei tanto para estar dentro de uma loja. E aí comecei em uma creche conveniada, consegui estágio em uma creche conveniada. Eu trabalhei um ano e meio numa creche conveniada da Prefeitura. Saí de lá, fui para outra creche conveniada, fiquei mais um ano e meio, foi quando fui chamada pelo concurso aqui e aí eu saí, e aí me deu um baque assim... porque em uma creche conveniada você vê uma realidade, chega na Rede e você vê outra, mas assim... foi um bom aprendizado para mim.

P: Qual a maior diferença?

R: Na creche conveniada você vê muito a questão assim do tradicional, daquela coisa mecânica, das crianças estarem todas sentadinhas, fazendo movimentos que não têm muito sentido para elas e aí quando cheguei na Rede eu vi que era aquilo que eu esperava, porque eu estava muito desanimada quando cheguei na creche, eu me desanimei um pouco, porque não era aquilo que eu queria nem esperava. Daí quando eu cheguei aqui na Rede eu vi que eu podia trabalhar de uma forma melhor, e aí foi quando eu tive um grande aprendizado aqui na Rede.

P: Há quantos anos você está nessa Rede?

R: Três anos na rede conveniada e quatro aqui.

P: Aqui nessa escola...

R: Sim, nessa escola há 4 anos...

P: O que você está achando da pós-graduação na USP? Você tem que ir lá quantas vezes por semana?

R: Nós vamos todos os sábados. Então, nos sábados trabalhados aqui na Rede nós não frequentamos lá, trabalhamos aqui. Nos outros sábados das 8 às 17 horas, o dia inteiro...

P: Todos os sábados?

R: Todos os sábados, lá na USP. Então, a gente sai daqui mais ou menos umas 7 horas da manhã, pega o ônibus no Paço.

P: E na sala de aula só tem vocês dessa rede?

R: Só a nossa rede, é um curso fechado para a nossa rede. Mas assim, está sendo muito bom... estou gostando porque assim, é uma troca que está havendo lá dentro, porque o grupo de professores...

P: Quantos professores?

R: Cada sala tem mais ou menos umas 35... 40... São 3 turmas de educação infantil. Acho que são 3 de cada módulo. Educação infantil, fundamental, meio ambiente e inclusão.

P: Tem alguma coisa relacionada à leitura e à escrita?

R: Então, é igual a gente estava conversando esses dias com a CP... eles levam mais pelo lado da brincadeira. A educação infantil é o brincar, o brincar. Falei para ela, eles caem muito em contradição, porque ao mesmo tempo que eles falam que a gente tem que priorizar o brincar, eles mostram que dá para fazer a questão da leitura, da escrita e da alfabetização, não é só o brincar. Falei, o que acontece lá é que muitas pessoas interpretam errado o que eles falam. Por exemplo, lógico, você tem que priorizar o brincar, mas você também tem que proporcionar isso para as crianças. E aí... com essa oportunidade que você dá, acontece a alfabetização, a questão da leitura e da escrita, o letramento. E aí eles trazem muitas atividades, muitas novidades assim, que você fala – mas..., né? -, então você tem que saber pesar aquilo. O brincar é prioridade, a gente brinca, sim, mas tem um momento que você proporciona atividades.

P: Me conta do seu trabalho com leitura e escrita.

R: Nos 4 anos que eu estou aqui nessa escola, os três primeiros anos peguei turma de infantil 5, que eram crianças de 4 para 5 anos, que agora é infantil 4, né, e esse ano eu estou com a turma do infantil 5. E eu sempre trabalhei a questão da leitura e da escrita. A gente trabalha com listas, não listas assim jogadas, soltas, nós trabalhamos sempre envolvendo algum projetinho, uma sequência, então, vamos fazer uma salada de frutas, vamos fazer essa lista de salada de frutas, vamos escrever uma carta, um bilhete para a diretora falando o que a gente precisa. Então, sempre dando um sentido a isso que eles estão escrevendo. A questão do nome... hoje estou com a infantil 5, e como eles vieram muito novinhos, estão mais novos do que a turma do ano passado, então muitos ainda não reconhecem o nome, porque saíram direto do infantil 3 e foram para o infantil 5, pela questão da idade tem a dificuldade ainda do reconhecimento do nome, da escrita mesmo, então a gente está trabalhando bastante isso.

P: Você tem quantos alunos?

R: 32 alunos.

R: A gente trabalha bastante com parlendas, textos de memória...

P: Como é o trabalho com textos de memória?

R: Então, nós trabalhamos esses textos de memória na sala, cantando, brincando, e nós digitamos esses textos para que eles levem para casa. Eles têm uma pasta de textos memorizados, para que eles façam essa leitura com a família em casa... leiam... a leitura não convencional com a família... então a gente trabalha desse jeito. Com cartazes... além dos textos, a gente deixa em exposição na sala, para que eles tenham acesso também. Na brincadeira simbólica a gente vai brincando, fazendo a leitura, então nós trabalhamos desse jeito.

P: E como é essa atividade deles tentarem ler o cartaz, o que se espera das crianças nessa hora?

R: Como assim?

P: Quando eles sabem que ali está escrito uma parlenda e eles tentam ler... você faz essa atividade deles tentarem ler?

R: Sim, nós fazemos, a leitura... – então, vamos lá... vamos ler o que está no cartaz... -, aí eles vão lá, acompanhando com o dedinho... a gente vai começar a cantar e a professora vai parar, então para o dedinho -, para ver se eles já estão ajustando essa leitura. Trabalho também com a montagem. Então corta a parlenda – vamos montar a música -, então algumas crianças já conseguem pela primeira letra da palavra... já conseguem montar a parlenda.

P: E tem atividades deles escreverem também?

R: A parlenda? A gente faz com letras móveis para eles escreverem, em duplas, em grupos... Fazemos a escrita mesmo, um ajudando o outro, registrando no caderno... dessa forma.

P: Posso ver esse caderno?

R: Aqui é a lista das crianças da sala, então separei meninos e meninas, só mesmo para eles poderem localizar, e aí a gente faz a leitura dessa lista...

P: Está em ordem alfabética...

R: Em ordem alfabética... Peço para eles identificarem o nome deles... tem muita criança que não consegue identificar ainda, então deixo isso de apoio para eles no caderno. Tem um cartaz na sala também com o nome deles, e tem uma plaquinha que fica com eles dentro do estojo, dentro da pasta deles. Então, o trabalho com nome próprio tem sempre...

P: O alfabeto é escrito em letras de imprensa maiúsculas?

R: Isso, maiúscula. Tem também o calendário, que eu trabalho junto com eles, então... tem o calendário que é maior, em sala de aula, e eles acompanham no caderno deles... Eu falo – hoje é o dia 5 -, - ah, é aqui -, então para eles irem conseguindo acompanhar, eles têm esse calendário de apoio no caderno também. Aqui é o calendário de abril, que a gente começou agora. Então esse aqui eu optei por não colocar os números, no do mês de março sim, vinha com os números...

P: Para eles escreverem...

R: Isso... Então no mês de abril eles vão escrever os números, então eu tenho lá no calendário números grandes, aí eles olham e fazem a escrita da maneira deles, eu falo – olha, aqui está... olha lá direitinho -, e eles vão completando da maneira que podem... Mas como falei para você, recebemos o caderno há pouco tempo, por isso tem poucas coisas...

P: Se eu pegasse o caderno de uma criança do ano passado, que mais que teria?

R: No caderno do ano passado tinha a escrita do próprio punho...

P: Tinha escritas não convencionais também...

R: Tinha... Agora não começamos ainda, porque nós estamos organizando os projetos, as sequências, e os cadernos chegaram há pouco tempo. Mas no do ano passado tinha, então assim, na festa junina... então a gente aproveitava esses momentos... – então, vamos lá, a festa junina, o que teve na festa junina? -, aí eles escreviam. – o que teve hoje no almoço? -, - brincadeira que você mais gostou -, então tinha essas escritas no caderno, porque também eram de uma sequência que a gente tinha trabalhado...

P: Você costuma fazer sondagem?

R: Sim, eu peço para eles escreverem alguma coisa da preferência deles, chamo um por um na minha mesa, e aí enquanto faço isso deixo as outras crianças fazendo atividade, um desenho... Aí eu chamo um por um e peço para escrever alguma coisa da preferência dele. Aí eu dou um tema, um doce... seu doce preferido, ou então falo – o que você mais gosta? -, ah, eu gosto disso -, - você quer escrever para mim? -, - quero – e aí naquele momento eles escrevem para mim e depois eu peço para fazer a leitura do que escreveram, e aí que eu vejo a fase da escrita...

P: Quando que você faz a sondagem?

R: Fiz uma no início do ano, para saber como é que eles estavam... Vou fazer todo mês, porque eu gosto de acompanhar mês a mês, então todo mês eu tenho uma. Eu tenho uma que eu fiz agora com eles, depois se você quiser dar uma olhadinha...

P: Eu quero... E como foi o ano passado? Como eles saíram em relação à escrita?

R: O ano passado comecei com 32 pré-silábicos... E acabei com apenas duas crianças... uma criança que era o Danilo, que ele faltava muito, ele tinha problemas com a família, a mãe era alcoólatra e às vezes ela perdia o horário de trazê-lo, então D. saiu fazendo o nome com apoio, ele conseguia só com apoio porque ele perdeu... não acompanhou muito e as outras crianças todas saíram fazendo o nome sem apoio. Duas crianças saíram silábicas alfabéticas... 17 silábicas com valor sonoro e o restante... o D. e a M.E. saíram pré-silábicos, e os outros silábicos sem valor sonoro.

P: Me conta como é o seu trabalho com leitura de livros... não sei se você lê para eles...

R: Todos os dias eu faço a leitura para eles. Nós temos uma biblioteca aqui, ela é muito pequena, né, e dois dias da semana nós temos 40 minutos nesse espaço e um dia na semana 20 minutos. Então, no resto da semana, os outros dias, eu faço leitura dentro da sala de aula.

P: O que você lê para eles?

R: Nós temos um kit de livros para a leitura do professor, onde tem todos os gêneros lá. Tem poesia, tem contos de fadas, contos de assombração. Então, eu tento cada dia ler um gênero diferente para eles.

P: E na biblioteca, como é o trabalho?

R: Na biblioteca tem um dia desses três dias que nós utilizamos lá, eu deixo um dia para eles manusearem os livros lá, então, eles vão lá, eles escolhem, folheiam, fazem a leitura deles. Um dia eu deixo para isso, é um dia livre da biblioteca. O outro dia eu faço essa leitura com eles lá também e aí a gente faz uma roda para comentar o livro, como que foi... porque eu estou com um projetinho com eles que é a maleta literária.

P: Esse é um projeto institucional, de toda a escola?

R: Não. Eu e outra professora, quer dizer, passei para o grupo e aí só uma outra professora abraçou essa ideia, que é a maleta literária. Fiz uma maleta para eles, e falei que das cinco histórias que são lidas durante a semana, uma criança, por sorteio, ia escolher uma dessas cinco histórias para levar para casa, e para ler junto com a família...

P: Só uma criança que leva?

R: Isso, mas no dia que ela leva, a gente tem empréstimo de livros prá todos também, então as outras crianças levam outros livros, mas não é a maleta.

P: Mas podem emprestar livro também...

R: Podem... nós temos empréstimo de livro toda sexta feira.

P: Então, esse é um projeto institucional...

R: Esse é. A minha forma de trabalhar é assim: coloco os livros expostos na sala e aí eu peço para cada um... para eles darem uma olhadinha, abrir o livro, para ver qual história que eles querem levar para casa. Nós temos aquele cartãozinho de empréstimo da biblioteca, cada um escolhe seu livro e aí a gente faz o empréstimo, coloca lá o nome da criança que está levando, o dia, data de recolher e eles assinam esse cartãozinho. Aí fica guardado com a gente. Levam na sexta e na segunda tem que devolver.

P: Aqui tem sala de informática?

R: Não, não tem.

P: Você trabalha à tarde?

R: Isso, aqui à tarde e eu também trabalho em outra rede de manhã. Eu trabalho na região de S.A., na P.

P: Com o 1º ano?

R: Sim. Eu estava com o 1º ano lá, né, só que eu estava cobrindo uma professora... por ser nova na rede fiquei sem sala. A professora do 1º ano fez uma cirurgia e eu assumi desde o início. Ela voltou agora, aí eu perdi a sala. Estou fazendo apenas substituições lá. Mas era um 1º ano bom também assim, legal. Eu gosto dos pequeninhos, tem que ter paciência para alfabetizar, essas coisas, mas eu gosto.

P: Quais as principais diferenças que você percebe entre essas duas realidades?

R: Eu tive um grande impacto quando fui lá. Porque aqui eu vejo assim... eles pensam muito na criança, pelo menos aqui na escola que eu estou, eu vejo isso. Eles têm um olhar muito grande para a criança, também tem um apoio muito grande aqui da coordenadora, qualquer dúvida, ela está lá, em cima... E lá eu vejo que é um pouco mais largado. Pelo menos a escola que eu estou, mas eu vejo que é um pouco mais largado. Eu entro na minha sala, faço o que eu quero, da maneira que eu quero e aí você vê muita coisa errada, professor fazendo coisas que você fala – meu Deus, isso... desde que eu estudava já não acontecia mais -, então eu vejo assim. Agora, na escola que eu estou eu vejo que entrou uma coordenadora que ela tem muita vontade, é uma pessoa maravilhosa, você vê que ela tem muita vontade. Só que o grupo é muito antigo, então está muito difícil para ela. Eles não aceitam certas coisas. Mas você vê que ela tem uma proposta muito boa.

P: E aqui, qual é a sua relação com a coordenação pedagógica, no que ela se envolve no pedagógico, e como que é essa relação com o HTPC, tem trabalho coletivo? Tem formação permanente?

R: Nós temos o HTPC, então todos os HTPCs nossos são direcionados para a formação. Isso é uma coisa muito legal, que eu aprendi muito.

P: São duas horas?

R: São 2 horas semanais de formação. Das 18h40 às 20h40... e ela também tem um trabalho que é uma formação que ela chama de 'personal', que ela tira a gente da sala de aula, então ela luta para alguém vir para a escola e ficar na nossa sala durante meia hora, quarenta minutos, uma vez por mês... e ela tira a gente da sala de aula para fazer formação individual com a gente também. E aí ela tem um olhar mais para o que você tenha dificuldade. Então, ela conversa com a gente – aonde está tendo mais dificuldade...

P: E o que vocês estão trabalhando no HTPC?

R: No HTPC agora ela está trabalhando mais a questão dos projetos, porque o nosso grupo mudou muito, mudou todo o grupo, ficou só eu e mais duas professoras do grupo antigo. Então assim, está trabalhando a questão da rotina, dos projetos, com essas professoras novas que chegaram, porque aqui é diferente das escolas que elas estavam. Então, ela está trabalhando muito isso.

P: Vocês já estudaram algum texto este ano ou ainda não?

R: Sim, estudamos, mas não lembro de memória, está tudo no meu caderninho registrado, mas não me lembro o nome.

P: Você nasceu aqui?

R: Nasci aqui, fiquei até 7 anos de idade aqui, aí eu fui para Pernambuco, fiquei três anos lá, retornei com 10 anos...

P: E aqui você estudou na EMEI?

R: Estudei, estudei na P. J.A., que fica na A. Assim... eu falo que foi o meu melhor momento, o que eu mais me lembro... eu lembro do cheiro da minha professora, então, era uma japonesinha, tipo a Patrícia, muito cheirosa, e quando eu me lembro parece que estou sentindo o cheiro do perfume que ela usava... Lá foi muito bom, foi a minha melhor época, por isso que eu gosto tanto dessa fase.

P: E quando você voltou de Pernambuco, estudou na rede pública?

R: Na rede pública daqui... estudei no M.S.V., que é uma escola do Estado, no J. De lá eu fui para o M.A., que é um bairro do lado do O. e aí eu fiz o primeiro ano lá. Aí eu fui para o CEFAM, então saí do M.A. para ir para o CEFAM e repeti o 1º ano novamente lá, porque começava do 1º ano e aí fiz o CEFAM, sempre corri atrás do público... então curso de informática oferecido pela Prefeitura... eu sempre falo isso para os meus alunos, que a gente tem que correr atrás, oportunidades tem. Que eu poderia muito chorar – ah, me formei e não tenho oportunidade -, para muito tem saída, mas tem que correr atrás -, sempre passo isso para eles. Oportunidade tem, tem faculdade com bolsa, o curso todo tive bolsa... me formei na M.

R: Esta é a maleta literária que estou trabalhando com eles e a proposta é que a criança leve o livro para casa, para ler junto com a família e após a leitura eles vão produzir alguma coisa com a família. Então, coloco todos os materiais que dá para disponibilizar para eles...

P: Cola, canetinha...

R: Isso... Porque após a leitura eles vão produzir alguma coisa relacionada para fazer uma exposição. Aí eu mando o caderninho, né, que a família vai registrar como foi esse momento... E aí... Esse foi o primeiro que eu mandei, olha o que a família produziu junto com a criança... é uma espécie de jogo, uma barraca de legumes...

P: Você tem alguns pais de alunos que são analfabetos?

R: Tenho.

P: Você já sabe quantos são?

R: Que estavam na reunião três... porque assim... na primeira reunião que nós tivemos eu pedi para eles escreverem para mim quais temas que eles queriam que eu abordasse nas próximas reuniões, e aí três se recusaram a escrever porque não sabiam, né...

P: Eram três mães ou pais?

R: Eram duas mães e um pai. Então, assim, pediram para levar para casa... eu até perguntei, me ofereci se queriam falar que eu escrevia, mas acho que por questão de vergonha... preferiram levar, então três eu sei que são analfabetos mesmo. E aí até falei dessa questão na própria reunião, do caderno de registros, que poderia ser a irmã que está estudando, qualquer pessoa da família registrar.

P: E não estavam todos os pais na reunião...

R: Não, não estavam, porque alguns trabalham... tinha 25 pais, de 32... tinha 25. Aqui estou organizando o portfólio de escrita deles...

P: E essas fotos você que tirou?

R: Essas fotos eu tirei e a escola revelou... A escrita do nome sem apoio...

P: A maioria já veio sabendo escrever o nome?

R: Isso, igual eu falei... eles chegaram sabendo escrever o nome com apoio. Eu tenho o E. que é uma criança que não estudou no ano passado, entrou esse ano, ele não sabia escrever... o F., que é uma criança que veio do P. P., também não sabia escrever o nome, está conseguindo agora. Tenho a J., o D. que tem muita dificuldade... É que eu estou organizando, levei para casa para tabular. A T. é uma criança que não reconhecia o próprio nome... então assim... sempre todo dia estava fazendo esse trabalho com ela... – vamos lá procurar o seu nome -, agora ela já está reconhecendo e está conseguindo escrever sem apoio.

ANEXO D – Transcrições das filmagens de atividades em sala

Transcrição da gravação em vídeo de atividade realizada na Escola X1

08/ 2011

A professora senta-se em uma cadeira baixa diante das crianças que estão sentadas no chão à sua frente.)

Professora: Agora é a hora da...?

Crianças: História! [respondem em coro]

Professora: História... A história que a professora vai contar para vocês hoje, o nome da história é: “Reciclando com os coelhinhos”... [repete] “Reciclando com os coelhinhos”. E quem escreveu essa história foi a Ingrid Bellinghausen, é um nome meio difícil... [repete] Ingrid Bellinghausen. Quem aqui já ouviu falar essa palavra: reciclando?

[Crianças levantam a mão]

Professora: o que é reciclando? O que vocês acham... B. fala...

Criança: é para por os lixos... no lixo.

Professora: mas é para colocar o lixo no lixo assim, de qualquer jeito?

Crianças: não...

Professora: como que é, V.?

Criança: precisa pegar, precisa de um saco, ai você pega coisa reciclada e coloca no quadrado.

Professora: e coloca assim o lixo tudo junto?

Crianças: não.

Professora: como...

Criança: cada um tem uma forma, que o lixo, ai o lixo coloca em cada um, do lixo.

Professora: ahhhh... então vocês já... fala...

Criança: ehhh...

Professora: oh, já deu para saber que vocês já ouviram essa palavra, reciclando. Vocês já ouviram essa palavra, né?

Crianças: é... [respondem em coro]

Professora: e vocês sabem mais ou menos como é que é. Então agora com essa historinha a gente vai aprender um monte de coisas. [Inicia a leitura da história] ‘Olá, somos a família Coelhos, coelhos espertos, muito prazer em conhecer você. Agora venha, entre nessa aventura com a gente. ‘Olha aqui a família Coelhos [mostra as ilustrações para as crianças] A família dos coelhos espertos. Vamos ver o que essa família tem para nos ensinar. Ssshhhh... [retoma a leitura] ‘O Planeta Terra é nossa grande casa, com muitas e muitas casinhas. Uma delas é a sua e esta é a nossa casa’ [mostra as ilustrações para as crianças] ‘O planeta Terra é cheio, cheio de casinhas e uma delas é a de vocês’ [aponta para as crianças] ‘É importante cuidar de nossa casinha, se estiver sempre limpinha nenhum bicho vai querer entrar nela, não é? Muitas vezes esquecemos de nossa grande casa, o nosso mundo. Uma tarefa fundamental é protegê-lo da poluição’ [mostra as ilustrações para as crianças]. Olha aqui a dona coelha cuidando da casa dela [aponta a personagem]. A gente deve limpar a nossa casa, não deve?’

Crianças: deve. [respondem em coro]

Professora: E o mundo que é a nossa grande casa, a gente deve limpá-lo?

Crianças: deve.

Professora: deve, não, B.?

Bruna: deve.

Professora: deve... e protegê-lo da poluição. [retoma a leitura] ‘Todo fim do dia, um enorme saco de lixo sai de nossa casa e um caminhão vem buscá-lo. Você sabe para onde ele vai?’ Vocês sabem para onde vai o caminhão do lixo?’

Crianças: para o lixo!

Professora: Ah, vamos ver para onde vai todo esse lixo... olha aqui o caminhão do lixo [mostra as ilustrações].

Criança: para a lixeira...

Criança: vai para o saco.

Professora: vamos ver? [retoma a leitura] 'O caminhão passa pela cidade e chega a um lugar onde há muitos buracos cavados no chão. Sabe como chama esse lugar? É o aterro sanitário. O lixo é jogado dentro de um buraco e apertado por uma máquina: o compactador, para caber mais e pronto!'. Olha só gente, então o caminhão do lixo, ele passa pela nossa casa, recolhe o saco de lixo que a gente deixa lá na porta e aí ele leva para um lugar chamado: aterro sanitário. O aterro sanitário tem um monte de buracos e lá é jogado o lixo, nesses buracos. E aí passa uma máquina que se chama compactador, e amassa bem o lixo. Amassa bem o lixo para poder caber mais e mais. [retoma a leitura] 'Até parece que está tudo bem, não é? mas não está. Todo dia são abertos mais e mais buracos na terra para depositar o lixo. O que vai destruindo nossa paisagem natural. E não para por aí não! Quando chove a água entra nesses buracos e depois escoam toda a sujeira para os rios. Assim, a poluição dos rios aumenta a cada dia, levando muitos peixes à morte e o cheiro horrível que fica no ar'. Então vocês viram, parece que jogando o lixo no buraco fica tudo resolvido, mas não fica não. Porque vem a chuva, aí entra os buracos de água, o lixo sai do buraco e vai parar nos rios. E o que acontece com os rios?

Criança: suja.

Criança: entope.

Professora: suja, entope. E o que mais que acontece?

Criança: peixe morre.

Professora: os peixinhos morrem, todos os animais que vivem na água... porque polui, a sujeira polui...

Criança: aí fica sujo.

Professora: fica sujo e essa sujeira faz bem para o meio ambiente?

Crianças: não!

Professora: faz bem para os animais?

Crianças: não!

Criança: lá no meu prédio que tem ponto de ônibus, estava vendo o rio, estava todo sujo...

Professora: e é certo jogar sujeira no rio?

Crianças: não! [respondem em coro]

Criança: e também não pode jogar alguma coisa no rio, como uma caixa cheia de lixo, aí abre o lixo, aí fica cheio de lixo.

Professora: isso é bom para nosso planeta?

Crianças: não!

Criança: tem que jogar no lixo.

Professora: isso! [retoma a leitura] 'E se queirmos o lixo? Resolve o problema?'

Crianças: não!

Professora: 'poluímos o ar! O ar fica cheio de fumaça' [mostra as ilustrações para as crianças]

Criança: lá perto do meu lixo, queima.

Professora: queimam lixo lá, mas nós vimos aqui na historinha que queimar o lixo não resolve o problema, porque polui o ar.

Criança: oh, Pro, quando eu estava andando na rua, eu vi os moleques colocando fogo no lixo e ficou cheio de fumaça.

Professor: L., eu vou pedir o favorzinho de você sentar do lado da Pro. Vem cá. L., por favor! Senta aqui do lado da Pro. [retoma a leitura] 'Você sabia que nem tudo que jogamos no lixo é lixo?'. Vocês sabiam disso? Que nem tudo que jogamos no lixo é lixo?

Crianças: eu não!

Professora: 'Grande parte do nosso lixo é sucata, ou seja, coisas que podem ser re-ci-cla-das...'

Criança: oh, Pro!

Professora: Espera só um minutinho. 'As garrafas de plástico, por exemplo, voltam para a indústria, que são transformadas novamente em garrafas'. Então, ó, isso que é reciclar. É transformar uma coisa usada em uma coisa nova! A mamãe não joga fora aquela garrafa de refrigerante?

Crianças: joga!

Criança: aí falo para minha mamãe, quando chegar em casa, vou falar para minha mamãe, que tem que reciclar, não pode jogar aqueles negócios de refrigerante.

Professora: Isso! Vocês sabiam que as garrafas de refrigerante, elas voltam para a fábrica e viram garrafas novas. Vocês sabiam?

Criança: dá para fazer um monte de coisas com as garrafas novas.

Professora: dá para fazer um monte de coisas...

Crianças: dá para fazer lição com elas.

Professora: dá para transformar em um monte de coisas, não dá?

Crianças: aí também, bota em uma caixa, aí mostra para todo mundo...

Professora: isso mesmo. Olha só os materiais que podem ser reciclados. [repete] Olha só os materiais que podem ser reciclados. O plástico, o papel, o metal, o vidro e o óleo. Então todos esses materiais, eles podem ser reciclados... [repete] o papel, o plástico, o vidro, o óleo, todos esses materiais podem ser transformados em coisas novas.

Criança: a garrafa.

Criança: a lata.

Criança: a caixa.

Professora: tudo que é de papel, caixa de papel, de papelão. Só que para reciclar, a gente pode jogar o lixo todo junto, todo misturado?

Crianças: não!

Professora: não! A gente tem que separar os materiais, tá? Então o papel, o papel aonde tem só papel, o plástico, aonde tem só plástico, o metal, aonde tem só metal, o vidro, aonde só tem vidro, então o lixo tem que ser todo separadinho. [retoma a leitura] ‘Vamos começar a reciclagem em casa e na escola, com a coleta seletiva. Separando os quatro tipos de materiais, e o óleo do lixo orgânico. Em casa colocaremos cada tipo de material em uma sacola ou caixa, que depois irão para locais de coleta determinados na cidade, poderemos colocar o óleo em uma garrafa plástica. Na escola podemos jogá-los no container de reciclagem correspondente ao material’. Pessoal, quem aqui já viu aqueles lixinhos todos coloridos?

Criança: eu!

Professora: quem já viu?

Crianças: eu!

Professora: quem já viu? Quem já viu?

Crianças: eu! [levantam as mãos]

Professora: vocês já viram nas ruas, nos parques, aquele lixinho todo colorido?

Criança: eu vi no Playcenter!

Professora: no Playcenter? Aonde você viu, C.?

[C. não responde]

Professora: você não lembra? E para que serve aquele lixinho todo colorido? Vermelho, amarelo...

Criança: para pôr o lixo.

Professora: para pôr o lixo separado, não é?

[B. fala, mas não se escuta]

Professora: ahhhh... Oh! o B. está falando!

[B. fala, mas não se entende o que diz]

Professora: fala mais alto que não dá para ouvir.

[B. fala, mas não se entende o que diz]

Professora: [retoma a leitura] ‘outra forma de diminuir nosso lixo é economizar energia e reutilizá-lo inventando novos objetos. Legal! Vou levar algumas latinhas para fazer um novo brinquedo, um jogo de boliche!’. Olha que legal! [mostra as ilustrações para as crianças] O coelhinho vai aproveitar as latinhas ao invés de pegar as latinhas e jogar no lixo, olha que ideia legal que o coelhinho teve: ele vai transformar as latinhas em um jogo de boliche. Ele vai pegar as latinhas e fazer um jogo para ele brincar, isso é reciclar. Está vendo, ele aproveitou uma coisa que ia ser jogada no lixo para fazer um brinquedo [mostra as ilustrações para as crianças].

Criança: oh, Pro, ela tá falando um monte de coisas...

Professora: está sim! [retoma a leitura] `A saúde de nosso planeta, depende da atitude de cada um de nós. E é isso aí, fique esperto você também!´. E aí, vocês gostaram da historinha?

[professora inicia a discussão após a leitura com o livro em mãos, com a capa voltada para as crianças]

Crianças: gostaram!

Professora: gostaram... qual é mesmo o nome dessa história?

Criança: reciclar com o coelho.

Professora: reciclando com os coelhinhos. E o que os coelhinhos ensinam para a gente nessa história?

Criança: jogar lixo no lixo.

Professora: pode jogar em qualquer lugar?

Crianças: não!

Professora: e mais o que os coelhinhos ensinaram nessa história?

Crianças: fazer boliche.

Professora: fazer boliche com o quê?

Criança: com a latinha.

Professora: com a latinha... tudo que a gente joga no lixo, é lixo de verdade?

Crianças: não!

Professora: não dá para aproveitar um monte de coisa? Igual o coelhinho fez com as latinhas?

[burburinho das crianças]

Professora: A B. quer falar... Shhhh! Pessoal, prestem atenção na B.! B., o que a B. quer falar?

B.: a coelha limpou a casa.

Professora: a coelha limpou a casa! E a nossa grande casa, qual é a nossa grande casa?

Crianças: o planeta!

Professora: Ah?

Crianças: o mundo...

Professora: o mundo! O planeta! E a gente...

Criança: Pro...

Professora: ah... shhhh.... [pede silêncio aos que conversam]

[criança fala, mas não se escuta].

Professora: não estou ouvindo... fala mais alto...

[burburinho entre as crianças, não se escuta o que dizem].

Professora: e vocês lembram quais os materiais que podem ser reciclados? Que os coelhinhos falaram?

Criança: vidro.

Professora: vidro...

Criança: papelão.

Professora: papel!

Criança: óleo.

Professora: óleo!

Crianças: garrafa.

Professora: garrafa!

Criança: lata.

Professora: lata! Mais o quê? Ah?

Criança: lata.

Professora: lata! Isso mesmo! Olha, agora nos vamos fazer o seguinte: agora nos vamos sentar que a gente vai fazer um trabalhinho desta história. Está jóia?

[crianças saem da roda da história e sentam-se nas mesas. A professora entrega folha sulfite de cor verde para as crianças].

Descrição da sala:

Em cima da lousa há o abecedário pintado na parede com letras maiúsculas. As letras são pés de uma centopéia e têm cores diferentes. A cada quatro letras muda a cor, então: I, J, K, L [vermelho]; M, N, O, P [verde]; Q, R, S, T [amarelo] e assim por diante.

Há vários cartazes nas paredes:

Cartaz com nome das crianças: estão divididos entre meninos [lista na coluna à esquerda] e meninas [lista na coluna à direita]. A escrita está em letra maiúscula.

Calendário: calendário comercial mensal.

Cartaz de animais domésticos e selvagens: a palavra superior é ANIMAIS [em maiúsculas]. Abaixo diz: DOMÉSTICOS [maiúsculas]. Há colagens de animais domésticos. Mais abaixo diz SELVAGENS [em maiúsculas] e colagens de animais selvagens.

[A professora bate palmas para chamar a atenção das crianças. Crianças acompanham com as palmas. Ela está em frente à lousa e as crianças estão sentadas nas mesas, cada mesa com quatro crianças].

Professora: olha, vocês vão... shhh! A professora está falando...

[crianças silenciam]

Professora: qual é mesmo o nome da história?

Criança: coelho de palha.

Professora: Reciclando...

Crianças: coelhos!

Professora: com os coelhinhos.

[professora escreve o título da história na lousa, em letra maiúscula: RECICLANDO COM OS COELHINHOS].

Professora: primeira coisa que a gente vai fazer, olha para cá... [professora pega uma folha sulfite verde, como a das crianças, em mãos]. Aqui em cima da folha nós vamos escrever o nome da história: Reciclando com os coelhinhos [sinaliza na folha onde devem escrever]. [retoma] Reciclando com os coelhinhos [desta vez aponta a escrita na lousa – e lê o título acompanhando com o dedo]. Podem começar! Lá em cima na folha!

[professora circula entre as crianças]

Professora: Lá em cima na folha, que tem que deixar o espaço, que nós vamos fazer outra coisa... pode começar V.

[crianças copiam da lousa o título da história na folha sulfite].

Professora: todo mundo escrevendo o nome da história! Lá em cima na folha...

[crianças continuam escrevendo o título da história – ora consultam a lousa, ora consultam a produção do colega].

Criança: Pro, eu errei...

Criança: Pro, eu borrei...

Professora: Espera, que eu vou pegar a borracha.

[crianças escrevem com lápis preto. Há borracha disponível dentre os materiais – crianças fazem bastante uso dela em suas produções].

[Destaque para menino que percebe que errou -- sua escrita: RECICLANDOCMOS – não há separação entre as palavras].

Criança: Pro! Terminei!

Professora: Isso! Muito bem!

[Enquanto as crianças finalizam a cópia do título, a professora faz um desenho na lousa, abaixo do título da história: três nuvens (azuis) no nível superior e um sol (amarelo) alinhado com as nuvens, do lado esquerdo. No nível inferior há grama. Ela desenha dois coelhos brancos, de pé na grama, no canto esquerdo. Ao lado deles uma caçamba (amarela) que é puxada por um caminhão (azul). Em ambos está escrito LIXO – em letra maiúscula].

[Algumas crianças finalizam a escrita do título da história na folha sulfite – fazem muito uso da borracha].

Professora: ... não faz mal, continua daqui a pouquinho. Presta atenção! Presta atenção! Ó! Quem já acabou de escrever o nome da história, vai desenhar o que mais gostou da história! Eu desenhei o que eu mais gostei da história. Tem que fazer o desenho igual ao da professora?

Crianças: não! [Respondem em coro]

Professora: eu desenhei o que eu mais gostei. Vocês vão desenhar o que vocês mais gostaram. Oh! Eu desenhei aqui dois coelhinhos [se aproxima dos coelhinhos], que eles fazem parte da família dos coelhos, né? O que a mamãe coelho estava fazendo na história mesmo?

Crianças: limpando!

Professora: por que ela estava limpando a casa?

Crianças: porque a casa estava suja!

Professora: ah?

Crianças: pra não entrar mosquito!

Professora: para não entrar nenhum bicho. Todo mundo tem uma pequena casa?

Crianças: tem!!!

Professora: e a grande casa? Como que se chama?

Criança: moradia!

Professora: casa é moradia, mas a grande casa...

Criança: é apartamento!

Professora: a grande casa que a gente tem que cuidar...

Criança: apartamento!

Professora: na história, como que ele chama a grande casa mesmo?

Crianças: mundo!

Professora: ah?

Crianças: mundo!

Professora: mundo! E eles usam outro nome, qual que é?

Criança: Planeta Terra.

Professora: Planeta Terra! E como a gente cuida do Planeta Terra?

Criança: limpando!

Professora: limpando. E como que a gente faz essa limpeza?

Criança: Pro, pode desenhar?

Professora: espera um pouquinho...

Criança: varrendo.

Professora: só varrendo?

Crianças: não!

Professora: como que a gente faz?

[criança fala, mas não se entende].

Professora: jogando o lixo no... [aponta para a caçamba desenhada na lousa]

Crianças: lixo! [crianças complementam sua frase]

Professora: por isso que a Pro desenhou aqui o lixo. E quem que recolhe o lixo [aponta para o caminhão desenhado na lousa]

Crianças: o lixeiro!

Professora: e onde eles levam o lixo?

Criança: no buraco!

Professora: onde tem bastante buraco que se chama aterro sanitário! E o que eles fazem com o lixo? [silêncio]

Professora: hein? Vocês lembram o que eles fazem com o lixo naqueles buracos? O que, B.?

B.: eles amassam.

Professora: eles amassam o lixo, né? E quando chove muito, o que acontece?

B.: vai para a água.

Professora: vai tudo para a água, para o mar... e o que acontece com os bichinhos do mar?

Crianças: morre!

Professora: morre, né? Por isso que a gente tem que por o lixo no...

Crianças [em coro]: liiiiixo!

Professora: e dá para fazer coisa legal com o lixo que a gente joga fora?

Crianças: dá!

Professora: dá para aproveitar alguma coisa?

Crianças: dá!

Professora: o que o coelhinho fez?

[crianças balbuciam comentários]

Professora: o que ele fez com as latinhas mesmo?

B.: ele fez um jogo de boliche.

Professora: fez um jogo de boliche. Oh! Vocês vão desenhar a parte que vocês acharam mais legal da história, está bom? Pode usar o lápis de escrever, o lápis de cor, o canetão, tá?

[Crianças fazem seu desenho na folha sulfite. A maioria usa caneta hidrográfica grande. Os desenhos se parecem ao realizado pela professora na lousa: tanto no que diz respeito aos elementos desenhados (nuvens, sol, coelhos, grama e caminhão), quanto em relação ao posicionamento dos elementos - sol ao lado esquerdo, três nuvens, dois coelhos, e também a cor dos elementos - as nuvens de azul, o sol de amarelo].

ANEXO D - FILMAGENS

Transcrição da gravação em vídeo de atividade de sala na Escola X2

Maio de 2011

Professora diz para a entrevistadora: Esse mês, no nosso programa, são as lendas do folclore, então a gente está trabalhando o folclore, então, a gente está trabalhando as lendas, parlendas, as cantigas. Então eu vou contar [aponta para o livro que está em suas mãos]. Essa semana eu coloquei, nós colocamos, porque é um grupo né, de JEIF, então no nosso projeto dessa semana, a gente começou o Curupira e o Boitatá. [Professora aponta para um cartaz afixado na parede que mostra elementos do folclore com desenhos grandes e a respectiva escrita ao lado. Há um outro cartaz contendo a lista de nomes das crianças da turma escritos em letra maiúscula e com foto de cada criança ao lado de seu nome]. Hoje eu coloquei o Curupira e depois eles vão ter que copiar o título e desenhar a história, coisa bem básica que a gente sempre faz. Às vezes não é isso, tá? Depois você pode até ver os cadernos...

Livro: FOLCLORE DIVERTIDO, O Curupira – Editora WKids

P: Vamos começar. Hoje é o Curupira. Quem sabe dessa história?

Criança: Ele cuida do mato.

Professora: É? Do mato? Bom, vamos todo mundo sentar.

[crianças saem das mesas e sentam-se diante da professora, que está em uma cadeira].

Professora para a entrevistadora: eu não sento no chão viu [risos]. Depois eu não levanto!

Professora: alguém já ouviu essa história?

Crianças: não!

Outras: eu sim! Eu sim!

Professora: Então vamos lá! Esse é o curupira [mostra a capa do livro para as crianças].

Criança: ele só usa folha!

Criança: ele cuida do mar!

Professora: então vamos saber a história dele... todo mundo sentadinho de perninha cruzada, para o amiguinho poder ver lá trás. Se não você fica na frente do amigo, o amigo não vê a história.

[Inicia a leitura da história]: O Curupira é um indiozinho de cabelos vermelhos e pés virados para trás [mostra as ilustrações da página com o livro em suas mãos].

Criança: é para enganar os caçadores.

Professora: Ah é?

[crianças balbuciam comentários]

Professora: Vamos lá [continua a leitura]. O Curupira entende os que caçam por necessidade, mas espanta com fortes assopros os caçadores impiedosos que querem destruir os animais. Suas pegadas enganam a quem o persegue. Se o Curupira corre para lá, as pegadas fogem para cá. Se corre para cá, elas fogem para lá.

Criança: eu nunca vi pegada que vai para lá ou para lá [gesticula com as mãos].

Crianças: nem eu!

Professora: mas alguém já viu o Curupira?

Criança: eu já!

Criança: eu não!

Criança: eu já! No zoológico!

Professora: então vamos lá, continuar.

Professora [continuando a leitura]: Quando um temporal se aproxima, ele bate nos troncos para ver se estão firmes em suas raízes e se vão suportar os ventos fortes. O Curupira expulsa os lenhadores gananciosos que querem destruir a floresta [breve pausa] por dinheiro. Também é o protetor da floresta e de seus amigos animais [termina o livro]. E aí? O que vocês acharam da história?

Crianças: bonita.

Crianças: legal!

Professora: Qual a parte que vocês mais gostaram?

[crianças falam juntas]

Professora: um de cada vez! Fala Rodrigo.

Rodrigo: eu gostei que ele deu um susto!
Professora: e por que ele deu um susto?
Rodrigo: porque ele queria destruir a mata!
Professora: quem queria destruir a mata?
Criança: o caçador, para pegar comida, para os animais.
Criança: não! Para matar os animais...
Professora: e porque o caçador mata os animais?
Criança: É para ele beber!
Criança: É para ele comer!
Criança: Não! É para ele ganhar dinheiro!
Professora: e o que vocês acham de uma pessoa ir à mata e matar os animais?
Criança: que o papai do céu não gosta que mate animais!
Criança: porque é de Deus.
Professora: mas aí vocês não comem, por exemplo, o boi?
Crianças: eu não!!!!!! [gesticulam que não].
Criança: que medo!
Professora: não comem galinha?
Crianças: nãããão!
Professora: ninguém come carne de frango?
Crianças: eu como! [levantam a mão sinalizando que elas comem].
Professora: e carne de vaca? Ninguém come bife aqui?
Crianças: eu como! [levantam a mão sinalizando que elas comem].
Professora: então, para comer tem que matar. Não tem?
Crianças: teeeeem! [respondem assertivamente].
Professora: E aí?
Criança: eu como frango!
Professora: você come frango...
Criança: eu como bife!
Professora: você come bife do que? Tem carne de porco também!
Crianças: credoooo!!!
Professora: então! Pera aí! Eu não estou entendendo uma coisa! Oh Raquel! Eu não estou entendendo uma coisa! O Curupira, ele defende...
Crianças: os animais...
Professora: Os animais. Mas e os caçadores que vão lá matar? Eles vão matar para comer, ou eles vão para matar... [não complementa a frase].
Criança: Se ele vai matar o Curupira vai lá e mata ele, né?
Professora: Mas é legal outra pessoa matar a outra pessoa?
Crianças: Nãããão! [respondem em coro].
Criança: o Curupira só assobia muito alto!
Professora: Então, então, mas então o Curupira não mata ninguém! Ele assobia bem alto! Para que? [pequena pausa]. Para o caçador se assustar, e ir embora.
Criança: para ele ir embora!
Criança: para ele ir longe.
Criança: nem o do bem, nem o do mal.
Professora: o que?
Criança: nem o do bem, nem o do mal, ele tem que defender.
Professora: então ele defende os animais dos caçadores que querem para ganhar dinheiro, não para se alimentar porque tem fome, não é isso?
Crianças: ééééé!
Professora: e ele também defende as florestas do que?
[crianças balbuciam respostas que não se entendem]

Professora: Qual outra parte que vocês gostaram da história?
Criança: eu gostei da primeira!
Criança: eu gostei da última!
Criança: eu gostei do assobio.
Criança: eu gostei da parte das árvores!
Professora: por que vocês gostaram? O que tinha nessa parte das árvores?
Criança: porque ela estava forte!
Professora: E se estivesse fraca?
Criança: eu gostei da parte dos animais.
Criança: eu gostei da parte da árvore.
Professora: vocês entenderam aquela parte, onde o Curupira com o pé para trás, quando ele vai para um lado, parece que ele está indo para o outro? Por que acontece isso?
Criança: por que o chão é...
Professora: o chão?!
Crianças: porque o vento leva ele para trás!
Professora: Então...
Criança: porque ele tem o pé para trás...
Professora: olha só [folheia o livro e mostra ilustração com o Curupira]. Então, se ele tem o pé para trás... porque o pé dele... é uma lenda, porqueeeee, ele é assim, é ummmmm...
Crianças: eu gostei dessa parte! [crianças apontam ilustrações no livro]
Professora: e existe Curupira?
Crianças: não! não!
Professora: é uma lenda brasileira, do nosso país, que é contado... é como Branca de Neve... Existe Branca de Neve?
Crianças: não! não!
Professora: a Bruxa e tudo mais?
Crianças: não! não!
Professora: é aquilo que eu já tinha explicado para vocês, é uma lenda. Ele nasceu com os pezinhos para trás. E ele ficou lá, cuidando dos animais e da floresta.
Crianças: porque ele tem que defender.
Professora: tem alguém que sabe escrever Curupira?
Crianças: não! não!
Professora: ninguém? Lá na lousa? Você [aponta para uma criança] não sabe escrever Curupira?
Criança: não...
Professora: hoje você não sabe né [e olha para a câmera].
Criança: eu sei escrever.
Professora: então vai lá escrever. Tem um giz lá.
[três crianças vão até a lousa com o giz em mãos]
Professora: Cada um pega uma parte e vamos escrever Curupira.
[crianças começam a escrever aglutinadas em um mesmo espaço da lousa]
Professora: não juntinho assim, um vai de um lado, senão não dá para escrever. Um vai escrever em cima do outro?
[crianças se afastam]
Criança: ninguém sabe escrever Curupira.
Criança: eu sei.
Professora: como você sabe que ninguém sabe?
Criança: eu não sei.
Professora: ah, hoje você não sabe, né? Você é sempre o primeiro que sempre sabe...
Criança: o D. sabe...
[crianças na lousa]
Criança 1 – D.: escreve da esquerda para a direita:

AEILEY

Professora: Lê para mim... vai mostrando com o dedinho...

[D. aponta cada uma das letras na sequência que as escreveu – não fala nada]

R.: escreve da direita para a esquerda:

RPRIOE

Professora: e você...

Criança: co-ru-pi-ra [responde marcando as sílabas, mas sem olhar para sua escrita. Responde olhando para a professora e assinalando sem precisão as letras].

Professora: Ah tá! Quem mais quer escrever?

Professora para a câmera: não sabem assim... mas tem quem sabe e não quis ir. Mas tem quem sabe escrever e não quis ir...

Professora chama as crianças uma a uma, distribui os cadernos de desenhos e pede para que sentem para desenhar. Em seguida vai à lousa e diz para toda a classe:

Professora: Curupira é o título da história. Vai em cima do caderno [a professora escreve em letra maiúscula na lousa. Escreve a primeira sílaba CU, e diz cu. Escreve RU, e diz ru. Escreve PI, e diz pi. Escreve RA, ra. A escrita termina da seguinte forma: CURUPIRA].

Professora: quantas letras têm a palavra curupira?

Crianças: um, dois, três, quatro, cinco, seis...

Algumas crianças: oito! Oito!

Algumas crianças: seis!

Professora: quem acha que tem oito levanta a mão!

[Crianças levantam a mão]

Professora: quem acha que tem seis?

[Crianças levantam a mão]

Professora: Então vamos ver? Vamos contar?

[professora assinala cada letra com uma marquinha e as crianças acompanham com a contagem. Algumas crianças continuam contando, mesmo quando as letras a serem contadas já acabaram].

Professora: quantas letrinhas há.... têm?

Crianças: oito!

Professora: letrinha A, qual que é a letrinha A?

Crianças: uma!

Professora: Então, tem uma [aponta a letra A]. Quantas letrinhas I têm?

Algumas crianças: dois!

Algumas crianças: um!

Professora: dois ou um?

Crianças: um!

Professora: um aqui, letrinha I [aponta a letra I na lousa]. Quantas letrinhas U?

Algumas crianças: dois!

Algumas crianças: um!

Professora: duas letrinhas U [aponta a letra U na lousa]. Quem é essa aqui? [assinala a letra C]

Crianças: C!

Criança: C de casa!

Professora: E essa letrinha aqui? [assinala o R]

Crianças: R!

Crianças: R de R.!

Professora: cadê o R.?

Criança: e de Rato!

Professora: R de rato.

Professora: E essa letrinha aqui? [assinala o P]

Crianças: P!

Criança: de pato!

Professora: E essa aqui? [assinala o R]

Crianças: R!

Professora: já tinha outro aqui [assinala o R anterior]

[crianças copiam CURUPIRA na página do caderno e ilustram a história com canetas coloridas].

Criança: eu vou fazer o curupira!

Criança: eu também!

Professora mostra o caderno de uma criança para a pesquisadora.

Na capa há o desenho da criança e seu nome escrito em letra maiúscula numa etiqueta do lado direito superior. Na primeira página há um desenho mimeografado de uma espécie de abelha de chapéu e a escrita pelo adulto em letra maiúscula: MEU CADERNO DE LIÇÃO. A figura foi pintada pela criança.

Atividade 1: AUTORETRATO

Desenho mimeografado de rosto, pescoço e tórax. A criança complementou o desenho com cabelo, olhos, nariz, boca e orelhas e pintou toda figura. Abaixo do desenho há frases lacunadas para a criança complementar por meio de cópia:

MEU NOME É S.

EU TENHO 5 ANOS

EU NASCI NO DIA 10 DE JULHO DE 2005

Atividade 2: MEU NOME...

COLE AQUELAS LETRINHAS QUE FORMAM SEU NOME...

Há um quadrado onde as letras de macarrão devem ser coladas. Acima do quadrado há a escrita da professora em letra maiúscula do nome da criança, no caso SAMUEL. A criança colou as letrinhas em outra ordem, que não a convencional.

Atividade 3: QUANTOS PERSONAGENS TÊM EM CADA QUADRO? VAMOS PINTAR OS QUADRINHOS E COLOCAR O NUMERAL NO CÍRCULO?

Abaixo há quatro quadrinhos com alguns personagens da Turma da Mônica, abaixo uma barra horizontal dividida em 5 unidades e uma marcação onde a criança deve escrever o numeral. No primeiro quadro há três personagens, no segundo um, no terceiro 4 e no quarto 2. Todos os personagens foram pintados pela criança. O quadro 1 e 2 está com o numeral escrito pela criança. No quadro 3 e 4 os números escritos pela criança não são legíveis.

Atividade 4: NO BAILE DE CARNAVAL, O CEBOLINHA JOGOU SEUS CONFETES PARA CIMA PARA ANIMAR A FESTA. ENCONTRE OS CONFETE QUE TÊM AS LETRAS DO SEU NOME [há um erro de concordância na consigna].

À direita há a figura do Cebolinha e várias letras dispersas na página. A criança pintou o Cebolinha e todas as letras, não apenas as de seu nome.

Atividade 5: HISTÓRIA: O HOMEM DA CHUVA

Criança fez um desenho livre da história.

Atividade 6: QUANTOS ANOS VOCÊ TÊM? DESENHE NO BOLO A QUANTIDADE DE VELAS QUE CORRESPONDE À SUA IDADE E CIRCULE O NUMERAL.

Abaixo há o desenho de um bolo sendo carregado por personagens da Turma da Mônica. A criança desenhou quatro velas amarelas e uma rosa, pintou a figura e circulou o número 5 entre os números de 1 a 9.

Atividade 7: EU SOU ASSIM

Há uma foto da criança.

Escrever o seu nome. Há o nome da crianças S. escrito com a letra L invertida.

Atividade 8: HISTÓRIA: CIGARRA E A FORMIGA

A criança fez um desenho livre da história.

Atividade 9: EU SOU ASSIM...

Há um desenho de figura humana feito pela criança.

Atividade 10: EU TENHO ____ ANOS.

A lacuna foi preenchida com papel colorido colado formando o número 5.

Atividade 11: MENINO

Há o desenho de um menino de sunga.

Atividade 12: MEU NOME É: (SEM MODELO)

A atividade não foi realizada pela criança. A página está em branco.

Atividade 13: INDIO

Há a escrita da palavra INDIO e uma dobradura colada abaixo.

Na página seguinte há outra dobradura. A criança fez alguns desenhos em volta dela.

Atividade 14: MEU PEZINHO DIREITO

Abaixo há o contorno do pé direito feito pela criança.

Atividade 15: DESENHE A QUANTIDADE DE BOLINHAS QUE SE PEDE EM CADA CONJUNTO:

Há dois quadros, no primeiro há o numeral 1 e no segundo o numeral 2. A criança fez duas bolas no quadro um e depois corrigiu fazendo apenas uma e pintando-a de rosa. No quadro dois a criança fez duas bolas e as pintou de marrom.

Abaixo:

AGORA REGISTRE A QUANTIDADE DE BOLINHAS ENCONTRADAS NOS CONJUNTOS:

Há dois quadros, no primeiro há duas bolinhas desenhadas e no segundo há uma bolinha desenhada. A criança escreveu os numerais 2 e 1 no local indicado.

Atividade 16: A proposta é de escrita de numerais, como em cadernos de caligrafia: cópia do número 1, várias vezes, até o final da página. Há duas páginas para a escrita do número 1 [a criança escreveu o número 1 espelhado nas duas páginas]. E duas páginas para a escrita do número 2 [a criança escreveu o número 2 espelhado nas duas páginas].

Atividade 17: AQUARELA CORES PRIMÁRIAS

Há uma palheta de papel craft e bolinhas coloridas [branco, amarelo, vermelho e preto].

Atividade 18: PINTE IGUAL AO MODELO

Há uma figura mimeografada de alguns pintinhos e um sol coloridos. Ao lado há a mesma imagem em tamanho maior, em branco e preto. Essa atividade ainda não foi realizada pela criança.

Atividade 19: ERA UMA VEZ TRÊS PORQUINHOS ALEGRES E FELIZES.

LIGUE CADA PORQUINHO À SUA SOMBRA

Abaixo há a figura de três porquinhos com diferentes vestimentas que foram pintados pela criança e abaixo deles suas respectivas sombras. A criança ligou corretamente os personagens.

Atividade 20: HISTÓRIA: OS TRÊS PORQUINHOS

Abaixo há o desenho livre da história feito pela criança.

Atividade 21: HISTÓRIA: O COELHINHO QUE NÃO ERA DE PÁSCOA

Abaixo há o desenho livre da história feito pela criança.

Atividade 22: TIPO DE MORADIA: CASA

Abaixo há o desenho de uma casa feita pela criança.

ANEXO D - FILMAGENS

Transcrição da gravação em vídeo de atividade de sala na Escola Z1

Maio de 2011

Descrição das atividades

ATIVIDADE 1

O cartaz está afixado na lousa e diz:

SUCO GELADO
CABELO ARREPIADO
QUAL É A LETRA
DO SEU NAMORADO?
A B C D E F G
H I J K L M N
O P Q R S T U
V W X Y Z

Dois meninos recitam o que diz no cartaz:

“(...) QUAL É A LETRA
DO SEU NAMORADO?
A B C D F E H I J K L M M O P Q S T U D W X Y Z”

Duas meninas recitam em seguida:

“SUCO GELADO
CABELO ARREPIADO
QUAL É A LETRA
DO SEU NAMORADO?”

Uma menina distribui as pastas com a atividade. Sem falar ou pedir ajuda, ela lê a etiqueta da pasta e entrega para a respectiva criança. As crianças aguardam a entrega da pasta e estão agrupadas nas mesas, em grupos de aproximadamente 4 crianças. Nas pastas entregues, vê-se as etiquetas com os nomes das crianças em tamanho grande e letras maiúsculas.

A professora está ao lado do cartaz afixado na lousa e as crianças estão agrupadas nas mesas:

PROFESSORA DA TURMA	CRIANÇAS
- Todo mundo está com a pastinha?	- Sim!! – respondem todos
- Nós vamos ler a parlenda agora, está bom?	- Tá! – respondem algumas crianças. [crianças já posicionam o dedo na primeira letra da parlenda e olham atentamente esperando quando a professora irá iniciar a leitura]

<p>- Vou contar até três, tá? Vamos lá? Acompanhando aqui... 1,2,3...</p>	<p>- 1, 2, 3... - as crianças acompanham a contagem.</p>
<p>- Suco gelado, cabelo arrepiado, qual é a letra, do seu namorado [a professora lê passando o dedo pela escrita do cartaz – sinaliza corretamente a parte da escrita que corresponde ao que é recitado].</p>	<p>- Suco gelado, cabelo arrepiado, qual é a letra, do seu namorado [crianças recitam junto com a professora. Enquanto recitam, escorregam seus dedos pela escrita da parlenda na atividade, adequando o ritmo de seu dedo à oralização da parlenda – nem sempre conseguem fazer o ajuste entre a escrita que sinalizam e o que é recitado. Uma criança adequa o ritmo para chegar ao fim da escrita da parlenda quando terminar a recitação].</p>
<p>[professora interrompe] - Vamos de novo? Mais uma vez?</p>	<p>- Sim! – respondem as crianças [que novamente posicionam seus dedos na primeira letra da parlenda, atentas ao início da recitação].</p>
<p>[crianças começam a recitar e a professora interrompe-os] - Então ó, calma, no 3, está bom? 1, 2, 3, devagar... Suco gelado, cabelo arrepiado, qual é a letra, do seu namorado [a professora lê novamente passando o dedo pela escrita do cartaz – sinaliza corretamente a parte da escrita que corresponde ao que é recitado].</p>	<p>- Suco gelado, cabelo arrepiado, qual é a letra, do seu namorado [novamente as crianças acompanham a leitura, cada uma tentando acompanhar com o dedo no texto escrito – nem sempre há correspondência entre a escrita que sinalizam e o que é recitado].</p>
<p>[na parte que iniciam as letras, professora para de recitar]</p>	<p>[crianças recitam as letras conforme sabem – em alguns momentos o que recitam não corresponde com a sequência convencional - e o coro que é criado interfere na recitação das crianças. Por exemplo, uma criança aponta corretamente a letra A conforme a recita. A partir do B, a cada letra recitada, escorrega o dedo pela linha avançando várias letras escritas. A cada nova letra recitada, escorrega o dedo avançando várias outras letras escritas. Quando é recitada a letra M, seu dedo já está na Z. Durante a recitação de M N O P Q, ele mantém seu dedo no Z. Percebendo que já terminaram as letras da sequência, retira sua mão do Z, procura onde iniciou e parte novamente do A e mantém o mesmo comportamento: a cada letra recitada, avança várias letras no papel. O acompanhamento que faz com o dedo é sempre da esquerda para a direita. Apressa-se para estar com o dedo no Z quando acabar a recitação. Outra criança, a cada recitação de uma letra, passa para a letra escrita seguinte. Até a letra M há correspondência entre a letra recitada e a letra escrita apontada pela criança. Na passagem do N para o O, se atrasa uma recitação. Então</p>

	aponta o O quando estão recitando o P. Vê-se que ela termina a recitação com o dedo na letra Z. O acompanhamento que faz com o dedo é sempre da esquerda para a direita. Outra criança, ainda, mantém o dedo na letra Z durante a recitação, não acompanhando com o dedo no texto escrito].
Todo mundo chegou ao final?	[As crianças observadas acima estão com seus dedos na letra Z]. Sim!!!! – respondem as crianças
Então está bom!	

ATIVIDADE 2

A professora explica a atividade que será entregue as crianças, mostrando-a em sua mão:

<p>SUCO _____</p> <p>CABELO ARREPIADO _____</p> <p>QUAL É A LETRA _____</p> <p>DO SEU _____ ?</p>	<p>GAMADO</p> <p>GELADO</p> <p>NAMORADO</p> <p>NATURALIZADO</p> <p>NAMORADA</p>
---	---

- “Então, aqui é uma atividade de texto lacunado da parlenda que r_____ e eu vou fazer a atividade e eu separei os nomes por agrupamentos produtivos, de acordo com o nível conceitual [ela sinaliza na atividade que está em sua mão o nome das crianças que formam um grupo: I., S. e R.]. Então, a I. é uma criança que está indo construindo a hipótese silábica da escrita, a S. também e o R. é pré-silábico. Então, eles vão ter que escrever as palavras que faltam para completar a parlenda, né?, então no primeiro versinho aqui, gelado, eles vão ter que localizar e no último, namorado. Tem banco de palavras, tem uma dificuldade aí, né?, as mesmas iniciais, as mesmas finais, tem alguns que tem que ver mesmo o meio da palavra, para poder identificar qual é. Uma criança é a responsável para fazer a escrita, depois que eles conseguirem chegar em um acordo.

A professora circula pela classe e as crianças realizam a atividade em suas mesas, conforme agrupamento previamente organizado pela professora [grupos de 3 e 4 crianças]:

PROFESSORA	CRIANÇAS
-Vamos começar a fazer a leitura, vamos tentar descobrir a palavrinha para poder colocar [a professora retira o cartaz com a parlenda afixado da lousa].	[se organizam para começar a atividade].
- Comecem a ler e tentem descobrir onde está. Está bom? Vamos lá?	[se organizam para começar a atividade].
GRUPO 1 - Professora auxilia em pequeno grupo. - O que está escrito aqui?	GRUPO 1 - Suco [responde uma criança].
- E depois de suco vem o que? Suco...	- Gelado [responde a mesma criança].

- Onde que está escrito gelado aqui? Cadê a palavrinha gelado? [diz e aponta o banco de palavras].	- Gelado [a mesma criança responde apontando a palavra correta do banco de palavras].
- Esse aqui?	- É sim! [mantém a sua escolha].
- É esse gelado? [professora sinaliza a primeira palavra da lista do banco de palavras, onde não diz gelado].	- Aham, esse aí é gelado [criança corrige onde está a mão da professora, colocando-a onde está escrito GELADO].
- Esse aqui que é gelado?	- Éééé, geladooo!
GRUPO 2	GRUPO 2 [três meninas realizam a atividade] - O De e o O – diz uma delas. - O De e o O – repete mais uma vez. - O De e o O – diz a outra enquanto escreve. - M. L. – diz a terceira menina – olha o meu nome aqui [e aponta onde diz]. Aqui meu nome. [escrevem: GELADO – acompanhando como está escrito no banco de palavras].
[professora faz uma pergunta para o trio – não se escuta qual é].	Criança 1: - Naaaa.... o A! [responde olhando para a professora]. Criança 2: - Namorado!! [diz retirando a mão da colega do papel]. Criança 3: - Namorado é aqui [responde apontando onde diz NAMORADA]. - Está bom! [respondem as outras dizendo namorado e deslizando seus dedos pela palavra escrita NAMORADA] [a criança escriba escreve o que a outra criança sinalizou a partir da informação disponível no banco de palavras. A escriba escreve na lacuna correspondente a palavra NAMORADA de trás para frente]. - Agora é o O... E depois do O vêm o M, com duas perninhas... Faz aqui... depois do M é o A... e o M, o outro negócio desse só com uma perna. Pronto! Pronto, mostra para a Prô lá, mostra para a Prô! [as duas se levantam para mostrar para a professora que está atendendo outras crianças].
[professora faz intervenções que não se escutam]	- Dessa de baixo? Na de baixo? É namorada a de baixo! É namorada! [crianças sentam novamente e apagam o último A da palavra] - Começa com que letra? – pergunta a criança 1. - O? [Criança 2 escreve o O]. - Vamos mostrar para a Prô! – diz a criança 3 enquanto pega a atividade e se dirige à professora.
GRUPO 3	GRUPO 3

	- Essa daqui né Prô?
- Fala, não entendi a que você falou...	- Essa aqui, ó... [diz apontando a palavra onde está escrito NAMORADO]
- Então lê para a gente ver se deu certo, namorado.	[Criança já ia começar a escrever]
- Primeiro vamos ler!	

ATIVIDADE 3

A professora apresenta a proposta para a turma: “Então, com as pranchetas, nós vamos fazer uma pesquisa com as professoras das outras turmas, para a gente saber qual é a parlenda que elas mais gostam. Cada um vai escrever com a sua prancheta, na sua folhinha. Certo?

[crianças dirigem-se para as entrevistadas, estão com as pranchetas em mão]

- “A gente está indo fazer pesquisas. A parlenda que a pessoa mais gosta.”

A professora da turma explica: “A gente quer ampliar o repertório da sala e a gente quer ver as que elas conhecem, para a gente poder acrescentar no nosso trabalho com os textos memorizados.”

As crianças se dirigem às outras salas, acompanhadas da professora:

PROFESSORAS	CRIANÇAS
ENTREVISTADA 1	ENTREVISTADA 1 Qual parlenda que vocês mais gostam?
[Professora entrevistada 1] - Ah, qual parlenda que a minha turma mais gosta? Do suco gelado.	
[Professora da turma] – Então vamos escrever: suco gelado. Vai lá, L., escreve: suco gelado. G. também, pode escrever suco gelado...	- Embaixo? [pergunta uma criança se referindo ao local que deve escrever]
[Professora da turma] – Isso...	[Crianças escrevem no local indicado]
ENTREVISTADA 2	ENTREVISTADA 2 - Qual parlenda que você mais gosta?
[Professora entrevistada 2] - A que eu mais gosto... Pirulito.	
[Professora da turma] - Pirulito?	
[Professora entrevistada 2] - Pirulito que bate bate...	
[Professora da turma] – Então vamos escrever pirulito.	[Criança escreve no local indicado]
[Professora da turma] – G., L., escreve Pirulito. E., vamos lá, E. Vamos escrever Pirulito. L., você escreve assim, está bom?	[Crianças falam em voz alta: pirulito. Algumas começam a escrever no local indicado].
[Professora entrevistada 3] – Hoje é domingo pé de cachimbo.	[Professora segura a prancheta enquanto menino escreve: OHANM]
	- Prô, faltou aquela outra professora!
[Professora da turma] – Tá, a gente vai na outra turma.	

Há vários cartazes nas paredes da sala:

Cartaz 1

ONDE TEM NÚMEROS?
- CELULAR
- TELEFONE
- RELÓGIO
- ROUPA

BRANCA DE NEVE

PRÍNCIPE

RAINHA

CAÇADOR

ZANGADO

DENGOSO

ATCHIM

Lista 3

Cartaz 3

COMBINADOS DA TURMA:

RESPEITAR OS AMIGOS

RESPEITAR A PROFESSORA

CUIDAR DO MATERIAL

MANTER A SALA LIMPA

FAZER AS ATIVIDADES

PRESTAR ATENÇÃO

OUVIR A PROFESSORA

FALAR BAIXO

SER FELIZ

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

11 12 13 14 15 16 17 18 19 20

(e assim subsequentemente até o número 100)

ANEXO D - FILMAGENS

Transcrição da gravação em vídeo de atividade realizada na Escola Z2

05/ 2011

PROFESSORA	CRIANÇAS
Igual a gente faz todos os dias, a Pro troca de lugar para fazer a atividade junto com o amigo, para poder ajudar, terminou a atividade, volta para o lugar que gosta de ficar, está bom? Então deixa eu só pegar a listinha aqui...	[Crianças aguardam em seus lugares enquanto a professora define os agrupamentos]
Olha, nessa mesinha aqui eu quero o E., o R. faltou, a A. J. e a J. Pode ficar os dois aqui e a J. aqui, J., nessa mesinha, por favor...	[Crianças se deslocam para o local indicado pela professora. As demais aguardam e observam]
Isso. M., E. vai lá para a mesinha da M., por favor. P., para a mesinha da M.. B., troca de lugar com a P. E a C. vai trocar de lugar com a N. C., para a mesinha aqui, por favor. [A professora se apóia na lista com os agrupamentos que planejou previamente. Sua lista agrupa as crianças por PS/garatuja, PS, PS/SCV, SCV/PS, Alfabéticos/ Silábicos]	[Crianças caminham para seus lugares]
Prestem atenção, hoje nós vamos fazer uma atividade de leitura. Leitura do projeto da maleta literária, lembram? Nós fizemos uma exposição para nossa escola e para a nossa comunidade. Onde que está essa exposição mesmo?	Crianças: Lá embaixo!
La embaixo no nosso pátio. O que nós colocamos nessa exposição? Quem lembra?	Crianças: Eu!
Pode falar... Fala, o que que tem na nossa exposição?	Crianca 1: O título da maleta!
Não, na nossa exposição. O que nós colocamos lá, V.? O que que tem lá para todo mundo ver lá embaixo?	Crianca 1: Tem os livros...
Ah, o que que tem dos livros?	Crianca 2: Atividades dos livros!
Atividades dos livros... O que mais?	Crianca 3: A maleta literária!
A maleta literária... o que mais?	Crianca 4: O nome!
O nome... já tem o nome das historias lá embaixo?	Crianças: Não!
Não... então...	Crianca 2: Nós vamos fazer...
Nós precisamos fazer essa atividade, não é? Por que nós precisamos fazer essa atividade?	Crianca 4: O nome das atividades...
Mas por que eu preciso colocar o nome dessas atividades?	Pra todo mundo saber do nome! [Muitas crianças falam ao mesmo tempo]

Ah, sim! E quem é que vai saber desse nome?	1. Algumas pessoas que chegarem... saber... e já tem o nome [novamente falam todas juntas]
Ah... Então se as pessoas forem dar uma olhadinha na nossa exposição, as atividades estão lá, não estão?	Crianças: Estão!
Mas tem alguma legenda lá, falando?	Crianças: Não!
Tem algum cartaz informando quais os livros que já foram lidos!	Crianças: Não!
	Crianca 5: Tem um marrom lá embaixo!
Mas o que tem naquele cartaz marrom?	[silêncio]
O que que tem naquele cartaz marrom?	Crianca 5: Tem, tem, o...
Foram vocês que fizeram, eu só escrevi. Eu só usei minha maõzinha lá para escrever...	Crianca 6: Não, é que o G. falou, que escreveu na lousa e colocou no caderno para lembrar e escrever.
Mas o que que era aquilo?	Crianca 5: E para ninguém esquecer, que esqueceu, é para lembrar.
Ah, ali e um texto coletivo, não é?	Crianca 6: Para não esquecer!
E o que que tinha naquele texto coletivo?	[silêncio]
Quem lembra?	[silêncio]
Vocês falaram sobre o que naquele texto?	Escolher um livro, um livro que já foi... tem o nome da nossa sala....! [Contribuem varias crianças]
Tem o nome da nossa sala... tem quais informações de como acontece a maleta literária, não é?	Crianças: É!
Tudo isso!	Crianca 7: E o nome da atividade...
Isso... então, para a nossa exposição ficar completa, só falta agora a gente colocar as legendas, não é? Das atividades... e colocar lá embaixo também a história preferida da turma. Qual que é a história preferida da turma?	A casa sonolenta!!! [Crianças dizem em coro]
A casa...?	Sonolenta!! [repetem]
Então está bom. Então hoje a gente vai fazer essa atividade, fazendo a leitura desses títulos de histórias que vocês já conhecem, tudo bem? Cada mesinha vai procurar um título para a professora [professora pega as filipetas com os títulos das histórias em suas mãos]. Vai fazer a leitura, vai conversar com os amigos sobre o que acha, quais as hipóteses que tem, tudo bem? E aí depois nós vamos colar no nosso cartaz das histórias que já foram lidas [professora aponta para o cartaz, sinalizando-o para as crianças], para depois anexar lá embaixo e depois vamos colar	Crianças: Tudo!

também, a história preferida da turma, tudo bem?	
Então tá! Eu vou distribuir os títulos, está bom?	Crianças: Está!
[Nos pequenos grupos] A mesinha da V. vai procurar o título da história A casa sonolenta [coloca três filipetas na mesa, uma embaixo da outra: A CASA DIFERENTE, A CASA DA BRUXA, A CASA SONOLETA – todos os títulos em maiúsculas]. Está bom?	G1 [Crianças manuseiam as filipetas]
	G 2 [este grupo recebe três filipetas: VIRA LATA, VIRA BICHO, INDIO GUARANI. Devem buscar Vira Bicho. Cada criança do grupo pega uma filipeta para ler]. O menino que está com a filipeta Vira Bicho lê: Vira bicho! [passando o dedo pelo título, da esquerda para a direita, enfatizando o O final]. Bicho, e o cho.

Lê para mim, A pena.	G 3 [este grupo tem que ler A pena. Suas filipetas são: A PENA, A LENHA, A VIDA]. Isac: Pena [lê pena arrastando seu dedo da esquerda para a direita pela filipeta A LENHA].
Pena. E aí? Vem o A aqui mesmo [aponta o E de LENHA].	I.: Vem!
Onde que está Pena, mostra para mim.	I.: Pena! [lê novamente pena em A LENHA – arrasta o dedo por todo o título, da esquerda para a direita].
Primeiro me mostra, onde que esta o A da A pena?	[I. aponta o A de A LENHA].
Aqui não é? E aí? Depois? E o P da pena, onde que está?	[I. aponta o L de LENHA]
Hum... e aí? O que vocês acham? Essa daqui é a letra P? [aponta para o L de lenha, como I. sugeriu]	I.: é!
É?	[I. confirma]
Tem certeza? Então vamos lá! Termina com qual letra?	I.: A!
A! muito bem! Então será que aqui esta escrito a pena mesmo?	I.: Tá!
Lembra dessa letra? Que é a letra da L. Que letra que é essa? [aponta para o L]	I.: é... P!
É o P? De L.? Quem lembra? Você lembra D.?	[silêncio]
E você, G.?	[silêncio]

Da L. da nossa classe... Você sabe o nome dessa letra?	[silêncio]
O I. esta dizendo para mim que e o P. O que você acha K.?	I.: é o P! É o P de pena!
É o P de pena? Então olha só!	D.: Esse e o L!
Ah, que letra e essa aqui?	D.: O L.
L! e aí I.? É o P ou é o L?	I.: o L.
Ah! Então pode ser essa, a pena? [aponta para A LENHA]	I.: Porque ela tem um desse [aponta para o E de A LENHA] e esse não tem [aponta para o título A VIDA]!
Esse nao têm [apontando para A VIDA], mas esse tem [apontando para A PENA]!	É!
E aí?	I.: Mas faltou essa daqui, aqui [aponta o P em A PENA, no título A LENHA].
Então vamos ver, pode ser essa? [aponta para o título A VIDA].	Não!
Então tira essa aí, vamos tirar.	[I. tira A VIDA]
Então olha lá! A pena, começa com qual letra mesmo? Você tinha falado...	I.: A!
Com A? Me mostra onde que esta o A, D. Mostra para mim, o A...	[I. aponta o A de A LENHA] [D. e G. apontam o A de A PENA]
Isso! Aí você disse para mim, que começa com o P de pena. Só que o D. me disse que essa é a letra L [aponta para o L de LENHA]. Que letra que é essa? [aponta para o P de PENA].	I.: P!
Ahhh, será? Será?	I.: Porque e o Pe de pato...
E Pe de que?	I.: Pe de.... Queijo!
De queijo? Muito bem! Então lê para mim para ver se aqui está escrito A pena.	I.: Peeenaaaaa! [lê escorregando seu dedo desde o início do título A PENA]
É pena ou A pena?	I., novamente: Peeenaaaa [lê lentamente escorregando seu dedo desde o início do título A PENA]
Onde que está? Onde que começa o Pena?	I.: O Pena? [aponta para o E de PENA]
Aqui no E? E esse Pe não conta? [aponta para o Pe de PENA]	[silêncio]
Então vamos ler Pena...	I., mais uma vez: Peeenaaaa [lê lentamente escorregando seu dedo desde o início do título A PENA]
D., o que que você acha? Que é pena? [faz o mesmo gesto que I., escorregando seu dedo desde o início do título e lendo apenas Pena].	D.: Aqui?
É! É Pena ou A Pena?	D.: Pena!
Pena? É Pena ou A pena?	I.: A Pena!
Então onde está o A de A Pena? Mostra para mim.	[I. e G. apontam para o A de A PENA]
E ai, vocês acham que aqui está escrito o título A Pena? Ou aqui embaixo?	I.: é aqui em cima e parece que esse daqui, podia ficar aqui mesmo [aponta o título A PENA]
Ah é? Não precisa tirar esse?	I.: Não!

Está certinho aí? Pe de pena? A Pena está escrito aí?	[I. responde afirmativamente com a cabeça]
Então aqui esta escrito: A Lenha [lê o titulo A LENHA escorregando seu dedo pelas palavras]. Então pode ser essa aqui? [referindo-se a A LENHA]. O nome do título da história é A Lenha ou A Pena?	I.: A Pena!
Então pode ser esse? [aponta A LENHA].	I.: Não!
Então vamos tirar? Qual é o nosso título da história?	[D. e I. apontam a filipeta A PENA]
Vamos ler de novo?	I. lê: Peeena [passando o dedo pela escrita de todo o título]
A Pena... muito bem!	
O que esta escrito aqui?	G 4 [eles têm que encontrar o titulo A CASA SONOLENTA. As três filipetas são: A CASA SONOLENTA, A PENA e UM MONSTRO DEBAIXO DA CAMA] Erick: A Pena!
Por que está escrito A Pena?	Menina 1: Porque tem A aqui! [aponta para o A de A Pena] E.: E o NE
E o que que tem o ene?	E.: Na!
Ah, lê para mim E.!	E.: A Pena!
Mostra com o seu dedinho para a Pro. Deixa eu tirar esses [retira o outro título que estava na mesa].	E.: A Pena! [lê a filipeta escorregando seu dedo pela palavra desde o início].
E aqui? Se aqui esta escrito A Pena [mostra a filipeta A PENA] e aqui? [mostra a filipeta UM MONSTRO DEBAIXO DA CAMA]	E.: A gente não sabe!
Não? Vou dar uma dica! Um é A Pena, o outro título é A Casa Sonolenta e o outro título é o Um monstro debaixo da cama.	Menina 1: Um monstro debaixo da cama? [lê escorregando seu dedo pelo titulo]
Será?	A. J.: Ma? Mo?
Como?	Menina 1: Mo! O eme!
Um monstro começa com eme?	E.: Ummm monstro debaixo da cama [fala olhando a filipeta] Menina 1: U, U, e o U aqui [mostra o U de Um]
Ah! E aí?	E.: E termina com A! [aponta para o A final do título]
E aí?	Menina 1: Um monstro debaixo da cama... [apenas fala] A. J.: o A! E.: E aquele é da casa sonolenta! [aponta a respectiva filipeta]
Então por que vocês acham que aquele ali e da casa sonolenta?	A. J.: Porque tem o ce![fala com a filipeta na mão, mostrando para a professora]
O ce faz parte de qual palavra?	A. J.: Da casa! Menina 1: Pro, olha...

	E.: começa com A e termina com A [se referindo a A CASA SONOLENTA]. Esse daqui termina com A [se referindo a UM MONSTRO DEBAIXO DA CAMA]
Mas, ó! Você disse para mim, começa com A e termina com A [aponta o A inicial e o A final no título A PENA]. Começa com A e termina com A [aponta o A inicial e o A final de A CASA SONOLENTA]. E como vocês conseguiram ler para saber qual é a casa sonolenta?	Menina 1: Porque aqui tem muito [escorrega seu dedo pelo título A CASA SONOLENTA]
Muitas letras?	E.: tem 14 letras!
Você contou as letras?	[E. faz afirmativo com a cabeça]
Parabéns! E aí? O que mais que eu sei? Onde mais está escrito casa aí, A.J.?	Menina 1: Casa sonolenta [lê escorregando seu dedo pelo título. Começa em casa – não fala e não aponta o A inicial].
Ah! Muito bem! Parabéns! Então vocês vão colar lá no nosso cartaz da história preferida da turma, A casa sonolenta...	[E., A. J. e Menina 1 passam cola na filipeta para colá-la no cartaz. Colam os três juntos.] E.: Colou!!
Rino, o rude? Ah?	G 5 [eles têm que encontrar RINO, O RUDE. As filipetas são: RINO, O RUDE; RINO, O GRANDE; RUDE] Menino 1: Rino, o rude, começa com o erre e depois o I [fala com a filipeta na mão, mostrando as letras correspondentes]. Rude, o erre e o U (novamente, mostra as letras correspondentes).
Ah, então põe aqui na mesa, para gente ver, todo mundo. Isso. Você disse para mim que Rino começa com qual letra?	Menino 1: Erre. E depois...
Com erre?	Menino 1: é!
Mas todas aqui começam com erre, não começam?	[menino 2 aponta os vários erres que tem nas palavras] Menino 2: e esse aqui [aponta para RINO, O RUDE]. Porque o Rude, precisa do U, por isso.
Então vamos lá! Você disse para mim... onde você acha que está escrito Rino?	[menino 1 aponta para RINO, O RUDE].
Só Rino?	Menino 1: aqui é Rino [aponta para a palavra correspondente] e aqui é Rude [aponta para a palavra correspondente]
Por que aqui é Rino e aqui é Rude? [aponta cada uma das palavras enquanto fala, repetindo o gesto da criança]	Menino 1: Ri-no [lê marcando as sílabas]. Porque Rino termina com O. E Rude, termina com E [aponta as vogais corretamente]
Ahh, tá! Mas aqui também não termina com E [aponta o E final de RINO, O GRANDE]	Menino 1: termina, só que esse não é rude, porque não tem o U, tem o ene...
Ah, então aqui não tem o U, né?	Menino 1: é...
Muito bem, G., foi isso mesmo que vocês conversaram? Todo mundo acha que é isso?	[fazem sim com a cabeça]

Certinho? G. disse que aqui, o, não tem o U [aponta para GRANDE]. E aqui tem, porque o Rude precisa do U [aponta para RUDE]. E isso mesmo? É Y.?	[ela diz sim com a cabeça]
--	----------------------------

A professora convida as crianças para irem até o pátio da escola onde estão os cartazes sobre o projeto Maleta Literária. As crianças fazem um círculo em frente a professora, que está de pé, ao lado do cartaz.

PROFESSORA	CRIANÇAS
Onde eu posso colocar a informação...	Aqui! [crianças apontam a parede ao lado do mural]
Nessa parede aqui? Onde será?	[...]
O G. está dizendo que pode colar aqui, ó!	Aqui! Aqui! [também, na parede, perto do mural]
E a história preferida? Onde que dá para colar?	Aqui!! [novamente, no mesmo espaço]

Exposição no pátio interno da escola apresenta os seguintes cartazes:

Cartaz 1

EXPOSIÇÃO:
“MALETA LITERARIA”
INFANTIL 5G – TARDE
PROFESSORA E.

Cartaz 2

EXPOSIÇÃO DO MES DE ABRIL E MAIO
FAMILIAS PARTICIPANTES
LIVRO: QUE HORTA!
A. J. A. S.
A. C.
J. C. S. S.

Cartaz 3

(...)

Cartaz 4

(...)

Cartaz 5

LIVRO: QUE HORTA!
AUTOR (...)
SINOPSE: (...)

Cartaz 6

LIVRO: RINO, O RUDE

AUTOR (...)
SINOPSE: (...)

Cartaz 7

LIVRO: UM MONSTRO DEBAIXO DA CAMA

AUTOR (...)
SINOPSE: (...)

Cartaz 8

LIVRO: A PENA

AUTOR (...)
SINOPSE: (...)

Cartaz 9

LIVRO: AS CORES E OS DIAS DA SEMANA

AUTOR (...)
SINOPSE: (...)

Cartaz 10

LIVRO: A CASA SONOLENTA

AUTORA Audrey e Dom Wood

SINOPSE: Era uma casa sonolenta, onde todos viviam dormindo. Quem diria que uma simples pulguinha saltitante pudesse acabar com tudo aquilo num só instante!

ANEXO D

ATIVIDADES SEQUENCIADAS

DURAÇÃO: 1 SEMESTRE

TURMAS DE 5 ANOS

JUSTIFICATIVA

Um trabalho intencional com os nomes próprios dos alunos da classe, além de elevar a autoestima e auxiliar a construção da identidade, também é um suporte pedagógico pertinente para alavancar o processo de alfabetização / letramento.

Escrever o nome é um momento de utilização da escrita em sua plena função social, sendo também importante para identificar materiais, para atuar como fonte de consulta acerca de outras palavras, para registrar presença em sala de aula, dentre outros. Neste sentido, é de notória significância sintetizar essas situações, propiciando reflexões sobre a linguagem oral e escrita, no sentido de que os nomes próprios sirvam de ponto de partida para enriquecer o repertório de letras dos alunos, bem como, sejam referência para a escrita de outras palavras.

OBJETIVOS

- Reconhecer as situações em que faça sentido utilizar nomes próprios e reconhecer-se como um ser único;
- Conhecer as crianças da classe pelo nome;
- Escrever convencionalmente o próprio nome (com apoio e sem apoio);
- Reconhecer a escrita dos nomes dos colegas da sala;
- Utilizar o conhecimento sobre o próprio nome, bem como o dos colegas, como palavras estáveis para a escrita de outras.

CONTEÚDOS

- Nome próprio
- História do nome
- Escrita de nomes próprios
- Alfabeto
- Leitura

ETAPAS PROVAVÉIS

- Leitura do poema NOME DA GENTE (Pedro Bandeira);
- Roda de conversa (sobre a importância do nome);
- Identificar os materiais de uso dos alunos;
- História do nome:
 - Objetivo: Conhecer a origem do seu nome.
 - Material: Folhas de papel ofício.
 - Procedimento:
Propor às crianças que façam uma entrevista com os seus pais, procurando saber qual a origem dos seus nomes.
Montar com os alunos uma ficha para auxiliá-los na entrevista, incluindo perguntas tais como:
- Quem escolheu meu nome?- Por que me chamo...? O que significa... ?

Combinar com a turma o dia do relato e como ele será. (A escolha do professor)

- Sugestão de Atividade:

Contar a história do seu nome aprendida com a entrevista.

- Observações:

Todos deverão trazer a entrevista no dia marcado, oportunizando o desenvolvimento da responsabilidade desde pequenos.

Lista com os nomes dos alunos da classe: localizar o próprio nome e o nome dos colegas da sala;

- Ditado dos nomes: será ditado um nome da lista, cada aluno deverá localizá-lo e circulá-lo;
- Bingo de nomes;

- Objetivo: Conhecer as letras que compõem a escrita de seu nome através do jogo.

- Materiais: Cartelas de cartolina ou papelão; tampinhas de garrafa ou pedrinhas para marcar as letras; folhas de desenho; fichinhas com as letras dos nomes; cola; papel colorido (para fazer bolinhas de papel) ou palitos de fósforo usados.

- Procedimento:

Cada criança receberá uma cartela com a escrita do seu nome. O professor sorteará as letras, dizendo o nome de cada uma delas para que as crianças identifiquem-nas. Cada letra sorteada deverá ser marcada na cartela caso haja no seu nome. Assim que a cartela for preenchida o aluno deve gritar: BINGO!

Logo que terminarem o jogo, será proposto um relatório realizado individualmente, com a distribuição de fichinhas com as letras do nome (Uma ficha para cada letra) entregues fora de ordem.

As crianças deverão ordenar as fichas, compondo o seu nome, e colocá-las em uma folha de sulfite. A professora pede que contem quantas letras há na escrita do seu nome e propõe que cole a quantidade representativa em palitos de fósforos ou bolinhas de papel, na folha.

- Sugestão de Avaliação: Reconhecer em fichinhas as letras que fazem parte da escrita do seu nome.

- Forca; usando os nomes da turma: Organizar os alunos em equipe. Pedir que cada equipe escreva um nome de um dos colegas da sala no papel. O professor deverá recolher os nomes e fazer o jogo da forca com os mesmos.
- Jogo da memória com nome; **Apresentar o jogo**
Em roda mostrar o jogo e organizar as peças para que as crianças vejam como se joga. Inicialmente propor o jogo da memória aberto (com as imagens voltadas para cima) e propor para que determinadas crianças encontrem os pares. Deixar que as crianças manuseiem os cartões, sem pressa de que se apropriem das regras convencionais. Utilizar a fotografia da criança como um recurso;
- Quebra-cabeça; - O professor deverá escrever os nomes dos alunos em cartões e deixar espaço entre as letras para recortar e fazer quebra-cabeças com os nomes. Em seguida, distribuir para os alunos, que deverão estar organizados em equipes.
- Nome oculto;
- Classificação dos nomes pela letra inicial e final e a quantidade de letras;
- Cantigas de roda que evidencie o nome: brincadeiras de roda com nomes citados durante a cantiga.
- Envelope surpresa com os nomes dos alunos
- Adivinha de nomes: a professora começa a escrever um nome e as crianças, consultando a lista de nomes que está na sala, tentam adivinhar de quem é aquele nome e que letras são necessárias para completá-lo.
- Realizar leitura de nomes e socializar estratégias (recurso conhecido como "preguicinha": a professora vai mostrando letra por letra do nome para que as crianças identifiquem o nome escondido);

ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS

- Etiquetar materiais, identificar pertences entre outros;
- Preparar cartões com os nomes dos alunos – crachás de mesa;
- Construir cartazes com o nome das crianças;

AVALIAÇÃO

O processo avaliativo será diagnóstico e processual, sendo desenvolvido por meio de observações e registros da professora, em relação ao trabalho realizado com as crianças, acerca de seus nomes.

❖ Observáveis:

- Quais nomes escreve? De que forma?
- Quais estratégias utiliza-se para leitura ou escrita do nome dos colegas?
- Conhece as crianças pelo nome?
- Utiliza os nomes como apoio para escrita de outras palavras?

NOME DA GENTE

EU NÃO GOSTO DO MEU NOME
NÃO FUI EU QUEM ESCOLHEU.
EU NÃO SEI PORQUE SE METEM
COM UM NOME QUE É SO MEU.
O NENÊ QUE VAI NASCER
VAI CHAMAR COMO O PADRINHO
VAI CHAMAR COMO O VOVÔ
MAS NINGUÉM VAI PERGUNTAR
O QUE PENSA O COITADINHO.
FOI MEU PAI QUEM DECIDIU
QUE O MEU NOME FOSSE AQUELE
ISSO SO SERIA JUSTO
SE EU ESCOLHESSE O NOME DELE.

QUANDO EU TIVER UM FILHO
NÃO VOU POR NOME NENHUM
QUANDO ELE FOR BEM GRANDE
ELE QUE PROCURE UM.

(Pedro Bandeira)

Sugestões de outras atividades

Montagem de listas de nomes dos colegas da sala com alfabeto móvel, com ou sem modelo.

Leitura de cartões com nomes para saber em que lugar cada aluno/a deve sentar; para saber, quem irá ser os ajudantes do dia, etc.

Escrita de lista de chamada da classe.

Organização da lista de nomes dos/as colegas em ordem alfabética.

Organização de listas pela quantidade de letras, iniciando do que tem mais para o que tem menos letras ou vice-versa.

Organização através da última letra.

Organização de nomes de meninos ou de meninas.

Contagem de letras em cada nome para comparações como quais têm mais ou menos letras, os que apresentam letras repetidas, os que apresentam letras iguais às de outros nomes.

Criação de novos nomes usando as primeiras sílabas de um e as últimas de outro, por exemplo: **LUCAS – LUCIANO, MARCOS – MARTA, JOSÉ – SELMA, DANIELA – LAURA.**

Procurar nomes escondidos dentro de outros nomes, por exemplo. **MARIANA = MARIA + ANA, JULIANA = JULIA = ANA.**

Transformar nomes femininos em masculinos ou vice-versa, transformar nomes em seus diminutivos ou aumentativos ou ainda transformá-los em plurais, por exemplo: **PAULA = PAULO, MARIANA = MARIANO; PAULO = PAULINHO / PAULÃO; MARIANA = MARIANAS.**

A QUEM PERTENCE? Os alunos recebem cada qual seu cartão, para aprender a reconhecer seu nome escrito. Misturam-se depois os cartões em uma caixa. Um/a aluno/a de cada vez retira um cartão. Todos observam e dizem a quem pertence. Continua a brincadeira até que todos os cartões sejam retirados e, à medida que forem sendo reconhecidos, cada aluno coloca o cartão com o seu nome no peito.

ANEXO E – Protocolos de entrevista com crianças: dois exemplos

PROTOCOLO 1

Instituição: Z2

Criança: Gabriel S. F. (6,5)

Data: 22/11/11

ENTREVISTA 13

Tarefa 1: Escrita e interpretação do nome próprio

G A B R I E L _____	E: <i>Lê prá mim apontando com o seu dedinho...</i> A: “Ga-bri-eu-o. Gabriel da Silva Fonseca. Minha mãe deu esse nome prá mim porque ela pegou do anjinho Gabriel.”
-------------------------------	---

Tarefa 2: Escrita de palavras no ditado (SA – Silábico-alfabético)

Gelatina	G A I L A _____ G A I L A A _____	A: “É o ge... la.. ti.. ti.. na.. ele e a”. E: <i>Lê prá mim apontando com o seu dedinho...</i> A: “Pode fazer assim?” [E faz o gesto de apontar as letras de duas em duas com a caneta como se quisesse controlar a quantidade de letras de cada sílaba] E: <i>Pode ler apontando com o dedinho mesmo.</i> A: “Ge-la-ti... [tira o dedo sentindo falta de mais letras] na. [Começa de novo] Ge-la-ti... na... esqueci de mais um A.” E: <i>Tá, pode por.</i> A: “Ge-la-tina.”
Tomate	T O M A T _____	A: “To... te e o... ma... eme e a... te... to-ma-te... te.” E: <i>Lê prá mim apontando com o seu dedinho...</i>

	___ [usou o A para compor 2 letras com o te na hora da leitura]	A: “To-ma-te”.
Pipoca	P I P O A _____	A: “Pi... pe e i... po... pe e o... ca... ca é o a.” A: “Pi-po-ca”. [Sem solicitação de leitura]
Fruta	S U T A ___ ___	A: “Fruta... o esse... fru... é o u... ta... é o te e a.” A: “Fru-ta”. [Sem solicitação de leitura]
Café	K A V S E ___ ___	A: “Ca... [escreve o K] xi, esqueci, era o A...” E: <i>Começa aqui embaixo de novo.</i> A: [Escreve o A] “Ca... fé”. [Escreve o V e o S] “Ca-fé...” [Tenta ler café em AVS controlando as letras de duas em duas e vê que falta uma] “Que letra é fé? O é.” [Escreve o E] E: <i>Então, lê prá mim...</i> A: “Ca-fê.”
Sal	S A O _____	A: “Essa é fácil... Sa... (Escreve o S e o A) e o O... Sau-o.” E: <i>Lê prá mim...</i> A: “Sau-o.”

Tarefa 3A: Leitura de títulos de história: leitura s/ contexto – O que está escrito?

PINÓQUIO	
A BELA ADORMECIDA	

O PATINHO FEIO	
-----------------------	--

PELE DE ASNO1	A: “Pe... ele e e... de e... a... esse... ene o... Céu... Ou é Céu ou é Péu.”
----------------------	---

Tarefa 3B: Leitura com contexto verbal 1: Títulos de histórias conhecidas

PINÓQUIO1	A: “Pe... i... ene... o... que... u...ene... o... Ah! Não consigo.”
O PATINHO FEIO	
PELE DE ASNO	
A BELA ADORMECIDA	

Tarefa3C: Leitura com contexto verbal 2: onde diz “Pele de asno”?

PINÓQUIO	
A BELA ADORMECIDA	
O PATINHO FEIO	
PELE DE ASNO1	<p>A: (Olhouapontando para Pele de Asno) “É essa.”</p> <p>E: <i>Por que vocêacha que é essa?</i></p> <p>A: “Porque aqui (Apontando para Pinóquio) não podia ser Pele de Asno, porque Pele de Asno tem um monte de letra e aqui tem pouca.” [Apontando para Pinóquio]</p> <p>E: <i>Hã...</i></p> <p>A: “Então aqui [apontando para Pele de Asno] Pele de Asno.”</p>

Tarefa3D: (Não precisou)

- **Leitura com contexto verbal2: em um diz “Pele de asno” e em outro diz “Pinóquio”. Onde diz “Pele de asno”?**

Tarefa 4A: Exploração de livros: conto e enciclopédia

Solicitação de busca	
<p>E: <i>Primeiro vamos buscar informação sobre os BOIS, em que livro você acha que tem que procurar para saber mais sobre os bois, para aprender sobre os bois?</i> [Dar os livros].</p>	<p>A:(Aponta para o informativo)</p> <p>E: <i>Por que você acha que é nesse?</i></p> <p>A:“Porque aqui parece um boi.” (Apontando para a capa do informativo)</p> <p>E: <i>E no outro?</i></p> <p>A: “Aqui é um touro.” [Apontando para a capa do literário]</p> <p>E: <i>Então procura informações sobre os bois e quando achar me avisa, tá?</i>[Entregando o informativo]</p> <p>A: [Começa a folhear o livro] “Cavalo...” [Para na página das vacas e aponta a imagem da vaca na página da esquerda] “Aqui, bois!”</p> <p>E: <i>É boi?</i></p> <p>A: “Há não... é vaca!” [continua folheando] “Ovelha, burro... boi!” [Apontando para a imagem do búfalo na página da esquerda]</p> <p>E: <i>É boi?</i></p> <p>A: “Ou é touro? É cabra.” [Continua folheando] “Cavalo... cabra.”</p> <p>E: <i>Acho que pulou página... [Ajudo a voltar as página].</i></p> <p>A: [Começa a folhear de novo] “Isso parece boi.” [Apontando para a imagem de baixo do lado esquerdo na página dos Bois]</p> <p>E: <i>É? Onde mais a gente pode olhar prá ter certeza se nessa página está falando sobre Bois.</i>”</p> <p>A: “Aqui.” [Apontando para o bloco de texto do lado da imagem na página esquerda]</p> <p>E: <i>O que pode estar falando aí sobre os bois?</i></p>

	<p>A: “Eu não sei...”</p> <p>E: [Leio um trecho]</p> <p>A: “Porque eles são mais fortes do que os outros animais. Mas o animal mais forte do mundo é o elefante.”</p>
--	---

Tarefa 4B: Exploração de livros: conto e enciclopédia

<p>Pergunta sobre o índice</p> <p>E: <i>O que é isto? (assinalar o índice)</i></p> <p>E: Aqui diz “bois” e tem números. Para que são esses números? Que números são?</p>	<p>E: <i>E se a gente quisesse saber rápido se tem informações sobre os bois nesse livro, tem algum lugar onde a gente pode olhar?</i></p> <p>A: [Balança a cabeça negativamente]</p> <p>A: “Informação sobre os bois?”</p> <p>E: [Explico o que é o índice] <i>Será que aqui tá dizendo que tem informação sobre os bois?</i></p> <p>A: “Eu já sei onde é boi... aqui olha.” [Apontando para Burros e Mulas] “Bois... é que aqui não tem be e o O.”</p> <p>E: <i>Então vê se tem o Be e o O em algum...</i></p> <p>A: “Be e u... “ [Apontando para Burros] “Ce e O... não... ce e de.” [Apontando para Cabras] “Aqui... Be e O!”</p> <p>E: <i>O que está escrito aí?</i></p> <p>A: “Boi.”</p> <p>E: <i>Isso... Bois.</i></p> <p>A: “Pra saber as forças dos animais? Pra saber que a força do boi é dezesseis?”</p> <p>E: <i>Não... Pra mostrar as páginas onde ficam...</i></p> <p>A: “Ah! Já sei... pra poder achar... é só olhar aqui.” [Apontando para Bois ----- 16]</p>
---	--

	<p>E: <i>Isso... veja se você consegue achar.</i></p> <p>A: [Começa a folhear o livro] “Página sete, página oito, página onze, página treze, página dezessete...”</p> <p>E: <i>Aí a página dezesseis.</i> [Aponto]</p> <p>A: “Dezesseis.. .”</p> <p>E: <i>É aquela página que a gente estava vendo sobre os bois.</i></p>
--	---

Tarefa 4C: Exploração de livros: conto e enciclopédia

<p>Antecipação das características de um texto info. /literário</p> <p>E: <i>Olhe bem. Em um destes dois livros diz: “. O boi foi à cozinha buscar farinha para o bolo”. Em qual dos dois livros estará escrito isso? Como você descobriu?</i></p>	<p>A: [Aponta o literário] “É esse.”</p> <p>E: <i>Por que você acha que é esse?</i></p> <p>A: “Porque esse aqui era outro, era de animal sério e esse é de animais engraçados.” [Apontando respectivamente para o informativo e o literário] “Esse é de mania.”</p> <p>E: <i>O quê? Mania?</i></p> <p>A: “É... mania, quer dizer história legal, alguma coisa legal. Esse é o boi que foi à cozinha, não é?”</p> <p>E: <i>Isso.</i></p>
---	---

Tarefa 4D: Exploração de livros: conto e enciclopédia

<p>Leitura da capa e contracapa do livro de contos: dados sobre a cultura escrita em textos ficcionais</p> <p>Pegar o livro literário.</p>	
---	--

<p>E: <i>O que pode estar dizendo aqui na capa?</i></p> <p>E: <i>E aqui o que diz?</i> [autor]</p> <p>E: <i>E aqui o que dirá?</i> [editor]</p> <p>E: <i>Por que os livros costumam ter essa página aqui?</i> [contracapa]</p> <p>E: <i>E aqui?</i> [Foto da autora]</p>	<p>A: “O boi foi à cozinha?”</p> <p>E: [Leio o título]</p> <p>A: “Já sei, o nome de quem fez.”</p> <p>E: [Leio o nome da autora]</p> <p>A: “É o título da história, não é?”</p> <p>E: [Explico]</p> <p>A: [Balança a cabeça negativamente]</p> <p>E: [Explico]</p> <p>A: “Não é pra mostrar quem fez?”</p> <p>E: [Explico]</p>
<p>Outros dados sobre a cultura escrita nos livros e as práticas de leitura no contexto familiar:</p> <p>E: <i>Na sua casa tem livros?</i></p>	

	<p>A: [Balança a cabeça afirmativamente] “Só um, que é o Grande Juninho, só que ele é pequenininho. E todo mundo fica chamando ele de baixinho, zoando ele.”</p> <p>E: <i>E você leva livro emprestado da escola pra casa? Tem alguém na sua casa que lê pra você?</i></p> <p>A: “Minha mãe.”</p> <p>E: <i>Tem alguma história que você mais gosta?</i></p> <p>A: “Do Mogli.”</p> <p>E: <i>É livro?</i></p> <p>A: “É, mas eu tenho até um joguinho do Mogli, mas o meu jogo favorito é Cavaleiros do Zoodíaco.”</p>
--	---

Tarefa 5: Omissão do primeiro fonema

Palavras prova:	
PATO - MESA	
PELO	“PE”
FACA	“VA” [Retomo a regra]
BOCA	“BO”
DEDO	“EDO”
MULA	“ULA”
SAPO	“LAPO”
FOTO	“OTO”
SOMA	“OMA”
BOLA	“OLA”
VASO	“ASO”

Tarefa 6: Conhecimento de letras

<p>E: [Mostrando o teclado] <i>Você Sabe o que é isso? Para que se usa? Sabe o que é um computador? Quem usa? Para quê?</i></p>	<p>A: “Teclado”.</p> <p>E: <i>É um teclado de computador.</i></p> <p>E: <i>E na sua casa tem?</i></p> <p>A: “Tem um joguinhos, mas a Internet vive caindo.”</p> <p>E: <i>Mas você pode jogar quando a Internet tá funcionando?</i></p> <p>A: “Posso, mas às vezes o meu irmão vem e toma de mim.”</p> <p>E: <i>Quem mexe no computador na sua casa?</i></p> <p>A: “Meu pai e meus irmãos.”</p> <p>E: <i>E o que ele faz no computador?</i></p> <p>A: “Fica vendo o negócio do mundo, tem o Japão, só a China que não, o mundo inteirinho.”</p>
<p>B – Pede-se que busque as letras de seu nome.</p>	<p>A: “Ge” [Aponta a letra G], “A” [aponta a letra A], “Be” [Aponta a letra B], “Erre” [Aponta a letra R], “I” [Aponta a letra I], “E... cadê o E” [Aponta a letra E], “Ele” [Aponta a letra L].</p> <p>Obs.: Tem familiaridade com o teclado.</p>

B. Ordem do teclado – da esquerda para direita - para cada uma das letras.

E: *Aqui estão todas as letras... vamos ver se vc conhece?*

[Fala o nome das letras com muita rapidez]

Q	W	E	R	T	Y	U	I	O	P
“Que”	“Dábliu”	“E”	“Erre”	“Te”	“Ipisilon”	“U”	“I”	“O”	“Pe”
A	S	D	F	G	H	J	K	L	Ç

“A”	“Esse”	“De”	“E... Efe”	“Ge”	“Aga”	“Jota”	“Ka”	“Ele”	“Ce de mão.”
Z	X	C	V	B	N	M			
“Ze”	“Xis”	“Ce de novo, ce normal.”	“Ve”	“Be”	“Ene”	“Eme”			

A: “E aqui é um, dois, três, quatro...” [Apontando os números do teclado]

PROTOCOLO 1

ENTREVISTA 12

Instituição: X2

Criança: Yasmin L. S.

Idade: 6,0

Data: 1/12/11

Tarefa 1: Escrita e interpretação do nome próprio

YASMIN [N espelhado] _____	E: <i>Lê pra mim?</i> A: “Yasmin”. [Assinalamento global]
-------------------------------	--

Tarefa 2: Escrita de palavras no ditado (Pré-Silábico)

E: *Eu sei que as crianças não escrevem como os adultos, que elas escrevem...*

A: “Eu não sei escrever.”

E: *É pra escrever do seu jeito, do jeito que você achar melhor...*

Gelatina	A N I N A [Ns espelhados] _____	E: <i>Agora lê pra mim.</i> A: “Gelatina”. [Assinalamento global]
Tomate	N E L W [N espelhado] _____	E: <i>Lê pra mim apontando com o dedinho?</i> A: “Tomate”. [Assinalamento global]
Pipoca	F L E P _____	E: <i>Lê pra mim apontando com o dedinho?</i> A: “Pipoca”. [Assinalamento global]
Fruta	A S M I N E [N espelhado] _____	E: <i>Lê pra mim apontando com o dedinho?</i> A: “Fruta”. [Assinalamento global]
Café	K A S I E _____	E: <i>Lê pra mim apontando com o dedinho?</i> A: “Café”. [Assinalamento global]

Sal	R P E L _____	E: <i>Lê pra mim apontando com o dedinho?</i> A: “Sal”. [Assinalamento global]
------------	------------------	---

Tarefa 3A: Leitura de títulos de história: leitura s/ contexto – O que está escrito?

PINÓQUIO	1	A: “Eu não sei o que está escrito.” E: <i>O que você acha que pode estar dizendo aí?</i> A: [Inaudível]
A BELA ADORMECIDA		

O PATINHO FEIO	
-----------------------	--

PELE DE ASNO	
---------------------	--

Tarefa 3B: Leitura com contexto verbal 1: Títulos de histórias conhecidas

PINÓQUIO		
A BELA ADORMECIDA	3	A: “Da vovozinha?” E: <i>Por que você acha que pode ser Da Vovozinha?</i> A: [Balança a cabeça negativamente]
O PATINHO FEIO	2	A: “Da formiguinha?”
PELE DE ASNO	1	A: “Eu não sei o que está escrito aqui também.”

Tarefa 3C: Leitura com contexto verbal 2: onde diz “Pele de asno”?

PINÓQUIO	
-----------------	--

A BELA ADORMECIDA	1	A: “Essa daqui.”[Aponta para A Bela Adormecida] E: <i>Por que você acha que é essa?</i> A: “Porque tem muitas.”
O PATINHO FEIO		
PELE DE ASNO		

Tarefa 3D:

- **Leitura com contexto verbal2: em um diz “Pele de asno” e em outro diz “Pinóquio”. Onde diz “Pele de asno”?**

PELE DE ASNO		
PINÓQUIO	1	A: [Aponta para Pinóquio] E: <i>Por que você acha que é essa?</i> A: “Porque tá quase mais muito.” [Comparando Pinóquio com Pele de Asno] E: <i>E Pele de Asno tem mais ou menos letra do que Pinóquio?</i> A: “Tem mais.” E: <i>E qual você acha que é?</i> A: [Aponta para Pele de Asno] E: <i>Essa diz Pinóquio e essa diz Pele de Asno.</i> [Apontando uma e outra respectivamente]

Tarefa 4A: Exploração de livros: conto e enciclopédia

Solicitação de busca E: <i>Primeiro vamos buscar informação sobre os BOIS, em que livro você acha que tem que procurar para saber mais sobre os bois, para aprender sobre os bois?</i> [Dei os livros]	A: “Nesse.”[Apontando para o literário]. E: <i>Por que nesse?</i> A: “Porque parece que tem... mas é nesse!” [Mudando de ideia e apontando para o informativo] E: <i>Ah! E nesse? Por que você acha?</i> A: “Porque tem animais.” E: <i>E nesse, não?</i> [Apontando para o literário] A: [Balança a cabeça negativamente] E: <i>Então vamos ver se você acha informações sobre os bois aqui.</i> [Entregando o informativo] <i>Quando você achar, você me fala.</i>
--	---

<p>Localização por parte da criança do setor onde diz sobre os bois</p>	<p>A: [Folheia o livro, para na página dos bois e aponta a imagem do lado esquerdo]. “É esse?”</p> <p>E: <i>Já achou? Onde você acha que tem informação sobre os bois aí?</i></p> <p>A: “Aqui.” [Apontando a imagem do boi no alto da página da esquerda]</p> <p>E: <i>O que será que está falando aí sobre os bois?</i></p> <p>A: “Eu não sei.”</p> <p>E: <i>E será que sem ser nas imagens, tem algum outro lugar que está falando sobre os bois?</i></p> <p>A: “Na fazenda de bois?”</p> <p>E: [Leio o trecho]</p>
--	---

Tarefa 4B: Exploração de livros: conto e enciclopédia

<p>Pergunta sobre o índice</p> <p>E: <i>Sabe o que é isto?</i> [assinalo o índice]</p> <p>E: <i>Aqui diz “bois” e tem números. Para que são esses números? Que números são?</i></p>	<p>A: [Balança a cabeça negativamente.]</p> <p>E: <i>Aqui é o índice...</i> [Explico]</p> <p>A: “Pra contar.”</p> <p>E: [Explico]</p> <p>E: <i>Aqui diz “Bois 16”, o que será esse dezesseis?</i></p> <p>A: “Porque tem muitos bois.”</p> <p>E: <i>É o número da página que tem informações sobre os bois.</i> [Folheio e mostro as páginas]</p>
--	--

Tarefa 4C: Exploração de livros: conto e enciclopédia

<p>Antecipação das características de um texto info. /literário</p> <p>E: <i>Olhe bem. Em um destes dois livros diz: “O boi foi à cozinha buscar farinha para o bolo”. Em qual dos dois livros estará escrito isso?</i></p>	<p>A: [Aponta para o literário].</p> <p>E: <i>Por que você acha que é nesse?</i></p> <p>A: “Porque tem a cenoura.”</p>
--	--

Tarefa 4D: Exploração de livros: conto e enciclopédia

<p>Leitura da capa e contracapa do livro de contos: dados sobre a cultura escrita em textos ficcionais</p> <p>Pegar o livro literário.</p> <p>E: <i>O que você acha que diz aqui?</i> [Apontando a capa]</p> <p>E: <i>E aqui?</i> [autor].</p> <p>E: <i>E aqui?</i> [editora].</p>	<p>A: “Não sei.”</p> <p>E: <i>É o título do livro.</i> [Leio]</p> <p>A: “Não sei”.</p> <p>E: <i>É o nome de quem escreveu o livro (leio).</i></p> <p>A: “Não sei”.</p>
---	--

	<p>E: <i>É o nome da editora.</i> [Leio]</p> <p>E: <i>E aqui, você sabe que informações costumam ter aqui?</i> [Apontando para a contracapa]</p> <p>A: [Balança a cabeça negativamente]</p> <p>E: <i>Está falando que ano que fez o livro, onde... E aqui?</i> [Apontando para a foto da autora]</p> <p>A: “É a moça que fez o livro.”</p> <p>E: <i>Isso! É a escritora.</i></p>
<p>Outros dados sobre a cultura escrita nos livros e as práticas de leitura no contexto familiar:</p> <p>E: <i>Você tem livros na sua casa?</i></p> <p>E: <i>Alguém lê prá você na sua casa?</i></p> <p>E: <i>Qual é a sua história preferida?</i></p> <hr/>	<p>A: “Tem.”</p> <p>E: <i>Quais?</i></p> <p>A: “Da Chapeuzinho e daquele homem que faz bolo e do Saci, só.”</p> <p>A: “Só a minha prima.”</p> <p>A: “A do homem que faz bolo.”</p> <p>E: <i>Mas é um livro de história ou de receita?</i></p> <p>A: “De história.”</p>

Tarefa 5: Omissão do primeiro fonema

<p>Palavras prova: PATO - MESA</p>	
--	--

PELO	“PE”
FACA	“CA” OBS: Relembro a regra
BOCA	“BO”
DEDO	“DE”
MULA	“MU”
SAPO	“SA”
FOTO	“FO”
SOMA	“NÃO SEI O QUE É ISSO”
BOLA	“BO”
VASO	“VA”

Tarefa 6: Conhecimento de letras

<p>A - Mostrando o teclado: E: <i>Você sabe o que é isso?</i></p> <p>E: <i>Na sua casa tem computador?</i></p> <p>E: <i>Quem usa? Para quê?</i></p>	<p>A: “Computador”.</p> <p>E: <i>É um teclado de computador. Você já viu em algum outro lugar sem ser na escola?</i></p> <p>A: “Na minha casa que tem e no lugar onde que compra.”</p> <p>E: <i>De quem é o computador da sua casa?</i></p> <p>A: “Meu e o outro que é da minha mãe. Que é notebook o da minha mãe e o meu é que é computador.”</p> <p>E: <i>E o que a sua mãe faz no computador?</i></p> <p>A: “Ela fica mexendo e dá prá ligar. Ela liga prá mim no meu computador.”</p> <p>E: <i>É no skype?</i></p> <p>A: [Balança a cabeça afirmativamente]</p> <p>E: <i>E você o que fica fazendo no computador?</i></p> <p>A: “Eu fico jogando, fico escrevendo o meu nome e o nome do meu irmão.”</p> <p>E: <i>Que bacana, como ele chama?</i></p> <p>A: “Robert.”</p>
<p>B – Pede-se que busque as letras de seu nome.</p>	<p>A: [Aponta para a letra Y], [Aponta para a letra A], [Aponta a letra S], [Aponta a letra M],</p>

	[Aponta a letra I], [Aponta a letra N]. Obs.: Tem familiaridade com o teclado.
--	--

C. Ordem do teclado – da esquerda para direita - para cada uma das letras.

E: *Aqui estão todas as letras... vamos ver se você conhece?*

Q	W	E	R	T	Y	U	I	O	P
“Não”	“Não”	“Não”	“Não”	“Não”	“Ipsilon”	“Não”	“I”	“O”	“Não”
A	S	D	F	G	H	J	K	L	Ç
“A”	“Não”	“Não”	“Não”	“Não”	“Ká?”	“Não”	“Não”	“Não”	“Não”
Z [Recita baixinho o alfabeto] “Ze”	X	C	V	B	N	M			
	“Xis”	“O”	“Não”	“Be”	“Não”	“Não”			